



Testemunho extraordinário de maneiras ordinárias

*Dando ao mundo provas
de bondade e de esperança*



Série sobre a integração do testemunho cristão

- “Você será minha testemunha”: Testemunha inevitável no trabalho da Visão Mundial
- Reflexões sobre marketing e angariação de fundos
- Reflexões sobre o desenvolvimento de negócios e de microempresas
- Reflexões sobre a promoção de justiça e a própria justiça
- Reflexões sobre a liderança moldada na misericórdia
- Testemunho extraordinário de maneiras ordinárias
- E depois da liberação vem o quê?: Como habilitar e proteger as comunidades no contexto pós-autoritarism
- Fundamentos bíblicos para os trabalhadores humanitários
- Série sobre o islamismo
- Fundamentos bíblicos para os trabalhadores humanitários

Testemunho extraordinário de maneiras ordinárias

*Dando ao mundo provas de
bondade e de esperança*

Tim Dearborn



© 2011 World Vision International.

ISBN 978-1-887983-33-4

Autor: Tim Dearborn

Todos os direitos reservados. É proibido reproduzir esta publicação sob qualquer forma, sem a permissão prévia do editor, com exceção de breves transcrições de sumários.

Publicado por Compromissos Cristãos em nome da World Vision International.

Todas as citações da Bíblia, salvo menção em contrário, são da New Revised Standard Version of the Bible (Anglicised Edition), copyright © 1989, 1995 publicada pela Divisão de Educação Cristã do Conselho Nacional de Igrejas de Cristo dos EUA.

Para obter mais informações sobre esta publicação ou sobre a World Vision International ou para obter cópias adicionais desta publicação, contate wvi_publishing@wvi.org.

Redator da série: Tim Dearborn. Redator chefe: Edna Valdez. Redator sênior: Rebecca Russell. Gerência de produção: Katie Klopman. Edição de texto: Jo Marie Dooley. Revisão: Audrey Dorsch. Capa e diagramação interna: Rebekah Roose, Wayne Dailey.

Conteúdo

Introdução: Vivendo como testemunhas	1
Capítulo 1. Parceria: Compartilhamento de um futuro comum.....	11
Capítulo 2. Hospitalidade: Como voltar para casa num mundo repleto de saudade.....	20
Capítulo 3. Mudança: Quanta transformação ousamos buscar?r	34
Capítulo 4. Poder: Rejeição do tamanho como medida de significado	44
Capítulo 5. Governos: Engajamento com pessoas no poder	54
Capítulo 6. Justiça: Correção os relacionamentos com os pobres e oprimidos	66
Capítulo 7. Riscos: Seguindo Cristo em um mundo perigoso.....	75
Capítulo 8. Assistência Emergencial: Credibilidade no auge da crise ..	86
Capítulo 9. Deficiências: Quem é totalmente capaz?	96
Capítulo 10. Sofrimento: A comunidade de lágrimas.....	103
Conclusão: Esperança realizada	121

INTRODUÇÃO

Vivendo como testemunhas

Todos somos testemunhas de alguma coisa. Todos ocupamos o banco das testemunhas e somos inquiridos por nossas circunstâncias, bem como por quem observa a forma como vivemos. Ser testemunha não é opcional. Não se trata de perguntar “Teremos de testemunhar?”, mas sim “Do que (ou de quem) seremos testemunhas?”

Sendo uma organização não governamental (ONG) atuando na esfera humanitária, a Visão Mundial é extremamente sensível à essa palavra, “testemunha”. Ela se relaciona tanto ao imperativo da Visão Mundial de manter uma identidade cristã distinta e credível como seguidores de Cristo, quanto ao imperativo da Visão Mundial de não utilizar o auxílio de forma que explore a vulnerabilidade das pessoas incentivando-as a se converter.

Não faz sentido perguntar “Eu devo testemunhar”? Nossa convicção é de que ser ou não uma “testemunha” não é uma opção. Toda pessoa e toda organização “testemunha” durante suas vidas, por suas ações e palavras, aquilo em que acredita e que preza.¹

¹ Para uma discussão mais aprofundada, consulte “*You Will Be My Witnesses*”: *Unavoidable witness in the work of World Vision*, Tim Dearborn; World Vision International, 2011.

“Toda pessoa e toda organização “testemunha” durante suas vidas, por suas ações e palavras, aquilo em que acredita e que preza.”

Ao contrário, as perguntas que todos enfrentamos são: “O meu testemunho tem alguma credibilidade, e estou testemunhando algo que vale a pena conhecer?”

Porque o testemunho é uma parte natural da vida, na forma como os outros observam a coerência entre nossas palavras e ações. Não pode ser algo programado para ser acrescentado, nem mesmo uma estratégia orquestrada. Não se trata de um estilo de vida opcional adotado por alguns, mas repellido por outros.

Os funcionários da Visão Mundial, independentemente de se identificarem como cristãos ou não no seu trabalho rotineiro, são testemunhas todos os dias. É por esse motivo que há muitos anos a Visão Mundial do Camboja incentiva todos os funcionários, não importa qual seja sua fé, a participar de um workshop sobre “o testemunho cristão holístico”. Uma pessoa que presenciar um acidente de carro precisa ter o conhecimento suficiente para fazer um relato preciso do que viu. Todos os funcionários da Visão Mundial precisam saber o suficiente sobre a identidade e os compromissos cristãos da Visão Mundial para fazer um relato preciso às outras pessoas, sobre as crenças e os valores da Visão Mundial. Dentre aqueles de nós que possuem a dádiva de saber anunciar abertamente nossa identidade de “seguidores de Cristo”, estamos trazendo crédito e credibilidade ao amor de Deus e ao Evangelho de Cristo, ou a desacreditamos.

Historicamente, e nas anedotas sobre o trabalho diário da Visão Mundial, o melhor testemunho cristão geralmente ocorre no ponto onde as palavras se complementam com ações, onde a igreja encontra tudo que não seja igreja, onde a vida encontra a morte, onde a certeza encontra a incerteza. No âmago dos encontros ordinários da vida, damos testemunho do Reino de Deus nas interseções da eterna beleza do céu onde quer que encontremos os traumas da terra. Nosso testemunho visa dar prova daquele Grande

Dia quando toda escravidão humana será extinta na liberdade do céu, e quando todas as nossas feridas causadas por pecados serão curadas pelo abraço de Deus.

Esse tipo de testemunho invade os momentos ordinários da vida cotidiana com a extraordinária realidade da bondade de Deus. Pode e deve permear tudo que fazemos, pois flui da presença de Deus em tudo que somos. As pessoas que alegam conhecer Cristo, alegam que foram tocadas pelo céu. Existe credibilidade na vida dessas pessoas e no “testemunho ocular” para essa alegação? Os cristãos testemunham o Reino de Deus porque ansiamos para que tudo que tocamos seja iluminado (e não obscurecido) pelo céu.

Assim como os cristãos reivindicam o grande e sagrado privilégio de serem testemunhas das boas novas do Reino de Deus. Nosso testemunho exige que nossas vidas e nosso testemunho manifestem sinais do Reino de Deus entre os reinos deste mundo. Assim como com a pessoa encarnada de Jesus Cristo, os seguidores de Cristo alegam que nossa vida na terra cruza com a vida no céu. Ou seja, nas nossas vidas cotidianas e ordinárias, alegamos que a realidade do bom futuro de Deus é trazida para o presente. Pelo poder do Espírito de Deus, Deus penetra na ineficácia da fragilidade humana, pessoa por pessoa, visando superar a opressão, visando estabelecer justiça, visando aliviar o sofrimento, e visando estabelecer as condições necessárias para que as pessoas prosperem. Tudo não acontece de uma só vez, mas é certo, e podemos ver o suficiente para fazermos nossa parte, ou não, como preferirmos. Quando o amor e a fidelidade de Deus invadem nossa própria vida, fazendo da desesperança uma esperança, a notícia é tão boa que não conseguimos deixar de falar sobre ela. Algumas pessoas sentem até necessidade de cantar ou gritar em alto brado: a liberdade e a alegria chegaram para o que era uma desesperança infrutífera. Então somos todos testemunhas, e a única pergunta é se somos ou não testemunhas credíveis.

*Quando o amor e a fidelidade de Deus invadem
nossa própria vida, fazendo da desesperança
uma esperança, a notícia é tão boa
que não conseguimos deixar de falar sobre ela.*

Assim sendo, que distorção é essa que, para os ouvidos contemporâneos, falar sobre essa boa nova é considerado por muitos como uma coisa errada.

Nosso mundo está cada vez mais em conflito quanto à legitimidade de qualquer tipo de evangelismo, que é o significado comum entre os cristãos quando usam a expressão “testemunhar”. Muitas pessoas consideram isso como uma dissensão e arrogância. O desejo sincero de ver outras pessoas vivenciar o amor de Deus em Jesus Cristo é rejeitado como uma retidão pessoal hipócrita e crítica, mesmo se a visão anterior do mundo não mais as ajude, e estejam procurando uma nova maneira para seguir adiante.

Mundialmente, com cidades e sociedades sacudidas por uma violência alimentada pela religião, a própria religião é considerada por muitos como sendo o problema. É especialmente problemático Qualquer desejo ou esforço de incentivar que outros se convertam para nossa fé. Em muitas culturas e nações onde a Visão Mundial trabalha é ilegal, ou pelo menos socialmente proibido, estabelecer qualquer tipo de conversa ou atividade que possa levar a uma conversão de fé ou identidade religiosa. Em alguns lugares as pessoas não têm o direito ou liberdade de escolher sua crença ou como pensar, e como se comportar.

Hoje, quase toda discussão de nossa fé com esperança de que outra pessoa a adote é definido como “proselitismo”. Historicamente, esse “compartilhamento” da própria fé foi definido como o ser testemunha da boa nova, o que é exatamente o que significa a palavra evangelismo, de origem grega. Mas o evangelismo, antes considerado pelos cristãos como uma linda expressão de amor, como expresso na Lei de Ouro (“façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam”) – ou pelo menos uma preocupação interessada pelo bem-estar do próximo – é agora caluniado mesmo dentro de algumas igrejas, e certamente fora da igreja. É condenado como arrogante, manipulador e uma imposição da fé pessoal (e preferivelmente privada) sobre outros.

A Visão Mundial rejeita o proselitismo quando é entendido na sua definição histórica, ou seja, o uso do auxílio emergencial ou assistência para desenvolvimento em induzir ou acrescentar incentivos para uma conversão. Consideramos esse modo de agir antiético e desonroso para as pessoas a

quem servimos e com quem trabalhamos, e para com Deus. A Visão Mundial endossa integralmente a norma internacionalmente aceita de que é uma irresponsabilidade fazer uso do auxílio para promover um determinado ponto de vista religioso ou ponto de vista político.²

Sendo uma organização cristã humanitária, a Visão Mundial e nossos funcionários são submetidos a constante escrutínio para ver se estamos, de fato, praticando o proselitismo. A Visão Mundial não pode, e não deve, esconder nossas intenções. A finalidade dos programas da Visão Mundial é buscar a justiça, dar voz ativa aos pobres, e aliviar o sofrimento e a opressão, porque essa é a vontade de Deus e uma expressão do amor de Deus. Essas finalidades são boas, por si e em si. Não são um meio para chegar a outros fins. Ao mesmo tempo, afirmamos nossa esperança de que as pessoas vivenciem o amor absoluto de Deus, e a plenitude da vida como seguidores de Cristo.

A Visão Mundial deseja seguir os caminhos de Cristo e trabalhar com as comunidades, para ver o sofrimento das pessoas aliviado e a opressão removida. Claramente, nossa finalidade é sermos uma organização portadora e divulgadora da boa nova. Mantemo-nos firmes no nosso compromisso de sermos testemunhas das boas novas do amor de Deus em Cristo, por todas as pessoas. A Declaração da Missão da Visão Mundial e outros documentos centrais de forma inequívoca anunciam nossos compromissos.

*Mantemo-nos firmes no nosso compromisso
de sermos testemunhas das boas novas do amor
de Deus em Cristo para todas as pessoas.*

Trecho extraído da Declaração da Missão da WVI:

A Visão Mundial é uma parceria internacional de cristãos cuja missão é seguir nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo no trabalho com os pobres e oprimidos, para promover a transformação humana, buscar a justiça e ser um testemunho das boas novas do Reino de Deus. Seguimos essa missão através do nosso compromisso integrado e holístico para com: .

² Para uma discussão mais aprofundada, consulte “*You Will Be My Witnesses*”: *Unavoidable witness in the work of World Vision*, Tim Dearborn; World Vision International, 2011.

Testemunho de Jesus Cristo através da vida, dos atos, das palavras e dos sinais que incentivam as pessoas a responder ao Evangelho.

Trecho extraído da Declaração dos Valores Centrais da WVI:

Somos testemunhas da redenção oferecida somente por meio da fé em Jesus Cristo. Os funcionários que contratamos estão munidos de crença e prática para serem testemunhas. Nós manteremos nossa identidade de cristãos, sem faltar com sensibilidade quanto aos contextos diversos nos quais expressamos nossa identidade.

Trecho extraído da Política sobre Parcerias com Igrejas:

“Acreditando que a transformação espiritual é fundamental para o desenvolvimento transformador, e que a Igreja é o instrumento sustentador de Deus no mundo, ao mesmo tempo que continuamos a engajar a comunidade como um todo, o compromisso da Visão Mundial é de trabalhar com as igrejas como parceiros indispensáveis. . . . A Visão Mundial compartilha o compromisso da Igreja com os discípulos seguidores de Jesus Cristo que testemunham o Evangelho através da vida, ações, palavras e sinais que incentivam as pessoas a responder ao Evangelho.

Extraído da Política da WVI sobre Testemunho de Jesus Cristo:

O testemunho de Jesus Cristo é o princípio que integra tudo o que fazemos e um dos ministérios centrais da Declaração da Missão da Visão Mundial. . . . A VM pretende que o testemunho cristão seja manifestado de formas holísticas por meio dos seus ministérios de socorro emergencial, desenvolvimento, promoção da justiça e conscientização das pessoas. . . . Nosso testemunho é compelido pelo amor a Deus, que foi o primeiro a nos amar. Inspirados por Cristo, ficamos capacitados a amar ao próximo. . . . O amor cristão é livre, e não é praticado como um meio para se chegar a outros fins. Nossa esperança é de que as pessoas vivenciem a plenitude da vida, ao serem seguidoras de Jesus Cristo. . . . Nosso testemunho afirma a autoridade de Cristo sobre toda a criação – pessoas, comunidades, sistemas, estruturas e natureza. O testemunho cristão na Visão Mundial manifesta-se por meio da vida, ações, palavras e sinais. . . .

Acreditamos no sofrimento de Deus pelos pobres e oprimidos, e que a graça e a piedade que recebemos de Jesus Cristo nos impele a compartilhar do

sofrimento no mundo. . . . Ratificamos o valor de todos os ministérios como sendo testemunhas do amor de Deus pelos pobres e oprimidos. . . .

O fato de a Visão Mundial ser favorável à liberdade de religião exige que não façamos prosélitos. O proselitismo ocorre sempre que uma assistência é oferecida na condição de que as pessoas ouçam ou respondam a uma mensagem, ou como indução para abandonar ou adotar outra parte da igreja cristã e/ou deixar uma religião para abraçar outra. Respeitando a dignidade das pessoas com quem trabalhamos, a Visão Mundial não explora a vulnerabilidade nem recorre ao poder dos programas de desenvolvimento e humanitários para coagir a uma conversão. . . .

De formas apropriadas ao contexto, o escritório nacional fomenta governos, doadores e o público em geral a reconhecer a existência de uma dimensão espiritual na pobreza e no desenvolvimento.

Nossos compromissos são claros

A linguagem e os compromissos da Visão Mundial adotados nos nossos documentos centrais são claros – e estão disponíveis para todos lerem:

- “Somos testemunhas das boas novas” “Incentivamos as pessoas a responder ao Evangelho”.
- “Somos testemunhas da redenção oferecida somente por meio da fé em Jesus Cristo. Os funcionários que contratamos estão munidos de crença e prática para serem testemunhas”.
- “A transformação espiritual faz parte integrante do desenvolvimento transformador.
- O testemunho de Jesus Cristo é o princípio que integra tudo o que fazemos e um dos ministérios centrais da Declaração da Missão da Visão Mundial”.
- “Nossa esperança é de que as pessoas vivenciem a plenitude da vida, ao serem seguidoras de Jesus Cristo”.

Por que a Visão Mundial faz declarações tão claras sobre a inter-relação da transformação espiritual e a socioeconômica visando um

desenvolvimento sustentável? Acreditamos que alguns fatores que contribuem para o desenvolvimento sustentado estão arraigados na espiritualidade (visão do mundo, valores, pressupostos fundamentais e crenças, dinâmica do poder da comunidade). Da mesma forma, como uma organização, acreditamos que toda espiritualidade cristã baseada na bíblia clama por um compromisso para com a justiça socioeconômica. Se a fé religiosa está confinada às questões espirituais pessoais e privadas, então nenhuma cultura pode vivenciar a transformação a longo prazo das comunidades e dos relacionamentos que o Reino de Deus prevê claramente.³

As reflexões incluídas neste livro buscam tratar das questões essenciais que os funcionários da Visão Mundial encontram ao se esforçarem para serem testemunhas credíveis do Reino de Deus. De que forma podemos participar desse testemunho que seja apropriado e cativante, sem proselitismo? Como a Visão Mundial pode cumprir seus compromissos de alívio, desenvolvimento, promoção de justiça e conscientização comunitária sem explorar as vulnerabilidades das pessoas a quem servimos? Como podemos apresentar testemunho credível de Cristo ao trabalharmos em contextos hostis ao testemunho cristão, com recursos que restringem a expressão verbal da fé, e frequentemente com doadores provenientes de uma grande variedade de tradições de fé?

Muitos livros abordam esses desafios através das discussões de relações e estratégias interconfessionais para o “compartilhamento do Evangelho”. Os capítulos a seguir apresentam uma abordagem diferente. Cada um explora uma dimensão normalmente omitida do testemunho credível que é especialmente pertinente ao trabalho da Visão Mundial como uma organização de ajuda humanitária, desenvolvimento e promoção de justiça.

A Visão Mundial frequentemente trabalha em contextos restritos, onde é proibida a expressão pública de fé que não seja a da cultura dominante.

³ Para ler mais sobre essas ideias, consulte Jayakumar Christian, *God of the Empty-Handed* (Monrovia, CA: MARC, 1999; edição revisada, Victoria, Austrália: Acorn Press, 2011); e Bryant Myers, *Walking with the Poor* (Maryknoll, NY: Orbis Books, 1999; edição revisada e ampliada, 2011).

Aceitamos esse desafio, sabendo que muitos crentes em Cristo vivem e trabalham em condições semelhantes de contextos restritos. Além disso, enfrentamos o desafio de nos aprofundarmos em nossa vida como organização e nas vidas das pessoas a quem servimos – para que nossa vida, em si, seja um testemunho credível e inegável do amor e da bondade de Deus, mesmo que isso aconteça sob circunstâncias horrendas. A necessidade de esperança é maior para as vidas em lugares difíceis. Sendo portadores de esperança, portanto, é para os lugares difíceis que precisamos ir. Para ser credível, a testemunha de Cristo deve se tornar ordinária e extraordinária – ordinária em sua prática diária, mas extraordinária ao enfrentar os desafios e oportunidades.

Para ser credível, a testemunha de Cristo deve se tornar ordinária e extraordinária – ordinária em sua prática diária, mas extraordinária ao enfrentar os desafios e oportunidades.

Somos testemunhas através de:

- nossa vida e trabalho em conjunto, como uma parceria multinacional e multicultural de seguidores de Cristo;
- simples atos de hospitalidade acolhendo aos que estão proscritos;
- formas como buscamos a mudança e usamos o poder;
- como nos relacionamos com governos, buscamos a justiça e assumimos riscos;
- qualidades que caracterizam o compromisso da Visão Mundial para com as emergências humanitárias;
- promoção da justiça em nome das pessoas com deficiência;
- ajuda aos que sofrem;
- e enfim, a natureza resoluta da nossa esperança.

Ao invés de inibir o testemunho credível, o intenso escrutínio ao qual a Visão Mundial e seus funcionários são submetidos, na qualidade de organização humanitária extremamente visível, abre impressionantes oportunidades de testemunho. Graças ao Espírito de Deus e vida de Cristo estamos capacitados a oferecer relatos de testemunhas oculares da bondade de Deus. Temos o privilégio de oferecer motivos tangíveis de esperança através da vida, ações, palavras e sinais com paixão espiritual e competência profissional. Apresentamos ao mundo provas contundentes da autenticidade do Evangelho e da bondade da vinda do Reino de Deus.

CAPÍTULO 1

Parceria: Compartilhando um futuro comum

**Testemunho extraordinário de maneiras ordinárias:
O que gostaríamos que as pessoas falassem sobre nós**

*Nunca vimos pessoas de tantas formações diferentes
se relacionar tão bem. O que torna isso possível?*

1. Quando o mundo nos vê, deve ficar confuso

Ao conhecermos novas pessoas e entrarmos em novas comunidades, sempre perguntam: “Quem é você”? A Visão Mundial é um parceria de pessoas de centenas de nacionalidades, milhares de culturas. Temos aparência igual à do mundo a que servimos, mas somos chamados por Deus para viver de forma diferente no mundo de Deus! Temos um jeito diferente de viver, servir e nos relacionar para que sejamos testemunhas credíveis da identidade e compromissos cristãos da Visão Mundial. Empreendemos muitos esforços para sermos compreendidos pelo mundo. Isso pode fazer com que nos esforcemos para parecer com o mundo e sermos benquistos por ele. O sucesso de marketing da Visão Mundial depende do respeito das pessoas por nós, e que nos vejam de forma favorável. Mas o que fazemos com o fato óbvio de que uma consequência de sermos fiéis ao Evangelho de Jesus é que “o mundo” não nos entenderá – e talvez até não goste de nós?

A origem dessa confusão foi captada na primeira linha da Declaração da Missão da Visão Mundial: “Somos uma parceria internacional de cristãos que segue nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”. Ousaríamos dizer que o mundo não estando confuso quanto a nós é como não estamos vivendo aquela missão? Onde o mundo vê a Visão Mundial como uma ONG ou uma empresa ocidental, ou até mesmo americana, dos abastados que procuram “fazer o bem” para os pobres, é quando não estamos vivendo a aquela missão.

O escândalo da identidade da Visão Mundial e o desafio que enfrentamos ao procurarmos viver essa identidade pode ser resumindo a uma frase “uma parceria de cristãos”. O que isso significa? Seria “parceria” uma forma cristã sofisticada para falar de negócios? Ou, como entendida em seu uso contemporâneo, parceria se trata de uma associação de entidades independentes unidas por acordos comuns?

Se os funcionários da Visão Mundial viverem o entendimento bíblico de parceria, a palavra será ao mesmo tempo confundida e atraída.

Se os funcionários da Visão Mundial viverem o entendimento bíblico de parceria, a palavra será ao mesmo tempo confinada e atraída. Todos no nosso mundo almejam ter uma parceria. ONGs seculares empregam esse termo repetidas vezes. Os seres humanos definham em solidão e guerras por causa das diferenças entre nós. Com frequência isolamos os que são diferentes, buscando parceria somente com os que se parecem conosco. Mas mesmo assim, porque frequentemente não gostamos de nós mesmos, temos dificuldade em gostar de quem se parece conosco. Assim sendo, a excelente qualidade da parceria da Visão Mundial – uniformidade com os que são diferentes de nós – oferece um extraordinário testemunho da autenticidade do Evangelho de maneiras muito ordinárias.

Quando falamos de parceria, estamos nos referindo a sermos

co-herdeiros. Nós constatamos que a orientação útil para como devemos agir como uma parceria começa por explicar o significado da palavra parceria. A palavra em inglês, “partner” tem origem no francês antigo *parcener* – que significa literalmente “co-herdeiro”. Provém de uma palavra essencialmente inventada pelos autores do Novo Testamento, embora seja empregada somente quatro vezes neste Testamento.

2. Co-herdeiros com Cristo

Em uma breve análise, vejamos como as três instâncias nas quais a palavra “parceria” é empregada no Velho Testamento. Falam do nosso relacionamento com Deus, com terceiros e com nossa família.

Co-herdeiro redefine nosso relacionamento com Deus. Romanos 8:14–17 fala sobre sermos os filhos adotivos do Pai. Não somos mais órfãos ou abandonados. Essa é uma ótima nova para um mundo onde a maioria se sente só, abandonada, e desamparada. Somos filhos e filhas do mesmo Pai. E mais, o apóstolo Paulo fala também de sermos co-herdeiros com Jesus Cristo. Partilhamos a herança de Cristo. Receberemos sua dignidade, seu caráter, sua santidade e bondade. Participaremos de sua intimidade com o Pai e seu transbordante amor por toda a criação. Somos co-herdeiros com Cristo, se estamos dispostos a partilhar seu sofrimento..

Co-herdeiro redefine nosso relacionamento com “terceiros”. Efésios 3:4–6 menciona os judeus como co-herdeiros com os gentios. Somos membros do mesmo corpo. Sem dúvida nenhuma, esta é uma das realidades mais constrangedoras e, para alguns, repulsivas do Evangelho. Não há mais “terceiros”. A maioria das comunidades do mundo se define parcialmente em termos do que não são. Quem está fora da nossa tribo, clã, grupo, igreja? Quem não foi salvo, não é bem-vindo, não é desejado? Muitos idiomas se referem a quem fala a “língua mãe” como sendo as “verdadeiras” pessoas. Os demais, por implicação, não são membros verdadeiros daquele grupo de pessoas e podem ser considerados como seres de segunda classe. Mas as Escrituras alegam não ser mais o caso

entre a comunidade chamada “cristã”. “Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus” (Gálatas 3:28).

“Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus” (Gálatas 3:28).

Co-herdeiro redefine nosso relacionamento com nossa família.

1 Pedro 3:7 proclama que as mulheres são co-herdeiras do dom da graça com seus maridos. Trata-se de uma afirmação provocadora no mundo de hoje, nas sociedades e culturas onde as mulheres não são tratadas em igualdade de condição que os maridos. Em muitas culturas de hoje, as mulheres são subordinadas, geralmente sem ter até os mesmos direitos que os filhos homens que nutriram durante a gestação e que sofreram para trazer ao mundo. Mulheres e meninas, em muitos contextos, não têm direito de herança. Por ocasião da morte do marido, os bens (e filhos homens) vão para os irmãos do marido. Isso não acontece em Cristo. As mulheres são co-herdeiras de tudo que é necessário para prosperarem – todo o dom da graça da vida.

3. Como viver agora como co-herdeiros no futuro

No nosso mundo, somente os filhos dos ricos têm motivo para esperar uma herança durante a leitura do testamento dos pais. Somente os abastados herdam riqueza nesta vida. Isso não acontece com os cristãos – somos co-herdeiros. Os escritórios de sustento da Visão Mundial (com frequência localizados em nações ou regiões ricas) e os escritórios nacionais (geralmente localizados entre os pobres) são co-herdeiros. Doadores com carteiras de investimentos e membros da comunidade favelados são co-herdeiros. As megagregas ocidentais que controlam patrimônios vultuosos e as igrejas de vilarejos que sobrevivem na pobreza são co-herdeiros. Constatamos dos testamentos uns

dos outros. Compartilhamos um futuro comum. Compartilhamos uma identidade comum. Somos filhos do mesmo Pai.

“*Compartilhamos um futuro comum.
Compartilhamos uma identidade comum.
Somos filhos do mesmo Pai.*”

Quando vivemos como co-herdeiros – compartilhando justamente a riqueza que administramos, nossa herança, nossos recursos – merecemos empregar a palavra parceria. Sem esse compromisso, a palavra pode ser propaganda dos poderosos para coagir os impotentes a realizar seus desejos. Às vezes podemos nos questionar se a palavra parceria é empregada como uma arma espiritual para sufocar a discórdia da mesma forma que um marido violento usa a parceria do casamento para suprimir o legítimo descontentamento da mulher.

Quando vivemos como co-herdeiros, reconhecemos que os nossos futuros estão entrelaçados. Eu não tenho nenhum futuro a menos que você tenha – o seu futuro é o meu futuro. Quando vivemos esse tipo de parceria, o mundo encontra um contundente testemunho da verdade do Evangelho que transforma vidas. Se essa é nossa aspiração, talvez devamos mudar a Declaração da Visão da Visão Mundial e nos referirmos a nós meramente como uma *organização internacional*.

Este não é simplesmente um ideal ingênuo. Deus faria que ele moldasse toda a estrutura de comportamento entre as crianças, o que fazemos e como o fazemos.

Outro texto bíblico, 2 Coríntios 8:13–14, menciona surpreendentes implicações práticas de como fazer isso. Durante uma fascinante aula sobre administração, na qual uma igreja pobre implorou pelo privilégio de dar (de sua própria pobreza) para a igreja-mãe assolada pela fome em Jerusalém, Paulo introduz uma frase simples, porém profunda: Eles deram para que houvesse um “equilíbrio justo”. Esse extraordinário motivo e objetivo do trabalho da Visão Mundial para os que são ricos e pobres

não é benevolência, bondade filantrópica nem mesmo zelo humanitário. É uma questão de justiça. É um ato de justiça.

A justiça do equilíbrio. O evento mais decisivo da nossa vida é aquele sobre o qual nenhum de nós tem controle: onde, quando nascemos, e quem são nossos pais. A partir do nascimento, nossas vidas têm um “equilíbrio injusto” – as balanças estão desequilibradas. É penoso admitir que não nascemos todos no mesmo nível, com oportunidades iguais. Alguns nascem em contextos de favor – segurança, fluência, sustento e oportunidade. Na maioria dos contextos, nascer homem ou mulher faz uma diferença determinante no nosso destino. A maioria das pessoas do nosso planeta nasce em contextos de violência, em luta desesperada pela sobrevivência, e uma falta de acesso aos recursos essenciais. Embora todos os bebês tenham em comum aquele primeiro esforço para respirar, algumas crianças vivem a vida inteira se esforçando para sobreviver. Do nascimento à morte, vivenciamos a absoluta iniquidade e injustiça da vida

O chamado do Reino de Deus, de acordo com Paulo e o resto da Escritura, é para participar do trabalho de Deus de restauração da justiça e abundância do favor de Deus – para restaurar um equilíbrio justo. A Escritura repete que não se trata de uma bondade condescendente ou de caridade filantrópica. É a vontade urgente de Deus. Não significa dar esmola ou ajuda. Trata-se de acolhê-los como nossa família, como co-herdeiros.

Em Cristo, de acordo com o próprio Jesus, vivenciamos algo que ao final determinará mais do que nosso primeiro nascimento – um novo nascimento. Uma recriação das nossas vidas. Deus nos dá uma nova identidade: filhos de Deus; uma nova comunidade: o corpo de Cristo; e um novo propósito: participar na vinda do Reino de Deus. Jesus proclama que a prova mais contundente da verdade do Evangelho perante os olhos do nosso mundo solitário e dividido, é o amor de uns pelos outros (João 13:34). Na quali dade de nossa parceria, testemunhamos até que ponto, em Cristo, “tudo tornou-se novo” (2 Coríntios 5:17) já que “uma nova criação é tudo” (Gálatas 6:15).

Uma igreja que fala de parcerias internacionais com outras igrejas, porém não estranha um projeto próprio de construção de US\$ 2 milhões, se arrisca a não testemunhar aos cristãos como co-herdeiros – equilíbrio justo. Uma família que pode gastar US\$100.000,00 para reformar sua casa, para torná-la mais confortável e conveniente, sem tratar com seriedade suas responsabilidades de administração, pode se arriscar dar testemunho de algo que não seja o chamado de Deus por um equilíbrio justo. Os funcionários cujos colegas de trabalho se sentem dominados, explorados, maltratados ou desamparados, deixam de testemunhar os compromissos da Visão Mundial como co-herdeiros. Uma pessoa cujo cônjuge ou filhos se sentem negligenciados ou abandonados está perdendo a oportunidade de estabelecer um equilíbrio justo. A Visão Mundial permitindo que os escritórios de sustento e doadores tenham poder, para que o dinheiro lidere ou defina nosso trabalho, testemunha o poder do dinheiro e não o poder do amor.

Providências ordinárias como testemunhas credíveis do Reino de Deus

Que providências podemos tomar individualmente e como companhia, para crescermos em parceria genuína e vivermos como co-herdeiros? Não somos simplesmente convidados a um breve interlúdio da segurança das nossas torres protegidas, ou possantes veículos, ou nos prédios de nossa matriz, ou em nossos aviões.

Ao contrário, o futuro de nossos filhos e comunidades com que servimos é o nosso futuro. Nosso futuro é o futuro deles. Somos co-herdeiros.

O futuro de das crianças e comunidades com quem servimos, é o nosso futuro. Nosso futuro é o futuro deles. Somos co-herdeiros.

Não é de admirar que a Visão Mundial Índia decidiu fazer a mudança de seus funcionários e famílias para os programas de desenvolvimento

de área (PDA), ao invés de morarem no distrito ou na sede nacional. Até hoje, 800 funcionários e suas famílias se mudaram. As implicações são enormes quanto à educação dos filhos, atendimento de saúde e emprego dos cônjuges. Mas somos co-herdeiros.

A única forma que as balanças podem ser justas, para que haja um equilíbrio justo, é se alguém no lado onde está todo o peso, se mudar para o lado onde não há nenhum.

Deveríamos nos propor a seguinte pergunta:

- A minha vida é controlada por dádivas “injustas” que recebo graças a forma como nasci, ou estou vivendo a dádiva do meu novo nascimento em Cristo?
- Existem pessoas a quem eu tratei como subordinados, como “parceiros juniores”, ou como pessoas de “segunda classe”? Qual seria o significado de tratá-las como co-herdeiras?
- Ao administrar recursos, estou aumentando o meu lado da balança, ou estou maximizando minha influência ao contribuir para um equilíbrio justo?

Pense sobre a seguinte questão:

- *O que está em jogo não é apenas o trabalho da Visão Mundial, mas o Evangelho.* Nós somos parceiros, co-herdeiros com Cristo.
- *O que está em jogo não é apenas o trabalho da Visão Mundial, mas nosso testemunho.* Esperamos ansiosos que o mundo nos pergunte: “O que há de diferente em você”? “O que faz você ser tão bom, tenro, justo e bondoso”? As pessoas falam isso sobre você?
- *O que está em jogo não é apenas o trabalho da Visão Mundial, mas talvez até nossa própria salvação.* A Visão Mundial afirma em nossa Declaração da Missão que somos seguidores do “nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”. Cristo nos convida

para participarmos da parceria do Deus trino. Em Cristo, pelo Espírito de Deus, somos bem-vindos ao abraço divino, co-herdeiros em Cristo.

CAPÍTULO 2

Hospitalidade: Como voltar para casa num mundo repleto de saudade

**Testemunho extraordinário de maneiras ordinárias:
O que gostaríamos que as pessoas falassem sobre nós**

*Veja com quem você partilha suas refeições!
Por que você se associa a pessoas desse tipo?*

Devo confessar que escrevo isto para permitir que o Espírito de Deus fale a verdade sobre minha própria vida, tanto quanto escrevo pensando em outros. Eu preciso deste diálogo. Eu preciso saber como posso ser mais acolhedor. Minha igreja e meu país precisam aprender a mesma coisa. Eu os convido a me acompanhar nessa luta pelas verdades que nos desafiam.

1. Quem convidamos para jantar?

Em nosso mundo segregado, cada vez mais hostil, a melhor prova do testemunho credível do Evangelho pode estar em quem convidamos para nossas casas. Mostre-me quem entra com você em sua casa, e estará me mostrando no que você acredita sobre a natureza de Deus. Em geral, o mundo não se interessa em ler nossa teologia, nossas afirmações de doutrina, nem em seguir nossos debates sobre a Escritura. No entanto, o mundo repara quem se senta à nossa mesa.

*Em nosso mundo segregado, cada vez mais
hostil, a melhor prova do testemunho
credível do Evangelho pode estar em
quem convidamos para nossas casas.*

Em Lucas 14, Jesus vai a um jantar de Sabá na casa de um líder dos fariseus. Lá estando, embora seja um convidado, Jesus conta três parábolas confrontantes sobre hospitalidade. Cada uma delas menciona o banquete do Reino de Deus. Jesus se dirige rápida e sucessivamente a quem está no lugar de honra, quem está na lista de convidados e quem estava muito ocupado para comparecer. Nos versos 12 e 13 Jesus diz: “Quando você der um banquete ou jantar, não convide seus amigos, irmãos ou parentes, nem seus vizinhos ricos; se o fizer, eles poderão também, por sua vez, convidá-lo, e assim você será recompensado. Mas, quando der um banquete, convide os pobres, os aleijados, os mancos, e os cegos”.

A relação com o testemunho cristão credível é óbvia. Deus não nos acolhe no reino porque podemos retribuir um favor. Deus nos convida graças ao seu amor e generosidade transbordantes, buscando formas de incluir ao invés de excluir. Portanto, pelo poder de amor do Espírito de Deus e do exemplo de Jesus, devemos fazer o mesmo. Aqueles que a sociedade pode considerar marginalizados descubrem em Cristo que Deus os acolhe. Eles são, na verdade, o centro de atenção. Portanto, temos a dívida de praticar o mesmo tipo de hospitalidade – encontrando o centro de Deus exatamente dentre aqueles que a sociedade pode considerar como estando às margens.

Nos versículos 21 e 23, no final da parábola sobre os que estão muito ocupados para comparecer, Jesus disse: “Vá rapidamente para as ruas e becos da cidade e traga os pobres, os aleijados, os cegos e os mancos e obrigue-os a entrar, para que a minha casa fique cheia”. Durante toda a história da participação da igreja na missão de Deus, os cristãos frequentemente obedeceram muito bem à ordem “vá”. Ao fazê-lo,

estamos seguindo o caminho da graça de Deus, porque Deus é o Deus que busca, vai ao encalço. Deus vem até nós.

Contudo, os cristãos costumam hesitar em adotar o segundo mandamento da graça hospitaleira de Deus. Sentimo-nos mais confortáveis em encontrar e ajudar as pessoas “lá fora” do que trazê-la aqui “para dentro”. Talvez até as procuremos, mas as convidamos a entrar em nossa casa conosco? Trazemos o mundo para dentro de casa? Irineu, um dos pais da igreja ofereceu uma afirmação incisiva de que o Filho e o Espírito são duas mãos que o Pai estende para atrair o mundo para o abraço da Santa Trindade. E como nosso mundo precisa desse abraço!

2. O Deus hospitaleiro

Deus chega a nós através de seu Filho e Espírito, mas nos atrai para a comunhão com Deus. A Escritura estabelece quatro movimentos principais na hospitalidade de Deus para conosco. O primeiro ocorre no início, com Adão e Eva no jardim que preparou para eles. Deus os procura melancolicamente, dizendo “Onde estão vocês” e dando-lhes piedosamente roupas para amenizar o desconforto que passaram a sentir por estarem nus. O quarto e último movimento culmina no Apocalipse, descrito por João nas revelações, quando as pessoas de todas as tribos e línguas são bem-vindas ao redor do trono do cordeiro sacrificado (Apocalipse 7:9).

Entre eles, dois outros movimentos da hospitalidade de Deus, dando as boas-vindas à misericórdia: um na Lei Mosaica, o outro na chegada de Jesus, o Cristo. Na Lei, Deus fala constantemente sobre hospitalidade. Levítico 19:34 ordena ao povo de Deus que “Amem o estrangeiro como a si mesmos, pois vocês foram estrangeiros no Egito”. Deuteronômio 10:17–19 nos lembra que “O Senhor, o seu Deus, é o Deus dos deuses e o Soberano dos soberanos, o grande Deus, poderoso e temível, que não age com parcialidade nem aceita suborno. Ele defende a causa do órfão e da viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe alimento e roupa. Amem os estrangeiros, pois vocês mesmos foram estrangeiros no Egito”. O

mandamento para se praticar a hospitalidade com estranhos é um dos mais repetidos em toda a Bíblia Hebraica.

O mandamento para praticar a hospitalidade com estranhos é um dos mais repetidos em toda a Bíblia Hebraica.

A Bíblia dá motivos para se dizer arrojadamente que, se não estivermos oferecendo hospitalidade para os pobres, os desabrigados, os estrangeiros ilegais e os estranhos, é questionável se estamos ou não venerando ao Deus bíblico. No culto respondemos ao convite de Deus para encontrarmos nosso lar em Deus. O culto trata inerentemente da hospitalidade de Deus!

O culto ou testemunho credível do Deus revelado na Bíblia encaminha os seguidores de Cristo para que deem hospitalidade ao próximo. Caso contrário, ouvimos a destestável reprovação divina, proclamada por Isaías em 1:11–17, e Amós 5:21–14, quando Deus diz: “mesmo que me tragam as melhores ofertas de comunhão não darei a menor atenção a elas. . . . Aprendam a fazer o bem. Busquem a justiça, acabem com a opressão. Lutem pelos direitos do órfão, defendam a causa da viúva” e “Eu odeio e desprezo as suas festas religiosas; não suporto as suas assembléias solenes. . . . Afastem de mim o som das suas canções. . . . Mas deixe a retidão correr como um rio, a justiça como um ribeiro perene”.

Deus está em nossa morada. No centro da Bíblia, o terceiro e mais significativo movimento em hospitalidade é consumado em Jesus Cristo. Jesus encarna tanto a hospitalidade de Deus, como a esperança da resposta humana àquela hospitalidade. Cinco trechos do Evangelho de João resumem a questão.

Primeiro, em João 1:14, Deus faz sua *morada conosco* “A palavra virou carne e viveu entre nós”. Deus *encarnado* (literalmente “em carne”) vem com humilde necessidade de nossa própria hospitalidade – no entanto, Jesus não é bem-vindo em sua própria (João 1:11) quer como Deus criador do universo ou como uma criança humana vulnerável. Assim sendo,

Jesus não tem aonde “encostar sua cabeça” e depende da hospitalidade que outros lhe estendam. O próprio Deus tornou-se “alguns dos menores”.

Em segundo lugar, em João 14:2–2 Jesus promete que irá **preparar um lugar**. “E se eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver”.

Terceiro, no mesmo capítulo, versículos 18 e 23, Jesus fala de Deus que fará **morada em nós**: “Não os deixarei órfãos; voltarei para vocês”. . . . [Meu Pai e eu] o amará, nós viremos a ele e faremos morada nele”. *Nova Versão Internacional*). E não é só isso que o Evangelho tem a nos ensinar. Há mais.

Em quarto lugar, somos convidados a fazer nossa **morada em Deus**. Jesus disse em João 15:4–5: “Permaneçam em mim, e eu permanecerei em vocês. Nenhum ramo pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira. Vocês também não podem dar fruto, se não permanecerem em mim. . . . Vocês também não podem dar fruto, se não permanecerem em mim”.

Finalmente, somos convocados a fazer nossa **morada no mundo**. Em João 20:21, Jesus diz: “Paz seja com vocês! Assim como o Pai me enviou, eu os envio”.

Trata-se de boa nova para nosso mundo órfão, abandonado, desabrigado e saudoso. Deus está em nossa morada, e Deus faz uma morada para nós. A morada de Deus está em nós, e Deus nos convida a fazer nossa morada em Deus. Envolto em sua vida de amor, Deus nos envia para nosso mundo desabrigado para ajudar outros a encontrar sua morada.

A saudade de casa é uma das doenças centrais do nosso mundo. Poucas pessoas sentem que têm seu lugar próprio, ou que estão seguras. Os males da urbanização estão afastando as comunidades rurais das urbanas. Culturas estão se desfazendo sob a pressão da globalização. Famílias são desmembradas devido às necessidades econômicas, e desejos separam os pais dos filhos em proporção jamais vista na história. O divórcio estilhaça o santuário do matrimônio. Muito da violência no

mundo provém da raiva contra uma sensação de falta de amor e falta de um lar. Essa falta de um lar leva ao desânimo, geralmente manifestado por depressão e desespero. O ser humano busca um lugar que seja seu, um lugar seguro e acolhedor. Tragicamente, muitos parecem dispostos a destruir os que ameaçam esse “direito”, reagindo à injustiça com injustiça. Como poetas de todas as culturas já o disseram, para matar um monstro, somos tentados a nos tornarmos um monstro. Para encontrar um lar verdadeiro e duradouro, nós ameaçamos e destruímos o lar do próximo. Em todo país, em toda comunidade, há guerra deflagrada aos lares que tentamos construir – quer através do despedaçar de relacionamentos, ou da destruição das habitações. De qualquer forma, milhões se veem perante sonhos interrompidos, lares destruídos e comunidades fendidas.

3. Somos embaixadores da grande volta à casa

Paulo chama os seguidores de Cristo de *embaixadores de Cristo* e do Reino de Deus (2 Cor. 5:18-20). O povo de Deus é um povo expulso das moradas “a que temos direito”. Os embaixadores vivem em um lugar que não lhes pertencem. Um embaixador é enviado para longe de seu lar, para uma terra estrangeira, para representar sua própria terra. Somos enviados ao mundo sem casa para ajudar o próximo a encontrar seu caminho para casa, para uma vida em sua plenitude.

Como embaixadores, recebemos a missão dar um testemunho contundente do amor de Deus. Deus se interessa por todo aspecto das vidas das pessoas, em toda dimensão da criação. Somos fiéis ao Evangelho quando damos testemunho credível do Reino de Deus, na qualidade e na santidade de nossas vidas pessoais e públicas, na compaixão e competência de nossos atos, e nos sinais da vinda do Reino que o Espírito de Deus manifesta através de nós e que desafiam a injustiça e o mal. Testemunhas credíveis manifestam esses sinais ao purificar fontes de água poluída, corrigir sistemas políticos corruptos, superar obstáculos à educação e mitigar a devastação da AIDS. Testemunhas credíveis mostram os sinais do Reino de Deus por atos ordinários de bondade e misericórdia humana, de perdão e reconciliação. Os

seguidores de Cristo vão a um mundo sem casa para permitir que o Espírito de Cristo nos edifique, para que sejamos os relacionamentos e as estruturas de uma morada segura e sagrada.

Testemunhas credíveis mostram os sinais do Reino de Deus por atos ordinários de bondade e misericórdia humana, de perdão e reconciliação.

Como embaixadores vitalícios, Deus nos dá uma noção portátil de lar, para que possamos ser um lar em qualquer lugar. Porque Deus está em nossa morada, mesmo agora conseguimos estar em casa com nós mesmos e com outros. O Reino de Deus cobre toda a terra, e nossa cidadania reside nesse reino. Onde quer que estejamos, estamos em casa. Vivemos como embaixadores da reconciliação – embaixadores da grande volta à casa! Essa noção transnacional, transcultural e portátil do que é a morada é um testemunho dramático em nossas sociedades fragmentadas pelo tribalismo, racismo e nacionalismo violento.

Esta missão é urgente.

Observe as fortes palavras de Paulo: *apelamos, suplicamos, reconciliem-se com Deus*, venham para casa (2 Cor. 5:20, 6:1). O uso das palavras é inevitável. Paulo apela, suplica e incita. Essas palavras nada têm de passivo. Essas palavras trazem um risco, potencial de constrangimento, vulnerabilidade e até mesmo ira.

4. Expansão de nossa capacidade de sermos anfitriões

“Devemos convidar alguém para jantar esta semana”? podemos indagar. Hospitalidade é a natureza de Deus, a natureza do Evangelho, a natureza do discipulado e a natureza da igreja.

A hospitalidade não é opcional. Se eu não me sentir bem em trazer quem é pobre para minha casa, talvez então eu deva me sentir pouco à vontade quanto a minha casa. Nesse caso, meu problema não se relaciona aos pobres, mas às minhas posses. Michael Green, afirma

nos documentos *Evangelism in the Early Church*,⁴ que uma força que contribuiu para o rápido crescimento do primeiro movimento cristão foi a qualidade da cordialidade existente. A palavra escolhida nos evangelhos para descrever as reuniões ou cordialidade era, *koinonia*, uma palavra de origem grega, de uso comum, para “clube”. Houve uma proliferação de clubes na sociedade greco-romana. O escandaloso distintivo do clube cristão, atraente para alguns mas repulsivo para outros, era que o clube deles era o único que não praticava segregação de sexo, classe ou etnia.

*Os seguidores de Cristo testemunham
para o mundo a autenticidade do
Evangelho por meio do amor ao próximo.*

Os seguidores de Cristo testemunham para o mundo a autenticidade do Evangelho por meio do amor ao próximo (João 13:34–35). Somente em Cristo é possível derrubar todos os muros que dividem raça, cultura, sexo, classe (Gálatas 3:28, Efésios 2:14–17). A unidade cristã – uma unidade enriquecida pela diversidade cultural, social, de gênero e racial – foi a prova mais convincente da veracidade do Evangelho, de acordo com testemunhas (João 17:21–23). Toda igreja, hoje em dia, que seja segregada por motivo étnico, social ou econômico (alguns diriam “purificada”?) furtam o mundo da prova mais contundente da veracidade do Evangelho. Esses versículos não tratam da correção política, mas do amor e abraço de Deus.

O que dá aos cristãos, e aos funcionários da Visão Mundial, a capacidade de amar dessa forma? Quanto mais nos aproximamos do coração de Deus, mais perto chegamos de outros, e nos aproximamos principalmente dos desabrigados deste mundo. Não podemos fazer isso com o amor inconstante do ser humano nem mesmo com o compromisso resolutivo. É por demais arriscado.

4 Michael Green. *Evangelism in the Early Church* (UK: Hodder & Stoughton, 1970).

Somos muito vulneráveis. Só podemos ser hospitaleiros quando nos unimos no amor hospitaleiro de Deus.

Nós amamos com o amor que recebemos de Cristo. “Deus derramou seu amor em nossos corações, por meio do Espírito Santo” (Romanos 5:5). A Eucaristia se refere ao pão e ao vinho como hóstia. Jesus é nossa hóstia. Ele disse que, a menos que nos alimentemos dele, não temos vida em nós mesmos. Antes de nos dar para as necessidades do próximo, precisamos procurar nossa hóstia para nos nutrir. É preciso que estejamos repletos com Cristo, por Cristo.

Quando encontro funcionários da Visão Mundial, vejo muitos que seriam normalmente chamados de heróis, embora eles mesmos se considerem cristãos ordinários. Dorothy é funcionária da Visão Mundial em Ruanda. Durante o genocídio ocorrido em Ruanda, viveu o horror de ver seu filho ser arrastado para fora de casa, jogado no jardim da frente e morto a machadadas. Ela nunca esqueceu do rosto do homem que liderou o ataque. Vários anos mais tarde um homem bateu à sua porta. Era o homem que atacou seu filho. E ele disse: “Desde aquela noite, nunca mais pude dormir sem pensar no seu rosto. Tem sido um tormento, mas eu sabia que a senhora estava orando por mim. Não consigo mais viver assim. Leve-me para a polícia para que a justiça seja feita”. Dorothy respondeu: “A justiça será feita, realmente. Entre em minha casa. Você tirou meu filho. Agora você será para mim como um filho”!

O testemunho de Dorothy é realmente extraordinário. No ato ordinário de convidar o jovem para entrar em sua casa, ela testemunha a forma como Deus supera o racismo, o genocídio e o ódio. O que torna possível essa reação impossível? A reação de Dorothy está enraizada no acolhedor amor de Deus. Como o Senhor já convidou Dorothy para sua morada, e faz sua morada nela, ela não precisou se sair com as reações humanas normais de vingança ou recuo. Sua justiça não dependia de uma decisão da comunidade internacional, nem mesmo dos tribunais locais sobre tecnicidades legais, mas sim da justiça transcendental. Deus nos convida para sua morada, nos acolhe em sua morada, e faz das nossas vidas a morada de Deus. Isso nos libera

para convidar pessoas – mesmo os que se arrependem de nos ter ferido de forma indescritivelmente profunda – a entrar em nossas casa com segurança e confiança. Isso é extraordinário, e “Vocês também não podem dar fruto, se não permanecerem em mim”, Jesus avisa. Mas Jesus também diz, em João 14:12: “Aquele que crê em mim fará também as obras que tenho realizado. Fará coisas ainda maiores do que estas”.

5. Devemos impor limites à nossa hospitalidade?

Mas, espere um pouco! Não seria pedir demais? Não há limites para a hospitalidade? Em nosso mundo onde há tanto desabrigo, é certo que as necessidades de hospitalidade não só excedem nossa capacidade, mas ameaçam nossa segurança. Existe algum princípio bíblico que nos orienta quando não conseguimos fazer mais? Os cristãos podem ser favoráveis aos países que fecham suas fronteiras para novos imigrantes, migrantes? Os cristãos podem se recusar a trazer mais gente para suas casas? Por quê? Quando? Por que motivo?

As casas têm paredes – e portas. A menos que existam barreiras para o hospedeiro e para o que está sendo hospedado, nenhum dos dois pode esperar um lugar seguro.

Como hospitalidade significa permitir que o hóspede viva através da vida do hospedeiro, se o hospedeiro não tem mais vida, os dois morrem de fome. Uma casa sem fronteiras logo passa a ser uma casa vazia e, conseqüentemente, inospitaleira. Em Gálatas 5:13–15, Paulo dá importante discernimento sobre como estabelecer as fronteiras da nossa hospitalidade: “Irmãos, vocês foram chamados para a liberdade. Mas não usem a liberdade para dar ocasião à vontade da carne ao contrário, sirvam uns aos outros mediante o amor. Toda a Lei se resume num só mandamento: ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’. Mas se vocês se mordem e se devoram uns aos outros, cuidado para não se destruírem mutuamente”. Com isso podemos aprender algumas lições básicas.

Somos convocados para a liberdade. Eu não vivo em conformidade com os padrões de outra pessoa que regem como minha vida deve ser.

Eu hospedo pessoas baseado no chamado de Deus para mim, a morada de Deus em mim e para mim – e não o que os outros esperam de mim. Isso é especialmente importante nas situações em que os líderes de igreja ou família depositam suas expectativas quanto a algumas pessoas deverem ou não convidar o mundo para suas casas.

Rejeitamos a auto-indulgência. Eu não vivo para proteger minhas posses, conveniência, tempo, riqueza, reputação ou o que os outros pensam de mim. Se creio que essas coisas me “pertencem”, eu as terei roubado de Deus e dos pobres. A palavra de Deus ensina que sou meramente um administrador dessas dádivas, e não seu proprietário.

Vivemos no amor. Deus nos convoca para amarmos a nós mesmos. Nenhum de nós deve viver com aversão de si mesmo, ou autodestruição. Meu corpo é o templo do Espírito Santo, e merece todo o cuidado. Se eu não cuido de mim mesmo, sendo seu hospedeiro, nada terei a dar ao próximo. Se tenho uma família, sou seu primeiro hospedeiro, e as barreiras para hóspede e hospedeiro também se aplicam.

É preciso que não nos ocupemos demais de cuidar de outros ao ponto de sermos omissos com nossa família, e nem tão empenhados em agradar as auto-indulgências da família que deixamos de dar hospitalidade ao próximo. Embora eu seja escravo do próximo, sem nenhum direito próprio, sou convocado para amar ao próximo como a mim mesmo. Assim sendo, eu não ergo as barreiras da minha hospitalidade sobre o que eu acho que mereço, nem tampouco destruo a mim a minha morada com o ato de hospitalidade.

*É preciso que não nos ocupemos demais
em cuidar de outros ao ponto de sermos omissos
com nossa família, e nem tão empenhados em
agradar as auto-indulgências da família que
deixamos de dar hospitalidade ao próximo.*

O amor significa que eu protejo o próximo contra “consumir” ou se aproveitar de mim de forma destrutiva para nós dois. Esse ato de hospitalidade irá construir a dignidade, o caráter, a confiança das pessoas em Deus e a responsabilidade por suas vidas, ou irá reforçar um comportamento e atitude autodestruidores?

Somos convocados para amar ao próximo de forma que reflita como gostaríamos de ser amados na mesma situação. Jesus já deixou bem claro que o “próximo” não pode ser definido por raça, classe, religião ou gênero (Lucas 10:29–37). Eu não estabeleço os limites com base em preconceitos. Às vezes dar hospitalidade pode ser difícil, mas é ao mesmo tempo um ato de muito amor. A hospitalidade inadequada pode incentivar a dependência, atos enganosos e a autodestruição. Como todo bom pai sabe, estabelecer limites é um ato de amor.

6. Alguma vez Deus é inospitaleiro?

Existem ocasiões em que Deus tranca a porta e se recusa a acolher alguém? Paul proclama que “a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens” (1 Timóteo 2:4; Tito 2:11). Ele descreve Jesus como o novo Adão, que traz justificação e vida a todos os homens (Romanos 5:12–19). No entanto, durante os ensinamentos de Jesus e terminando com o relato de John sobre o Apocalipse, aparece o lamento no sentido de que alguns rejeitarão essa graça, não se arrependerão, e se afastarão de encontrar sua vida em Cristo (Apocalipse 9:20–21). Para eles, por opção própria, a porta permanece fechada.

Como eu viajo muito, não é de surpreender que eu tenha sonhos sobre viagens. Recentemente sonhei que minha mulher Kerry e eu estávamos deixando a África de avião. Estávamos sentados, com nossa bagagem já acomodada e os cintos de segurança colocados. Pouco antes de a tripulação fechar as portas e sairmos do terminal, tive um forte pressentimento de que precisávamos sair do avião. Insisti com Kerry para sairmos imediatamente do avião. Muito sem jeito e envergonhados, pegamos nossa bagagem, conseguimos convencer a tripulação e desembarcamos. Agora estávamos já no terminal, e

perplexos. O que tínhamos acabado de fazer? O que deveríamos fazer agora? Estávamos jogando fora algumas centenas de dólares das passagens, e só havia um outro voo dali a vários dias. Eu me senti um tolo. Queríamos tanto chegar em casa, e eu atrasei tudo. Confusos, ficamos olhando pela nossa janela o avião decolar com elegância. Para nosso espanto, de repente ele virou bruscamente para a direita, foi ao encontro de um prédio e explodiu em chamas.

Quando acordei desse sonho meu coração batia fortemente. Além do alívio de saber que estávamos salvos, tive uma sensação de grande perda. Eu agi no pressentimento que tive para salvar Kerry e a mim. Mas não tive fé ou coragem suficiente para avisar aos demais: “Abandonem o avião imediatamente! Haverá um acidente”!

Todos a nossa volta são pessoas a quem o Espírito de Deus quer dizer, por nosso meio – nossas vidas, atos e palavras – “Fuja de seu caminho atual. Este caminho não o levará para casa. Venha para Cristo; ele é o caminho para a vida, em toda sua plenitude”. Mas, como fiz no avião, tenho muito receio de parecer tolo, muito receio de ofender, muito receio de ser rejeitado, muito receio de se oporem a mim. Contudo, Paulo afirma, “eu apelo, imploro, suplico às pessoas – reconciliem-se com Deus”. Venham para casa.

Providências ordinárias como testemunhas credíveis do Reino de Deus

Todo nosso trabalho como testemunhas credíveis do Reino de Deus é, de uma forma ou outra, o trabalho de hospitalidade. Trabalhamos para fazer do mundo uma morada mais segura. Há uma certa urgência em construir nossas moradas. Vidas se perdem por falta de abrigo. Quando as crianças órfãs por causa da AIDS e guerras, ou injuriadas por abuso e pobreza, poderão estar livres para cantar e brincar em moradas livres de perigos? Quando poderão ter casas duradouras, que não sejam destruídas ou queimadas por injustiça e ódio? É razoável que elas tenham esperança de terem uma morada eterna, não atacadas por morte ou pesar?

Vivemos como embaixadores da Grande Volta para Casa – a volta para a casa do Reino de Deus – longe do qual o mundo perece nas devastadoras tormentas da vida. Enquanto os embaixadores de nações estados, grandes poderes e principados viajam com estilo, com bandeiras ao vento e sirenes ruidosas, nós seguimos na humildade dos céus. Com Cristo como nossa vida e exemplo, levamos o convite de Deus para a volta à casa às margens, dentre aqueles que são proscritos e rejeitados. Lá também estamos em casa, e lá vivemos com a dignidade e a autoridade de embaixadores do Senhor da criação. O Espírito de Deus nos chama e proclama, “Sigam em frente. Vocês são embaixadores de Cristo. O mundo definha até que encontre seu caminho para casa”.

Mudança: Quanta transformação ousamos buscar?

**Testemunho extraordinário de maneiras ordinárias:
O que gostaríamos que as pessoas falassem sobre nós**

A maioria das pessoas se concentra em ajudar a si mesmas, sua família imediata e amigos. Por que você se empenha tanto em ver que a vida do próximo melhore?

Dentre todas as pessoas do mundo, os funcionários da Visão Mundial devem estar entre os que se sentem mais à vontade com a mudança. Existimos como uma organização para catalisar mudanças. Para que isso aconteça, parafraseando John Calvin, “Precisamos ser mudados e estar sempre mudando”. Em Gálatas 6:15, Paulo afirma que “O que importa é ser uma nova criação”. Aquilo para o que nós na Visão Mundial nos preparamos e pelo que esperamos é ***mudança!***

1. Quanta transformação ousamos buscar?

O Evangelho proclama as boas novas no sentido que Deus nos ama tanto, que nos aceitou do jeito que somos (“enquanto ainda éramos pecadores”, como explica Paulo). Somos amados e aceitos, não devido às nossas boas ações ou orações, mas porque o Deus de amor nos oferece uma nova vida em Cristo.

Somos amados e aceitos, não devido às nossas boas ações ou orações, mas porque o Deus de amor nos oferece uma nova vida em Cristo.

Há mais novas ainda: Deus nos ama demais para nos abandonar como estamos. Apesar de ser maravilhoso sermos aceitos, nosso espírito humano anseia por mais. Queremos mudança. Queremos nos aperfeiçoar. Queremos que nosso mundo seja um lugar melhor. É preciso superar as circunstâncias que paralisam as pessoas em sofrimento desnecessário e em injustiças herdadas. A estagnação sob essas circunstâncias geralmente causa depressão ou exploração.

Na Zâmbia, a Visão Mundial criou centros comunitários chamados **Sanduka**. Neles, as mulheres que foram subjugadas pelo comércio sexual recebem a oportunidade de começar uma nova vida, com terapia, cuidado de saúde, estudos da Bíblia, amizade, treinamento vocacional e microempréstimos. *Sanduka* é a palavra em tonga que significa “mudança profunda”. É também uma palavra em suaíli para uma caixa na qual a pessoa carrega seus pertences importantes. Quando uma pessoa muda para outro lugar, guarda suas posses mais importantes em uma sanduka. Criamos uma imagem maravilhosa se juntarmos os dois significados. A mudança profunda implica manter o que há de precioso em nossas vidas, e receber novos presentes. A Visão Mundial poderia apropriadamente ser chamada de *Sanduka*. Empenhamo-nos em participar das mudanças profundas que Deus deseja para a criação. Na verdade, não nos contentamos com nada menos.

O motivo pelo qual nosso mundo precisa de sanduka é simples: grandes segmentos da sociedade humana, significativos principados e poderes, buscam operar de forma independente da autoridade de Deus. Não há dúvida de que a divisão da vida em esferas sagradas e seculares é uma das exportações mais insidiosas das civilizações ocidentais para o mundo. Todo desenvolvimento socioeconômico transformador sustentável tem suas raízes na espiritualidade (visão do mundo, valores, crenças fundamentais, poder); e toda a espiritualidade cristã leva a um compromisso para com a mudança socioeconômica. O confinamento da

fé a questões pessoais, privadas e espirituais significa deixar sem mudanças a vida cotidiana e exposta ao domínio por outros poderes.

O confinamento da fé a questões pessoais, privadas e espirituais significa deixar sem mudanças a vida cotidiana e deixá-la exposta ao domínio por outros poderes.

Se não formos claros quanto à natureza da autoridade sob a qual vivemos, arriscamos sermos testemunhas das forças do secularismo e não do Reino de Deus. O que as comunidades veem no nosso trabalho como Visão Mundial?

- A generosidade dos doadores, ou o abundante amor de Deus?
- Os valores da civilização ocidental ou os valores do Reino de Deus?
- O poder do dinheiro ou o poder do Espírito de Deus?
- Nossa confiança na experiência profissional e nas habilidades técnicas, ou confiança na misericórdia de Deus, o fruto do espírito, e um futuro no qual “Não haverá mais morte; nem tristeza, nem choro, nem dor.” Estou fazendo novas todas as coisas” (Ap 21:3–5)?

Além da mudança social ou econômica que a Visão Mundial possa causar, arriscamos também importar o individualismo, secularismo e materialismo.

A Visão Mundial pode fazer um excelente trabalho, mas ao final, deixar as pessoas empobrecidas de seus valores mais intrínsecos, apesar da riqueza recém encontrada. As contas bancárias podem crescer, mas a qualidade da vida comunitária pode ficar despedaçada. Poços podem ser cavados, mas a confiança em Deus sofre erosão. Diplomas podem ser obtidos, mas o caráter fica perdido. A transformação social terá curta

duração se não testemunhar com credibilidade a plenitude do bom Reino de Deus. Por esse motivo, não podemos aceitar quando alguns governos, doadores e organizações multinacionais nos mandam manter as atividades “espirituais” fora da assistência e do trabalho de desenvolvimento. Se o fizéssemos, estaríamos arriscando testemunhar um reino que não o de Cristo. E, com toda a certeza, o trabalho não seria sustentável, porque a transformação genuína e duradoura, em algum ponto, é sempre interna, quer aconteça de fora para dentro ou de dentro para fora

2. O que torna a mudança possível?

Participar dessa transformação não significa que somos sua origem. A Visão Mundial não muda o mundo. Com certeza não podemos mudar a vida de outra pessoa ou converter alguém a Cristo. Esse trabalho cabe a Deus. Jesus afirma que somente porque “O Espírito do Senhor está sobre mim” que ele prega boas novas aos pobres, proclama liberdade aos presos e recupera a vista aos cegos, e liberta os oprimidos (Lucas 4:18–19).

Com certeza não podemos mudar a vida de outra pessoa ou converter alguém a Cristo. Esse trabalho cabe a Deus.

Recebemos nossa comissão, nossa ordem para participar desse trabalho de “mudança profunda” de Deus, em um trecho muito conhecido:

Os onze discípulos foram para a Galiléia, para o monte que Jesus lhes indicara. Quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram. Então, Jesus aproximou-se deles e disse: “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”. (Mateus 28:16–20)

Jamais precisamos buscar a mudança em nosso próprio nome ou com nossa autoridade. A menos que sejamos claros sobre isso, arriscamos nos tornarmos agentes do poder estrangeiro ou da riqueza material do mundo, ao invés de sermos instrumentos do Reino de Deus. Como embaixadores do Reino de Deus, seguimos em nome de Jesus e com a “autoridade” de Jesus. Jesus não começa nossa missão com a ordem “sigam em frente”, mas com a afirmação de sua autoridade. Sendo o Filho de Deus, Jesus possui as credenciais para nos encarregar de seguir em frente porque “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra” (Mateus 28:18; veja também Colossenses 1:15–20). O credo mais básico da fé cristã é de que “Jesus é Senhor”. Nenhum senhor é mais alto – nenhum rei, nenhum principado, nenhum governo, nenhuma ONG. O trecho termina com a afirmação de Jesus “lembrem-se, eu estarei sempre com vocês”. Não estamos sós nem tampouco somos a origem da mudança. A mudança não é nossa ideia nem depende da nossa capacidade. Nós participamos nos atos de Deus que transformam a vida.

O trabalho de Deus que muda a vida e o mundo é abrangente em seu escopo. Este trecho deixa claro que o Evangelho é muito político, econômico, espiritual e social – todo aspecto de nossas vidas e sociedades deve ser transformado. Não só as pessoas, mas nações, principados e poderes devem se arrepender e serem renovados em Cristo. Devido à interdependência da salvação da vida humana, criação natural e até mesmo dos sistemas e estruturas espirituais (chamados de “poderes e principados” na Escritura), nosso testemunho do Reino de Deus só é completo quando todos os aspectos da vida são transformados. Seguir Jesus de forma reduzida para uma salvação pessoal é um evangelho incompleto.

Seguir Jesus de forma reduzida para uma salvação pessoal é um evangelho incompleto.

3. Quanto da vida Deus quer mudar?

A autoridade de Jesus se estende a todas as coisas na terra. O seguimento completo de Jesus exige a conversão de todos os aspectos da vida! Seu

encargo recomenda três formas como Deus nos capacita e nos encarrega para sermos agentes da transformação e mudança “terrena”.

Deus deseja a transformação cultural. “Sigam e façam discípulos de todas as nações”. Quando Deus nos convoca para seguirmos em frente e formarmos “discípulos”, normalmente pensamos primeiro em disciplinar indivíduos. A palavra que Jesus usa para “nações” poderia ser traduzida como “culturas” ou “grupos étnicos”. Nesse encargo Deus reconhece o impacto da cultura sobre a formação de valores. Não apenas os indivíduos devem ser “disciplinados”, mas também as culturas.

Seguir a Cristo ocorre de acordo com um tempo, lugar e cultura. Enquanto muitas culturas manifestam muitos bons e bonitos valores condizentes com a vontade e os caminhos de Deus, tanto o Velho quanto o Novo Testamento confirmam repetidas vezes que todas as culturas foram corrompidas de várias formas. Inevitavelmente, surge discórdia entre o que as culturas definem como bom e valioso, e a vontade de Cristo para o que é melhor e certo.

Uma das qualidades da Visão Mundial como organização multinacional e transcultural é que podemos expor formas pelas quais diversas culturas do nosso mundo nacionalizaram o Evangelho. Sendo uma parceria internacional, temos o privilégio de desafiar e provocar uns aos outros no sentido de colocarmos todos os aspectos de nossas vidas e culturas sob a disciplina do domínio de Cristo.

Sentado em um avião pousando em Chennai, perguntei ao meu vizinho, diretor de uma das universidades de elite da Índia, sua opinião sobre qual seria a “grande ideia” com a qual a Índia contribuirá para a civilização mundial ao se tornar uma das “super potências” do mundo. Sua resposta impressionante foi: “Eu diria nossa espiritualidade. Contudo, não acredito que será o caso. Continuaremos sendo uma nação extremamente religiosa – mas receio que não continuaremos sendo uma nação espiritual. Ao estudar a Índia nestas últimas décadas, parece que estamos sempre uma década atrás dos EUA. Se isso acontecer, daqui a dez anos seremos como a América – uma nação altamente religiosa, mas não muito espiritual”. E acrescentou: “O sistema indiano de castas não conseguirá resistir à investida do mercado livre global capitalista. O

capitalismo baseia-se na busca da mudança pessoal, social e econômica. O sistema de castas proíbe isso, exceto para a elite. Mas a pressão por mudanças está presente em tudo. Não pode ser detida. A espiritualidade do sistema de castas não sobreviverá. Assim como na América, receio que o individualismo, secularismo e materialismo, e não os nossos compromissos espirituais, estarão moldando nossas vidas diárias”. Nossa conversa terminou nesse ponto, quando o avião pousou. Esses pensamentos provocadores e desconcertantes clamam pela disciplina de nossas culturas para que nossos valores e objetivos de vida sejam moldados pelo Evangelho e não por outros poderes.

Deus deseja a transformação espiritual. “Batisem-nos em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Mudar nosso modo de vida não só exige que abordemos os aspectos culturais para que reflitam a vontade e os caminhos de Deus, mas também que imploremos que Deus transforme as vidas dos indivíduos daquela cultura. A dádiva de Deus de nova vida para os indivíduos é essencial para a transformação de culturas. A Escritura retrata o batismo como sendo a expressão disso. Com o batismo renunciamos a todas as outras autoridades que poderiam reivindicar controle sobre nossas vidas e proclamamos nossa determinação de viver de acordo com a vontade e os caminhos de Deus.

A igreja primitiva se referia ao batismo e à Sagrada Comunhão como os *sacramentum* – “sacramento”. Todos que ouviam a palavra reconheciam o confronto cultural/político que seu uso implicava. Sacramento tinha outro significado para a sociedade romana: o juramento de lealdade prestado por um soldado ao Divino César durante o alistamento militar. Com esse juramento, o soldado jurava lealdade total ao imperador, renunciando a todas as outras autoridades e aceitando obedecer a César como sua mais alta fidelidade. No batismo e na comunhão renunciamos a todas as outras autoridades e nos submetemos ao “Senhor Jesus” com nossa mais alta fidelidade. Somos imersos com Cristo nas águas do batismo, e emergimos como novas criaturas, revestidos na nova vida de Cristo. Mudamos (veja Romanos 6:4; Efésios 4:24; Colossenses 2:6–12). Nossa identidade, valores, o que valemos e o motivo de viver devem a partir daí ser integrados à vontade e aos caminhos de Deus.

Deus deseja a transformação social. “Ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei” (Mateus 28:20). Seguir Jesus Cristo não é uma simples profissão de fé ou aceitação da veracidade de seus ensinamentos. Ao contrário, Jesus exigiu que se observasse e implementasse todas suas ordens, não para conseguir a salvação, mas para sentir a plenitude. “Ensine-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei”. Nossas culturas devem ser disciplinadas de tal forma que reforcem os valores e visões de valor condizentes com a vontade e os caminhos de Deus. Agora, em todos os nossos relacionamentos sociais, devemos observar o modo de vida do Evangelho.

A salvação por meio misericórdia de Deus através da fé torna a obediência possível. A salvação pretende proporcionar grandes alegrias e profunda gratidão. A profunda gratidão leva à obediência. Os seguidores de Cristo não obedecem para que sejam salvos, mas porque a salvação é a dádiva misericordiosa de Deus. Nós obedecemos porque o Espírito de Deus nos incita a viver como participantes do Reino de Deus. Não obedecer é negar a dádiva de vida que recebemos em Cristo. Não há nada heroico, extraordinário, supernatural ou pio em viver de acordo com a vontade e os caminhos de Deus em toda a dimensão da vida, sob esta perspectiva. É simplesmente do que se trata caminhar ou correr em direção ao bem-estar duradouro, o que significa ser um ser humano totalmente vivo!

A salvação pretende proporcionar grandes alegrias e profunda gratidão.

Ilustrando o acima, o ressurgimento do islamismo faz um convite aos cristãos: recuperar o Evangelho como um meio de vida e não um simples conjunto de crenças e comportamentos domingueiros. Poderia ser dito que *o Evangelho teve início na Palestina como modo de vida, foi para a Grécia e passou a ser uma filosofia, em Roma tornou-se uma instituição e na Europa uma civilização. Na América alguns diriam que ele se tornou uma religião civil, um trabalho voluntário e um negócio.* O que outros diriam no seu país?

A maioria das ordens de Jesus diz respeito à vida cotidiana. Seguir Cristo tem implicações sociais muito práticas. Por exemplo:

- Ame seus inimigos.
- Dê o outro lado da face.
- Sirva copos de água fresca aos pobres.
- Não processe seus colegas discípulos.
- Não deposite sua confiança em tesouros.

Providências ordinárias como testemunhas credíveis do Reino de Deus

Seguem abaixo algumas das implicações comuns e ordinárias que são óbvias para nós em nossa vida e trabalho.

Precisamos resguardar nosso coração. O âmago de nossas vidas como Visão Mundial não é o poder dos nossos orçamentos ou programas. Não é nosso tamanho e estatura. O âmago de tudo que fazemos é nossa vida em Cristo. Seguir Jesus é uma forma de vida, e não somente um conjunto de crenças que professamos. As devoções não são um mero prefácio do trabalho da Visão Mundial. Este culto e devoção são a raiz e o alicerce do trabalho da Visão Mundial, reorientando nossas vidas para a realidade da autoridade sob a qual vivemos.

A fé em Jesus é como vivemos nossa vida diária, e não somente um conjunto de crenças que professamos.

Precisamos integrar nossas vidas. Todos fomos seduzidos pela dicotomia entre o sagrado e o secular. O chamado da Visão Mundial

para a transformação espiritual e social impõe uma integração uniforme. Caso contrário levamos às pessoas somente um evangelho parcial e uma esperança parcial.

Precisamos afirmar nossa dependência. Como cristãos, afirmamos nossa dependência sem nenhuma vergonha. Não ousamos confiar em planilhas, tecnologia, capacidade geradora de renda e habilidades profissionais. Os parceiros comunitários precisam ver que nosso primeiro impulso em toda situação é clamar ao nosso Senhor Cristo em quem “moramos e nos movimentamos e temos nossa existência”.

Precisamos viver com descontentamento. Só estaremos plenamente satisfeitos quando virmos a plenitude do Reino de Deus e o prosperar de todos os filhos de Deus. Sabemos que a reintegração de cada aspecto da vida estabelecida em Cristo só será visível quando o Reino de Deus atingir sua plenitude. Por isso oramos: “Pai nosso . . . “Venha a nós o vosso reino. Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu”. (Mateus 6:19-10). Não nos satisfazemos com nada que seja menos, e por isso somos cronicamente autocríticos. Procuramos sempre ser mais fiéis e frutíferos, na qualidade de administradores das riquezas e oportunidades de Deus, do chamado de Deus e da influência que nos foi confiada por Deus.

CAPÍTULO 4

Poder: Rejeição do tamanho como medida de significado

**Testemunho extraordinário de maneiras ordinárias:
O que gostaríamos que as pessoas falassem sobre nós**

O que o mantém tão humilde quando você é tão grande?

Sejamos honestos: nosso trabalho tem tudo a ver com poder. O chamado da Visão Mundial é de trabalhar com os pobres e oprimidos – com aqueles que se veem emboscados por outros poderes. A forma como usamos o poder fazer toda a diferença do mundo. As pessoas são atraídas à Visão Mundial por causa do poder dos nossos recursos – ou o recurso do poder?

O Evangelho trata do poder. Jesus deu aos 12 discípulos, e posteriormente ao grupo de 70, poder para proclamar o reino, curar doenças e expulsar todos os demônios (Lucas 9:1–2; 10:9). O Novo Testamento cita 116 vezes que o *dynamis* (poder) é dado pelo Espírito. Todos os relacionamentos inevitavelmente envolvem poder. Servir a Cristo é dedicar-se à dinâmica do poder. Ser uma testemunha credível do Reino de Deus requer o recebimento de poder.

Sempre com a melhor das intenções, somos atraídos a posições de liderança porque achamos que teremos poder para exercer influência

– poder para determinar a direção, a qualidade, o caráter e o resultado de uma organização. No entanto, uma vez que assumimos as posições de lideranças, sabemos tão bem quão impotentes somos. Com efeito, ficamos um tanto chocados e surpresos quando os outros acham que estamos “no comando”. Externamente ainda nos sentimos controlados por alguém com mais poder – líderes com mais idade, diretorias, doadores de recursos, governos ou talvez funcionários pouco colaboradores! Internamente geralmente nos sentimos controlados por nossa inaptidão. Assim sendo, que lugar o poder ocupa na vida de um líder e na vida da Visão Mundial como uma organização?

1. O poder em perspectiva

O pecado de Adão e Eva no Paraíso envolveu poder. Sua origem foi a ânsia do ser humano de ser algo diferente, talvez até ainda maior, do que os seres que Deus nos criou para sermos.

“Vocês serão como deuses” sibilou a serpente. O poder fica distorcido quando é buscado e empunhado para nos tornar grandes, ganharmos ótima reputação ou afirmarmos nossa própria importância e nosso status. Como seguidores de Cristo jamais devemos alegar que admiramos a forma autoengrandecedora da Torre de Babel. Talvez possamos repetir em nosso sono que o primeiro será o último e o último será o primeiro, o maior será o menor e o servo de todos. Devemos denunciar o orgulho, ego, egoísmo, ambição ou competição juntamente com arrogância como distorções pecadoras do poder..

“O poder é distorcido quando procurado e dirigido para nos tornar notáveis.”

Fontes do poder. A Bíblia é clara quanto às fontes do poder não serem meramente duplas – divinas ou humanas. Existe um terceiro domínio, o de principados, de poderes e do demoníaco. Mas espere, você pode estar dizendo que leu que “por [Cristo] e para [Cristo] foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas” (Colossenses

1:16). Sim, mas não só os primeiros humanos, mas os próprios Poderes revoltados contra a submissão a Deus. Assim sendo, agora “a nossa luta não é contra seres humanos mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais” (Efésios 6:12). Alguns de nós podemos dizer “Eu não preciso nem quero ser instruído sobre a realidade dos poderes demoníacos”. Mas a maioria de nós poderia muito bem lembrar da visão da Bíblia.

Paulo, em Efésios 6 afirma que a verdadeira luta não seria contra a carne e o sangue, mas contra os principados e poderes espirituais. Ao lidar com o poder lidamos não só com *uma* força, mas com *forças*. O termo bíblico para principados e poderes é *stoichea* – sistemas visíveis e invisíveis do poder e autoridade, que vão da gravidade física aos governos políticos. Foram criados por Deus para dar ordem e harmonia à criação, assim como os ossos são meios de sustentação do corpo ordenados por Deus. Consideramos esses sistemas e estruturas como sendo feitos por Deus, com o mesmo amor que ele nos fez. O mesmo acontece com esses poderes que com a criação humana que “desabou” da harmonia e ordem para as quais fomos criados. A desordem vem rompendo a criação desde então. Consequentemente, nossos relacionamentos com poderes “desabados” nunca são neutros espiritualmente. A menos que reconheçamos as realidades espirituais que estão por trás e dentro de todos os sistemas humanos de poder, somos vulneráveis à exploração e à sedução. As Escrituras alertam quanto a essas vulnerabilidades, assim como quanto aos usos indevidos, manipulações e distorções do poder e poderes.

Distorções do poder. Uma distorção comum equipara o aumento de poder com o crescimento do Reino de Deus. O dia que fizermos o trabalho da Visão Mundial ser sinônimo da chegada do Reino, nos arriscamos a sermos nós mesmos pequenos deuses. A distorção do poder também ocorre quando vemos os oponentes e críticos como adversários de Deus, e consideramos nossos concorrentes quem serve a objetivos semelhantes aos nossos. Uma terceira distorção provém de nos alinharmos aos poderosos de forma que comprometa nossa capacidade de dizer a verdade ao poder, visando preservar recursos e oportunidades para o ministério.

Proteção do poder. Jesus reza por nossa proteção dessas distorções em sua oração altamente sacerdotal de João 17, pedindo ao nosso Pai Celestial que sejamos protegidos em nossa vida no mundo, e que enquanto estamos aqui, sua alegria seja “plena” em nós (v. 11, 13). Nossa vida neste mundo requer proteção – mas também pode ser um lugar de profunda alegria. Entretanto, jamais encontraremos alegria se tivermos intimidade com os poderes do mundo – em segredo ou abertamente. Como Jesus proclama, os poderes do mundo nos odeiam porque nós não somos do mundo (v. 14).

O que fazemos então com isso? Nós não fugimos! Jesus disse: “Não rogo que os tires do mundo, mas que os protejas do Maligno. Eles não são do mundo” (v. 15–16). Jesus ainda roga por nossa postura no mundo – somos postos à parte do mundo e postos nele (v. 17–18). O poder é concedido aos seguidores de Cristo não para o domínio, mas para a unidade. No versículo 20, Jesus roga não só por seus seguidores, mas também por aqueles que crerão nele, por meio da mensagem deles, que podemos ser um. Não devemos ser retirados do mundo, mas o modo de ser do mundo é que deve ser retirado de nós. É exatamente porque não pertencemos ao mundo que nos qualificamos a sermos enviados como embaixadores.

“O poder é concedido aos seguidores de Cristo não para o domínio, mas para a unidade.”

O que isso significa para nossa identidade, poder e trabalho como a Visão Mundial? Conseguimos nos identificar tanto com os pobres com quem trabalhamos, que nos incorporamos a eles? O sofrimento deles é o nosso sofrimento?

2. Administração do poder no Reino de Deus

Na cruz, Cristo “despojou os poderes e as autoridades, fez deles um espetáculo público, triunfando sobre eles na cruz” (Colossenses 2:15). Paulo acrescenta dando maior profundidade em Efésios 1:17–22. A

Escritura afirma que os poderes demoníacos imperam sobre os sistemas e sociedades humanos desabados. Mas esses poderes são derrotados pela vida, morte e ressurreição do nosso Senhor. Em Cristo, tudo se reconcilia em Deus. Por nossas vidas vividas em Cristo, nós participamos da reconciliação de todas as coisas em Cristo. Jesus não morreu pela salvação das pessoas – morreu por toda a criação. Nossas almas não são só redimidas em Cristo, mas o são em sistemas e estruturas, principados e poderes.

Assumimos conflito e oposição decorrentes de quando o poder de Deus se manifesta. Mas o modo de triunfo de Deus revelado na vida de Jesus Cristo é o modo de amor sacrificial.

Uma qualidade da vida de Jesus que as pessoas parecem achar irresistível ou repulsiva é a total recusa a se engajar em violência ou sede pelo poder, mesmo que seja para salvar uma vida. Ao invés disso, ele aceitou a cruz e nos convocou a fazer o mesmo.

Como podemos dar testemunho credível do poder que foi crucificado e se redimiou em Cristo? A menos que sejamos diferentes do resto do mundo na forma como empregamos o poder, tendemos a ser continuamente seduzidos pelos “poderes”. A pergunta difícil é: *Como podemos viver na qualidade de uma organização espelhada na cruz?*

Morremos para termos poder. “Fui crucificado com Cristo” (Gálatas 2:19). Nada tenho a ganhar pelo uso do poder, porque abri mão dos direitos, das expectativas, de tudo. Nada tenho a defender porque eu já me entreguei. Não tenho nenhuma posição para resguardar ou posses para proteger, porque as coisas não podem ser roubadas de alguém que nada possui.

“Não tenho nenhuma posição para resguardar ou posses para proteger, porque as coisas não podem ser roubadas de alguém que nada possui.”

Lembram-se de quando a mãe de Tiago e João perguntou a Jesus se seus filhos poderiam sentar em um lugar de honra em seu reino?

Somos tão diferentes dela? Não gostamos de estar no centro do poder? Não desejamos ser os primeiros, os melhores, mais notáveis e maiores? Gostamos de ser fortes, importantes e de estarmos no centro. Esperamos ser influentes e sermos notados pelos colegas e outros que detêm o poder para mudar as coisas. Quem quer ser frágil, fraco ou estar à margem (1 Coríntios 1:26–28)? No entanto, é a igreja dos tolos e fracos (1 Coríntios 2–4) contra a qual as portas do inferno não podem prevalecer (Mateus 16:18). Jesus diz a essa mãe, e talvez a nós “Você não sabe o que está pedindo”. . . . Vocês sabem que os governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas. Não será assim entre vocês. Ao contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo, e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo; como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mateus 20:20-28).

O chamado inicial ao reino, a primeira resposta dos que o veem próximo, é pelo arrependimento (Marcos 1:14–15). O arrependimento nos livra da manipulação pelos principados e poderes. Dessa forma nós nos recusamos a participar do poder. As pessoas arrependidas abandonam o controle e o domínio, crendo serem impossibilidades tolas. Walter Wink explica da seguinte maneira: “O uso direto o poder contra o Poder inevitavelmente será vantajoso para Os Poderes.”⁵

Nós nos engajamos no “ministério das pequenas coisas”. Richard Foster, em seu livro *Money, Sex and Power*, cita um tema bíblico impressionante: O poder é melhor empregado no que ele chama “ministério das pequenas coisas”. “As pequenas coisas são verdadeiramente as grandes coisas no reino” (págs. 218–219). Como Senhor do cosmos, Jesus concentrava seu poder continuamente em benefício da pessoa que estivesse à sua frente.

*O emprego do poder por Jesus é sempre
e absolutamente relacional.*

5 Para uma exploração mais aprofundada, leia Walter Wink, *Unmasking the Powers* (Philadelphia: EDM Press, 1988).

Quando os discípulos discutiram sobre riqueza e generosidade, Jesus mencionou a pequena moeda da viúva. Quando discutiam sobre o notável, Jesus colocava uma criancinha na frente deles. Retratando o poder para promover a mudança significativa, ele lhes mostrava uma pequena semente. Ele reforçava a significância e a importância de uma mulher que passou despercebida e pessoas rejeitadas por causa da lepra.

Mesmo quando Jesus demonstrou seu poder em maior escala, ele manteve um enfoque pessoal. Uma tempestade foi acalmada para os 12 homens que estavam no barco. Uma humilde merenda de um menininho alimentou cinco mil pessoas. Servimos no poder de Deus mais claramente e seguramente quando servimos às pessoas que outros possam considerar pequenas ou insignificantes, e quando o fazemos de forma despercebida e sem alarido..

Eis aqui o nosso problema: a Visão Mundial não é pequena. Somos notados. A primeira impressão que os membros da comunidade têm da Visão Mundial geralmente diz respeito ao nosso tamanho, nossos veículos, nossos recursos. Nossas mensagens de marketing dependem da garantia de seu impacto e escopo. As pessoas doam por causa da influência que exercemos, os números que atingimos e os resultados que prometemos. Celebramos quando nossos funcionários são entrevistados na televisão e quando as revistas e os jornais falam favoravelmente da Visão Mundial. Quando nossos diretores viajam, câmeras de vídeo gravam e publicam as boas ações da Visão Mundial.

Repetidamente, quando fazia milagres, Jesus advertia a pessoa curada de “não contar para ninguém”. Como a Visão Mundial deveria fazer essa advertência? Quais são as implicações das instruções de Jesus de praticar atos de caridade em segredo – sem mesmo nossa própria mão saber da bondade que a outra está praticando?

Providências ordinárias como testemunhas credíveis do Reino de Deus

O que significa usar o poder de forma humilde, no ministério das pequenas coisas? Seguem abaixo algumas sugestões de “Medidas de

sucesso nos ministérios das pequenas coisas” para uma organização grande, extremamente visível e muito pública.

Primeiro, **quem é “dono” dos nossos recursos?** Um indicador-chave no “ministério das pequenas coisas” é se os recursos que a Visão Mundial administra são considerados como nossos próprios ou como nossos em conjunto com os pobres. Quando há um roubo em um escritório da Visão Mundial, precisamos ser mais claros do que está ou não em jogo. O roubo não se restringe ao patrimônio da Visão Mundial. Nós compartilhamos a administração desses recursos com a comunidade. Quando os recursos são desperdiçados por corrupção, ganância, incompetência ou ineficiência, não são os recursos só dos doadores mas de todos os membros da comunidade que são esbanjados.

Se trabalhamos pelo recurso do poder de Deus e não simplesmente pelo poder dos nossos recursos, se formos movidos pelo poder do amor e não pelo amor do poder, estaremos assim tão conectados às comunidades, que elas sentem que os recursos materiais que a Visão Mundial administra são tão delas quanto nossos. Estamos sempre lembrando uns aos outros que somos administradores e não proprietários de todos os recursos a nós confiados.

Sermos crucificados com Cristo, como indivíduos e organização, será conferido como realidade pela forma como as pessoas com quem trabalhamos se sentem e demonstram a propriedade compartilhada dos recursos que administramos.

Segundo, **de quem (ou do quê) as pessoas dependem?** Outra boa medida da natureza do testemunho da Visão Mundial é a origem do poder no qual confiamos. Confiamos primeiramente em nossa habilidade técnica, nossos passaportes, nossos orçamentos e nossa organização? Seria talvez uma estranha trindade de poder associado aos nossos funcionários, laptops, veículos com tração nas quatro rodas e telefones celulares? Veneramos no altar do “não deus” trino – tamanho, rapidez e importância – ou no altar do Deus Trino do amor altruísta?

O que os membros da comunidade acham ser a origem do nosso poder? A quem eles devem agradecer por um projeto bem-sucedido? À Visão

Mundial? Aos órgãos do governo? Aos doadores? Devemos ser sempre punidos pela reprimenda de Pedro ao povo que seguia o milagre fora do templo: “Israelitas, por que isto os surpreende? Por que vocês estão olhando para nós, como se tivéssemos feito este homem andar por nosso próprio poder ou piedade?” (Atos 3:12).

Toda organização impressionada consigo mesma – seu tamanho, significância, influência e impacto – se arrisca a ser manipulada por principados e poderes.

Quais são os indicadores disso?

- A rapidez, a qualidade e a profundidade da nossa mudança pessoal e organizacional mudam quando descobrimos as iniquidades e inconsistências. Essas características demonstram a humilde dependência em Deus. Confessamos, nos arrependemos e liberamos nossas falhas para o espírito transformador de Deus, e observamos para ver o poder de Deus ser aperfeiçoado em nós.
- Nossa comprovada confiança em Deus, quando comemoramos com entusiasmo o serviço eficiente de outras organizações (com muita frequência chamadas de “nossas concorrentes”) para e com os pobres. Ficamos alegres quando outros ganham acesso aos recursos – subvenções, doadores e participações no mercado – mesmo quando nós também buscávamos esses recursos.

O objetivo da Visão Mundial é ver a transformação do homem sendo promovida, a justiça sendo feita, o sofrimento e a opressão aliviados, e testemunha nascida do reino – não importa através de quem isso ocorra.

A realidade da nossa dependência no poder de Deus será medida pelas formas como humildemente buscarmos a exposição a Deus e a transformação das nossas iniquidades, celebrarmos publicamente

os sucessos de outras organizações e administramos os recursos em colaboração.

Ao não sucumbirmos às distorções do poder, ao administrarmos o poder nas pequenas coisas do reino, estaremos desarmando os principados e os poderes e testemunhando de forma credível o Reino de Deus. Mostramos que a humildade gera santidade, que a fraqueza pode ser nossa maior força, que o menor traz a exaltação de Deus, e que carregar o pesar e sofrimento do próximo leva à cura e esperança. Esta é a forma escolhida por Deus para desmascarar os principados e os poderes do nosso mundo. Seu tempo é curto. Jesus pede que demonstremos ao mundo como será a vida um dia, quando todos os poderes forem restaurados para servir a Cristo e ao Reino.

Governos: Engajamento com as pessoas no poder

**Testemunho extraordinário de maneiras ordinárias:
O que gostaríamos que as pessoas falassem sobre nós**

O que torna possível você sentir o mesmo conforto nas cabanas de palha dos pobres quanto nos escritórios de executivos, nas câmaras dos parlamentos e salas luxuosas dos ricos?

1. Ministério dos pobres

A Visão Mundial está engajada no trabalho pelos pobres e oprimidos, bem como com os poderosos e dominadores. Por necessidade, ao trabalharmos com quem já está marginalizado, trabalhamos também com os centros do poder. Saber como lidar com o poder ao estabelecermos relacionamentos adequados com os poderosos e os impotentes é muito importante para o nosso testemunho do Reino de Deus.

Onde quer que trabalhemos, de uma forma ou outra, operamos em parceria com governos. Sempre nos cadastramos junto aos governos, e frequentemente recebemos recursos deles. Obedecemos as leis trabalhistas e as leis sobre entidades benevolentes, e às vezes aceitamos funcionários nomeados pelo governo. Nossos programas frequentemente

são implementados em parceria com órgãos governamentais e sempre cumprem as normas e acordos governamentais de organizações multilaterais. Em muitos lugares do mundo, de forma explícita ou implícita implementamos as políticas nacionais ou internacionais dos governos. Isso certamente pode dar aparência de sermos representantes desses grandes interesses.

Grandes riscos, bem como grandes oportunidades, resultam quando nos engajamos com os poderes públicos. Os governos podem exigir a supressão dos nossos compromissos cristãos para que a tensão alimentada pela religião seja reduzida. Ao aderirmos às imposições de ajuda internacional dos governos, podemos dar a impressão de que estamos agindo de acordo e dando testemunho do secularismo e democratização ocidental (ou o que alguns podem ver como sendo imperialismo), e não de acordo com o Reino de Deus. Ao mesmo tempo, os substanciais recursos financeiros e materiais (poder) que recebemos de governos podem ser o provimento de Deus para alívio do sofrimento dos pobres.

Anteriormente, nosso chamado para proclamar o Evangelho aos principados e poderes foi discutido. “Para que mediante a igreja, a multiforme sabedoria de Deus se tornasse conhecida dos poderes e autoridades nas regiões celestiais” (Efésios 3:10). A recusa em nos deixarmos seduzir pelo poder distorcido é nosso testemunho do triunfo e sabedoria de Deus..

*A recusa de ser seduzido por um poder
distorcido é nosso testemunho do
triunfo e sabedoria de Deus.*

Eis a nossa questão: Qual é a mensagem da sabedoria de Deus e do Evangelho que estamos transmitindo para os governos e as pessoas que exercem poder sobre o dinheiro e o controle?

2. Trabalho com governos

Em todo o mundo temos várias abordagens para as estruturas políticas

e sociais. Através da parceria da Visão Mundial com poderes estabelecidos, submissão a eles ou pelo desafio que impõem, ou nós utilizamos ou pomos em risco influência e poder como uma organização humanitária internacional que administra dinheiro e pessoas.

Nosso relacionamento com os governos depende do contexto.

Acordo em não participar da proclamação pública. Em alguns países, a Visão Mundial concorda, ao se cadastrar com os governos, em não participar de nenhuma atividade social/política, nem em dar apoio à igreja daquele país. A convicção da Visão Mundial tem sido que, no presente imediato, nossa maior contribuição é melhorar o bem-estar das crianças e dos pobres. Em algumas situações nos submetemos a estruturas políticas e sociais que não regem de forma condizente com o que acreditamos ser a vontade de Deus, na expectativa de que Deus irá proporcionar maior liberdade no futuro. O desejo da Visão Mundial de continuar a servir lícitamente nos países provoca cautela sobre gerarmos ameaças aos governos. Nesse ínterim, deixamos claro que somos uma organização “cristã” humanitária e deixamos que nossas ações “falem” sobre o que prezamos. Mesmo se não houver uma proclamação verbal, viver de acordo com a vontade e os caminhos de Deus é um tipo de testemunho profético.

Desafio direto às políticas públicas. Em outros países, o trabalho da Visão Mundial de dar voz ativa às crianças e aos pobres é um desafio direto aos poderes estabelecidos na sociedade. Quando quem não tem poder ganha voz ativa, quem se aproveitava dos impotentes se sente ameaçado. Ao promovermos a implementação da Convenções sobre os Direitos da Criança e o aumento dos direitos e participação na sociedade pelas mulheres, mesmo quando depomos nossos “direitos”, desafiamos as normas e poderes existentes.

Forçando os limites. Em todas as situações temos o compromisso de testemunhar a Cristo e ao Reino “o máximo possível” naquele contexto. A Visão Mundial informa aos governos que, para que suas comunidades recebam o melhor que a Visão Mundial pode oferecer, precisamos estar espiritualmente engajados e não apenas social e economicamente. Contudo, com humildade reconhecemos que nosso

chamado para ajudar aos pobres pode exigir comedimento em nosso chamado de dar testemunho verbal de Cristo e do Reino. Nosso desafio é manter a capacidade para engajamento a longo prazo em um país, sem comprometer nossa integridade como seguidores de Cristo.

3. Fundamentos teológicos para as relações com o governo

Várias convicções teológicas sobre o poder dão forma ao trabalho da Visão Mundial com os poderes humanos. Algumas dessas ideias bíblicas foram introduzidas anteriormente, mas merecem ser mais exploradas ao procurarmos nos orientar sobre como viver como testemunhas no relacionamento com governos.

Os poderes sociais e espirituais têm origem em Deus. Todas as coisas foram criadas em Cristo, por ele e para ele (Colossenses 1:16). Assim sendo, abraçamos sistemas e estruturas de poder com confiança e compaixão – e não com medo ou antagonismo.

Deus dedica-se a salvar a própria criação, não somente as almas.

Jesus morreu para “reconciliar todas as coisas, tanto as que estão na terra quanto as que estão nos céus” ao Deus trino (Colossenses) 1:17–18, 20). Paulo fala de toda a criação gemendo como em dores do parto para ser libertada da escravidão da decadência em que se encontra, recebendo a gloriosa liberdade dos filhos de Deus (Romanos 8:18-23). Jesus terá o primeiro lugar entre eles. A salvação da criação e a redenção dos principados e poderes é intercalada com a salvação da humanidade. Os seguidores de Cristo devem evitar a tentação de transmitir uma visão por demais centrada no ato de redenção de Deus em Cristo. Em um versículo fascinante, o autor do salmo proclama: “Preservas tanto os homens quanto os animais” (Salmo 36:6).

Cativamos com autoridade e não com mera conformidade. Cristo já desarmou e triunfou sobre todos os soberanos e autoridades (Colossenses 2:15). Em Efésios 1:9–10, Paulo proclama: “E nos revelou o mistério da sua vontade, de acordo com o seu bom propósito que ele estabeleceu em

Cristo, isto é, de fazer convergir em Cristo todas as coisas, celestiais ou terrenas, na dispensação da plenitude dos tempos”.

Não nos submetemos servilmente aos soberanos e autoridades. Os cristãos frequentemente consultam Romanos 12:1–7 como um fundamento de sua teologia política. Mas esse versículo também foi empregado por tiranos para forçar seus súditos à submissão. “Todos devem sujeitar-se às autoridades governamentais”. Quando lemos o trecho inteiro, Paulo menciona os tipos de autoridade a quem devemos nos submeter e sob quais circunstância, dando a entender com isso as autoridades que não merecem nossa submissão. As autoridades legítimas são instituídas e nomeadas por Deus (v. 1–2). Elas julgam a má conduta e aprovam a boa conduta como servos de Deus (v. 3–4). São servos de Deus para fazer o bem, e merecedores de honra e respeito – na medida que são servos de Deus (v. 67).

Juntos, esses guias para nossa conduta sugerem que os sistemas e as estruturas são legítimos se habilitarem o bom na sociedade e restringirem o mal. Na medida que falharem em fazê-lo, são ilegítimos e não merecem nosso respeito nem submissão.

Deus elogiou as parteiras hebreias por enfrentarem a ordem do faraó de matarem todos os bebês hebreus. Deus não as repreendeu por deixarem de se submeter. Nem tampouco Deus esperava que os hebreus voltassem mansamente ao faraó às vésperas de um desastre civil e uma crise de refugiados do deserto, simplesmente para evitarem o conflito militar ou restaurar a paz e a estabilidade no Egito.

Afirmamos que temos alguns mandados em comum com governos. Deus colocou seus humanos com imagem divina na criação com propósitos específicos. Temos em comum com todos os povos e poderes o mandado da criação para:

- administrar e resguardar a criação;
- pôr ordem na criação
- fazer germinar a criação (Gênesis 2–3).

Somos também responsáveis em comum com os mandados de Deus na criação abatida ao conter o mal, proteger as pessoas da opressão e da exploração, garantir justiça e premiar o bom comportamento (Romanos 13).

Assim sendo, quando os governos humanos cumprem esses mandatos, é com prazer que nos tornamos seus parceiros para os propósitos de Deus. Toda vez que os reinos deste mundo frustram os propósitos de Deus em alguma dessas formas, nós promovemos a mudança e resistimos ao seu poder, esperando totalmente arriscarmos nossos próprios interesses e arcar com as consequências. Testemunhamos os governos sem bravatas tolas nem intimidações assustadoras, mas com coragem e integridade inspiradas pelo Espírito Santo.

‘ *Testemunhamos os governos sem bravatas tolas nem intimidações assustadoras, mas com coragem e integridade inspiradas pelo Espírito Santo.* ’

4. Vivendo como cidadãos do Reino de Deus – e dos reinos deste mundo

Que implicações específicas deveriam governar como nos relacionamos com governos? O que exatamente os seguidores de Cristo devem fazer? A igreja primitiva obviamente se preocupava sobre as relações com o governo. Os primeiros seguidores de Cristo compunham uma minoria que funcionava dentro de um império totalitário. Um único passo em falso e seriam esmagados pela força do César. Como então esses primeiros cristãos se mantinham fiéis à sua cidadania de um reino, ao mesmo tempo que atuavam como residentes – e às vezes residentes – do império?

O povo de Deus é convocado para usar o poder de outra maneira. Vale dizer que o Espírito dá voz ativa à comunidade cristã para adaptar

suas próprias relações sociais à vontade e caminhos de Deus. Através do nascimento, morte e ressurreição de Cristo, Deus desarmou e redimiu os poderes rebeldes. O domínio de Cristo pertence a todo poder da vida – salvando almas tanto quanto corpos, pessoas tanto quanto os principados e estruturas da criação. Não aceitamos um dualismo sagrado/secular nem a separação da devoção pessoal na vida pública (Colossenses 1:15-20, Efésios 1:10, 2:10, 3:10, 4:10). Cristo porá seus inimigos debaixo de seus pés (1 Cor. 15:25). Deus sujeitará todas as coisas a Cristo (1 Cor. 15:28). Vivemos na antecipação da revelação universal da vitória que já foi alcançada em Cristo.

O povo de Deus se recusa a domesticar o trabalho de Deus no mundo. É preciso confrontarmos continuamente a tentação de domesticar o Reino de Deus, amenizar seu escândalo e polir as arestas. Isso ocorre rapidamente quando fazemos do trabalho de Deus algo que podemos levar, estabelecer e criar – ao invés da presença em nossas vidas e no mundo do Senhor poderoso do cosmos.

Não é raro ficarmos tentados de fazer do Reino de Deus algo dócil e de pequena escala – talvez a restauração da gentileza humana ou da melhoria temporária da qualidade de nossa vida. Isso tornaria mais fácil realizar o Reino de Deus – um resultado estratégico de orçamentos apropriados, educação moral e bons programas de desenvolvimento. No entanto, esse assim chamado reino portador da fruta amarga das pessoas que vivem em conformidade com o mundo ao invés de participarem da transformação do mundo por Deus.

Quando estabelecemos nossa morada com os poderosos nos expomos a um grande perigo. Nos arriscamos a sermos agentes do controle dos poderes estabelecidos ao invés de catalisadores da transformação do Reino de Deus. Enfrentamos o risco constante de focar no que fazemos de aceitável para os outros, e deixar de desafiar o modo atual de vida. Nossa função mais importante como testemunhas do Reino de Deus não é o desenho de programas e estratégias para aumentar a vinda do reino, mas é a de arrependimento.

Nossa função mais importante como testemunhas do Reino de Deus não é o desenho de programas e estratégias para aumentar a vinda do reino, mas é a de arrependimento.

Somos convocados a sermos os primeiros a nos arrepender. Através de nossas ações, vidas e palavras, anunciamos aos outros o chamado do Reino de Deus. Viver como cidadãos do Reino de Deus deve ter um valor tão visível que os tesouros ordinários dos reinos deste mundo pareçam insípidos e lugares comuns.

- O Reino de Deus é a pérola de grande valor (Mateus 13:45–46).
- Buscar o Reino de Deus é trocar ansiedades pelas riquezas do mundo para receber paz e a retidão dadas ricamente por Deus (Mateus 6:33).
- Nossa vida no Reino de Deus tem tamanho valor, que nos dispomos a sacrificar a autoindulgência (Marcos 9:47).
- Como embaixadores do Reino, Deus espera que não olhemos para trás (Lucas 9:62).

O povo de Deus tem maior lealdade. Comentamos anteriormente que quando os soldados se alistavam na legião romana, prestavam juramento de lealdade ao César. Isso era chamado de juramento sagrado. Ao prestá-lo, o soldado empenhava sua palavra de que não havia nenhuma autoridade superior em sua vida além do imperador divino. A palavra sagrada para o voto era *sacrament*. É tão surpreendente e escandaloso, e até mesmo subversivo, que a igreja primitiva tivesse escolhido essa palavra para descrever suas duas cerimônias centrais: o batismo e a comunhão!

Quando os cristãos participam desses sacramentos, desses votos sagrados, o crente proclama haver uma autoridade, um lealdade em sua vida maior

que o imperador, maior que o estado. Sua última lealdade agora é para com o Jesus o Rei, pois é uma pessoa do Reino de Deus.

Sim, os primeiros cristãos continuavam a pagar impostos. Sim, obedeciam a essas leis que serviam aos propósitos de Deus e muitos, de boa vontade, pagavam com suas vidas o preço de desafiar as leis contrárias ao do Reino de Deus. Sempre que havia um conflito de interesse entre o reino e o império, a igreja primitiva ensinava e demonstrava que a lealdade ao Reino de Deus devia prevalecer.

Que medida adequada poderia nos ajudar a determinar se vivemos de acordo com a nossa maior lealdade a Cristo e ao Reino nas relações governamentais da Visão Mundial? A igreja primitiva se recusava a batizar soldados porque eles já havia feito o juramento a César. Por esse motivo, o soldado era obrigado a dar baixa da legião romana para poder receber o sacramento de Jesus.

Nós temos uma estratégia clara para o nosso testemunho do reino quando optamos por seguir as práticas de um governo que deixem a dever quanto a condizerem com a vontade e o caminho de Deus? Por exemplo, como deveríamos responder às proibições contra a participação no cultivo espiritual ou relação com as igrejas, ou à discriminação contra meninas ou minorias étnica vetando-lhes o acesso à educação?

O povo de Deus assume maior responsabilidade. Quando o escrivão de uma cidade romana queria discutir os assuntos da comunidade, ele convocava todos os cidadãos para uma reunião pública na arena ou praça. As pessoas se reuniam para discutir e agir quanto aos assuntos da cidade. A palavra para descrever esse tipo de reunião de cidadãos era *ekklesia*, ou “igreja”. Novamente, como é surpreendente, escandaloso e até mesmo subversivo que o próprio Jesus tenha optado por esse termo para descrever uma assembleia de seguidores! Ninguém que ouviu Jesus dizer: “edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la” (Mateus 16:18) teria deixado de entender o significado.

Jesus estava convocando cidadãos do Reino de Deus para sua própria *ekklesia*. Sua responsabilidade não dizia respeito aos assuntos do império, mas aos do Reino de Deus. A autoridade sob a qual se reuniam não era a do escrivão da cidade, mas a autoridade de Deus vivo.

De que forma podemos medir nossa vida com a responsabilidade do reino, que é certamente mais abrangente e maior que a dos governos?

- Estamos cuidando das pessoas que o governo não se interessa em oferecer cuidados? Por exemplo, que cuidado damos aos imigrantes ilegais, crianças de rua ou as pessoas deslocadas quando o governo desfaz as favelas?
- Estamos dispostos a dizer a verdade ao poder e desafiar as práticas e políticas do governo? Que preço estamos dispostos a pagar?

O povo de Deus desfruta uma liberdade cara. Outro termo que nos ajuda a entender que a nossa dupla cidadania provém do surpreendente termo que Jesus escolheu para descrever nossa função de testemunhas. No uso moderno jurídico, sabemos do que se trata uma testemunha: é uma pessoa que presta testemunho sobre o que viu ou sabe. O promotor pode tentar minar a credibilidade de uma testemunha, questionar sua correção e integridade. A escolha de Jesus, que traduzimos como testemunha, e a palavra *marturia* – da qual obtemos “mártir”. Mártir é alguém que jura sobre sua própria vida pela integridade e lealdade da verdade de sua palavra. Um mártir empenha sua própria vida com o testemunho que dá.

O Evangelho deixa isso preocupantemente claro: a vida no Reino nos coloca em conflito com os reinos do mundo.

O Evangelho deixa isso preocupadamente claro: a vida no Reino nos coloca em conflito com os reinos do mundo. Quando ajudamos aos que vivem à margem da sociedade para receber o poder de mudança de Deus, as pessoas no centro podem ficar descontentes, sentir-se ameaçadas e até mesmo enraivecidas. Com certeza, as pessoas e os principados que lucram com a pobreza não receberão essas mudanças com alegria.

Se a nossa meta for a de sermos benquistos, apreciados, respeitados e admirados, estaremos nos arriscando a sermos subvertidos pelos reinos do mundo. Em cada lado, Jesus proclama que os cidadãos do Reino são aqueles que:

- estão dispostos a ser desrespeitados até pela nossa família (Marcos 10:29; Mateus 12:29; Lucas 18:29)
- estão dispostos a ser vulneráveis (Mateus 8:20; Lucas 9:58);
- estão dispostos a ser desprezados (Marcos 13:13; Mateus Estão dispostos a enfrentar oposição (serem perseguidos; leiam Lucas

Providências ordinárias como testemunhas credíveis do Reino de Deus

Que providências podemos tomar como indivíduos e organização para vivermos essa complexa dupla cidadania?

Primeiramente, precisamos nos perguntar o respeito e endosso de quem mais desejamos ter? Os governos humanos, em último caso, não têm poder sobre nós. As pessoas que não são controladas por medo e intimidação estão livres. As pessoas que têm algo a perder estão encurraladas e escravizadas.

Entramos em acordo junto a governos com alegria, mas se chegar ao ponto de não podermos ser fiéis ao nosso rei e seu reino, deveremos então estar dispostos a pagar o preço exigido pelos governos. Isso pode até significar sair de uma região ou do próprio país. Se não estivermos dispostos a pagar o preço dessa forma de morte organizacional, ficamos escravizados ao invés de livres.

Em segundo lugar, somente saberemos se estamos livres do controle de um governo ou doador, se estivermos dispostos a virar as costas e partir. Estamos dispostos a deixar um projeto, uma oportunidade de financiamento, ou até mesmo um país, porque não podemos ser fiéis ao nosso chamado e atender aos ditames do governo ou doador? Saber discernir quando isso é apropriado é um processo complexo, pois

significa abandonar pessoas em contextos de pobreza, bem como negar às comunidades nosso testemunho potencial do Reino de Deus.

Em terceiro lugar, precisamos perguntar a nós mesmos, até que ponto estamos dispostos a sofrer individualmente e como organização. Reconhecemos que andar no caminho do Reino, é carregar a cruz (Mateus 10:38; Lucas 14:27, Marcos 8:38). Em seu livro *The Kingdom of God*, John Bright faz a seguinte afirmação:

Sabemos da grandeza da Igreja quando ela consegue se lançar aos alicerces da história por ordem de seu Mestre. Quando já gorda e procura evitar a Cruz, não pode mais ser grande nem tampouco produzir grandeza. . . . Não é uma questão de conquistas e ganhos, nem tampouco de apetrechos e confortos humanos. Trata-se do Deus Todo Poderoso sacrificando-se para gerar a nova criação à sua imagem. O Reino de Deus, portanto, é vitorioso sobre a Cruz e só pode ser adentrado pela Cruz. E é mediado para o mundo somente por uma Igreja que sacrifique a si própria e aceite aquela Cruz. . . . Quem, portanto, nos oferece a vitória de Cristo por um mínimo de inconveniência para nós, sugere o culto de um deus falso!⁶

⁶ John Bright, *The Kingdom of God*, (Nashville, TN: Abingdon, 1953), 268–9.

Justiça: Correção dos relacionamentos com os pobres e oprimidos

**Testemunho extraordinário de maneiras ordinárias:
O que gostaríamos que as pessoas falassem sobre nós**

*Por que buscamos a justiça como um ato de amor
e não como uma expressão de retribuição?*

1. Busca da justiça

Um dos testemunhos mais contundentes que a Visão Mundial traz para o mundo é nossa busca pela justiça.

A justiça é uma questão de relacionamentos corretos. Não se trata meramente de uma palavra legal que descreve direitos e obrigações, julgamentos e punições. No contexto bíblico, justiça é um termo relacional: *peças vivendo um relacionamento correto com Deus, entre si e com a criação natural*. A justiça é uma dimensão que define a comunidade doadora de vida. As leis e os direitos fornecem critérios de medição da qualidade do caráter e da comunidade humanos, mas que por si só não constituem justiça.

A justiça bíblica refere-se às pessoas que vivem da forma que Deus pretende que vivam. Isso significa proteger a dignidade e os direitos dados

por Deus a todas as pessoas, incluindo as vítimas de abuso, exclusão e exploração. Significa amar ao próximo como amamos a nós mesmos.

“A justiça bíblica refere-se às pessoas que vivem da forma que Deus pretende que vivam.”

A justiça é uma questão de vida correta. As palavras em hebraico e árabe para justiça e retidão têm raízes em comum, e descrevem a qualidade do caráter e a conduta necessários para que as pessoas prosperem no relacionamento com Deus e entre si. Justiça significa, literalmente, “fazer o que é correto, direito”, e retidão é “ser correto, direito”.

Os pobres deste mundo não precisam simplesmente de caridade – precisam de justiça. Precisam de uma correção dos relacionamentos. Dar esmolas não torna a vida correta nem resolve os fatores estruturais, sociais, políticos, culturais, macroeconômicos e até mesmo espirituais que contribuem para sua pobreza. Os pobres precisam de justiça, expressa pela restauração da dignidade, pela proteção contra exploração e pelo acesso a oportunidades para bons relacionamentos.

A justiça tem raízes no caráter e na natureza de Deus. A fé bíblica afirma que Deus é amor e Deus é justo. O Deus da Bíblia ama (Isaías 61:8; Salmo 37:28) e pratica justiça (Salmo 103:6; 140:12), principalmente ao garantir justiça para os pobres, os marginalizados e os oprimidos. Como Deus é justo e ama, cabe a nós praticar a justiça e viver com amor (Miqueias 6:8; Amós 5:24; Deuterônimo 16:20). A Bíblia revela Deus como sendo Aquele que busca os marginalizados com o intuito de trazê-los para o lar, quem libera os cativos. O relato em Êxodo mostra isso de forma bastante clara. Isso explica o constato chamado de Deus no Velho Testamento, para que o povo de Israel se lembre de que já foi escravo no Egito. Por esse motivo, vocês devem cuidar das viúvas, dos órfãos e dos estrangeiros.

Praticar justiça não é opcional A justiça é a expressão básica da lealdade. Assim como Deus é amor e tanto amou o mundo que deu Jesus Cristo para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna

(João 3:16), o Evangelho nos convoca para viver no amor e darmos de nós para que todos tenham o que precisam para prosperar (1 João 3:16–17). As pessoas podem recusar nosso amor, mas não ousamos restringir nossa terna bondade. Se não amarmos, o amor de Deus não estará em nós! Os profetas de Deus constantemente reprovaram Israel pelas injustiças praticadas contra os pobres. O profeta Ezequiel (Ezequiel 16:49) condena a arrogância de Israel para com os pobres. Outros profetas proclamam que esse foi o motivo central que fez com que Deus permitisse que Israel fosse enviado para o cativeiro. No entanto, em todas as sociedades vemos riquezas extravagantes ao lado de crianças que vivem em desprezível pobreza, que são sexualmente exploradas e confinadas ao trabalho escravo, que vivem sem acesso à educação ou à esperança.

*Se não amarmos, o amor de
Deus não estará em nós!*

Precisamos entender a progressão no entendimento bíblico da justiça. A Bíblia deixa claro que Deus acomoda a fraqueza e a cultura humana, trabalhando dentro do entendimento das pessoas para liderá-las a uma conformidade ainda maior com a vontade e os caminhos de Deus. No início da Escritura vemos o que pode ser chamado de abordagem humana normal da “justiça”: *represália desproporcional* e vingança como resposta ao mal. Vemos isso com maior clareza na história de Sansão em Juízes 14–15, principalmente em 15:3-7. A Escritura indica que Deus procurou substituir isso com uma resposta mais contida, *retribuição proporcional*: “olho por olho, dente por dente” (veja Êxodo 21:22-25; Levítico 24:19–20; Deuterônimo 19:21). Entretanto, de acordo com essa regra, todos eventualmente nos tornamos cegos, desdentados e desmembrados. A vinda de Jesus incarna uma terceira abordagem, radicalmente diferente.

2. O chamado para praticar a justiça

A justiça não é simplesmente uma coisa que aspiramos, aguardamos ou buscamos. A Escritura nos convoca a fazer justiça. Mesmo antes do nascimento de Jesus em Belém, o chamado de Deus por justiça é feito

com total clareza e simplicidade, pelo Profeta Miqueias: “Ele mostrou a você, ó homem, o que é bom; e o que o Senhor exige mas para praticar a justiça, amar a fidelidade e andar humildemente com o seu Deus?” Miqueias 6:8). Esse trecho considera três pontos óbvios, porém de muito desafio.

Somos ordenados não só a querer justiça, mas também a *praticar a justiça*. Se a justiça torna a vida correta, então somos chamados para tornar a vida correta para o próximo. Nosso trabalho é levar a justiça que restaura a vida das crianças órfãs por causa de AIDS, das crianças palestinas e israelenses vitimadas por muitas décadas de opressão e violência sancionadas internacional e religiosamente. Acesso aos meios de produção e aos meios de subsistência sustentáveis, nas vidas de meninas, geralmente as mais marginalizadas e exploradas nas sociedades, e na vida das minorias étnicas oprimidas pelo racismo e preconceito.

A forma de praticar a justiça é amar com misericórdia Tanto no hebraico quanto no árabe, a raiz da palavra misericórdia também pode significar “ventre”. O ventre materno é um lugar seguro onde a vida pode ser nutrida e pode se desenvolver até o momento de vir ao mundo. A misericórdia cria sociedades humanas onde a vida, e principalmente a vida dos pobres e marginalizados, pode ser protegida e nutrida. É assim que a Visão Mundial concebe a justiça – não em primeiro lugar como um castigo aos infratores, mas para tornar a vida mais segura para os pequeninos, os vulneráveis, para que cada pessoa possa prosperar, vivendo a vida em toda sua plenitude.

O caminho da misericórdia é o caminho da humildade. Quando focamos no Deus que ordena a misericórdia, nós humanos nos pomos no mesmo nível. Essa perspectiva nos garante uma caminhada humilde. A palavra humildade tem a mesma raiz linguística que “solo”. Nós andamos com humildade ao invés de andar com arrogância, com amabilidade ao invés de rancor, unidos pela compaixão ao invés de divididos pelo medo e pela inimizade. Quando voltamos nossa atenção para o futuro das nossas crianças, não importa qual seja nossa religião, comungamos de um anseio de prosperar e ter uma vida repleta de bondade. Caminhamos pelo mesmo solo.

Quando voltamos nossa atenção para o futuro das nossas crianças, não importa qual seja nossa religião, comungamos de um anseio de prosperar e ter uma vida repleta de bondade.

3. A forma radical de justiça em Cristo

A forma como entendemos a justiça bíblica é incompleta sem considerarmos, mais especificamente, a encarnação desta terceira abordagem radical da justiça estabelecida em Jesus. Em Cristo, Deus revela que a justiça é um amor incontido e não uma represália desproporcional ou retribuição proporcional. Jesus disse:

“Vocês ouviram o que foi dito: ‘Olho por olho e dente por dente’”. Mas eu lhes digo: Não resistam ao perverso. Mas se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra; e se alguém quiser processá-lo e tirar-lhe a túnica, deixe que leve também a capa. . . . Vocês ouviram o que foi dito: ‘Ame o próximo e odeie o inimigo’. Mas eu lhes digo, amem seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem, para que vocês venham a ser filhos de seu Pai que está nos céus. . . . Se vocês amarem aqueles que os amam, que recompensa vocês receberão? (Mateus 5:38-46).

Admitimos imediatamente que essa abordagem à justiça – a exigência de Jesus sobre a justiça – é raramente praticada, mesmo pelos cristãos. Os mandamentos de Jesus parecem ser ingênuos, fracos e tolos. No entanto, o Evangelho proclama que a abordagem de Jesus à justiça é a máxima forma de poder e força.

Eu estava em Achém, na Indonésia em 2006, quando houve o massacre de cinco meninas amish em uma escola da Pensilvânia. A imprensa indonésia ficou impressionada. Primeiro pela exposição de decadência e violência na América, porém mais tarde ficou encantada com a reação da comunidade amish. Charles Roberts matou cinco

meninas brutalmente. No entanto, metade das pessoas que foram ao seu enterro tinha parentesco com as meninas assassinadas. Com as mãos e o pés atados, a menina mais velha morta, embora ainda pequena, pediu que atirasse nela primeiro e poupasse as outras crianças. Os indonésios ficaram fascinados com a história de um deão amish. Ao lavar o corpo da neta, preparando-o para o enterro, ele disse para a comunidade: “A coisa mais importante é que precisamos cuidar para não guardarmos ódio em nossos corações. O ódio não é o nosso caminho”. Eu perguntei a um líder muçulmano em Achém o que ele achava desse relato. E ele me disse: “Não tenho palavras. Não consigo entender”. Os amish vivem muito bem esse aspecto do Evangelho. Obedecem ao comando de Jesus. Como seria nosso mundo hoje, se os cristãos em todo o mundo reagissem à injustiça, violência e aos “inimigos” como os amish americanos daquela comunidade na Pensilvânia?

A justiça é feita e as vidas são corrigidas somente com amor

radical. O modo de Jesus amar exige que amemos até nossos inimigos. Jesus derrota o mal ao absorvê-lo com amor irrestrito, e nos convoca a segui-lo. A única forma de corrigir o errado é fazer tudo da forma certa. Não podemos fazer isso sozinhos, mas em Cristo e pelo Espírito Santo recebemos juntos o poder para vivermos essa vida repleta da justiça de Deus.

Jesus decorra o mal ao absorver o amor irrestrito, e nos convoca para segui-lo.

A execução de um assassino, punição de um infrator, podem parecer em primeira instância que estabelecem um equilíbrio, mas isso deixa alguém, em algum lugar, ainda sofrendo e talvez esperando por vingança - aquela velha norma humana.

Declarar guerra aos invasores ou àqueles que nos ameaçam pode reafirmar a nossa dignidade e fazer cessar alguns ataques, mas raramente corrige os problemas que provocaram o conflito inicial. O objetivo deste livro não é debater os méritos da guerra justa ou do pacifismo. Ao

contrário, é uma simples observação de que as pessoas convertidas por força ou coação são conquistadas e não transformadas. As pessoas reprimidas por força da violência ou por ameaças são cativadas, mas não verdadeiramente transformadas. Os cristãos são convocados para proteger e intervir em prol dos mais fracos. Ao fazê-lo, estamos participando do trabalho de Deus. Não é de se estranhar que Jesus tenha dito que os pacificadores serão chamados “filhos de Deus” (Mateus 5).

Esta forma de amor irrestrito só faz sentido à luz da Cruz. Ser cristão é estar convencido de que em Jesus, Deus fez cair o juízo de toda injustiça, pecado e causas de sofrimento. Sabemos que essa visão é ridícula, escandalosa ou até mesmo blasfema na opinião de muitos no mundo. No entanto, acreditamos que Jesus, de livre vontade, assumiu o peso do mal humano e do demônio, a desobediência a Deus e a falta de fé. A soberania, a justiça e o amor de Deus foram manifestados naquele ato supremo de amor irrestrito, e pelo triunfo de Deus com a ressurreição de Jesus. Os cristãos acreditam que agora, por estarmos crucificados através do Espírito Santo com Cristo, partilhamos tanto do seu sofrimento quanto da sua nova vida que consagra todas as coisas a Deus – garantindo a retidão da vida. O Espírito Santo nos capacita a participar deste caráter justiceiro de Deus ao não defendermos nossos próprios direitos. Ao invés disso, defendemos os direitos do próximo de prosperar, porque também foi criado à imagem de Deus.

A busca da justiça para quem é tratado de forma injusta é a marca que decide a vontade e os caminhos de Deus. A Escritura não mede a fidelidade por profissões da doutrina ou teologia, pelo zelo do nosso culto ou pelo tamanho dos nossos edifícios religiosos. Nossa fidelidade é expressa de forma mais credível pela forma como nos interessamos pelos que estão marginalizados. O povo de Deus deve ser caracterizado por sua busca da justiça para os explorados, marginalizados e os que sofrem abusos. Ao fazê-lo, testemunhamos a retidão do Reino vindouro de Deus, no qual todos vivenciaremos a qualidade do caráter e a vida comunitária para os quais fomos criados.

Nossa fidelidade é expressa de forma mais credível pela forma como nos interessamos pelos que estão marginalizados.

Jesus o Messias diz que no Dia do Julgamento, a escala de medição de Deus não será nossa profissão de fé nem tampouco nossos atos de sacrifício. Já no Evangelho de Mateus 25:31-46, Jesus diz que no Dia do Julgamento os justos e os malditos serão separados de acordo com a forma como cuidaram dos famintos, dos desabrigoados, dos pobres e oprimidos. Deus se identifica tanto com quem foi esquecido (ou explorado) pelos poderosos, que quando servimos aos oprimidos, servimos a Deus.

Atos de interesse e justiça por quem é oprimido não são simples caridade – mas atos de culto. Porque Cristo está presente entre os que estão oprimidos, marginalizados e sofrendo, nosso trabalho com eles não é caridade, mas culto. Juntos encontramos Deus. Paulo descreve isso em 2 Coríntios 8:1-15, quando diz que os macedônios primeiro se entregaram a Deus – e de sua pobreza deram seus recursos aos carentes. Paulo continua proclamando que o objetivo de dar aos pobres não é uma simples caridade, mas para que cada um tenha um “equilíbrio justo”, que não seja muito, nem pouco – equidade, justiça.

Paulo descreve a generosidade como um teste da “genuinidade do seu amor”, um testemunho da verdadeira natureza de Deus: “Pois vocês conhecem a graça de nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, se fez pobre por amor de vocês, para que por meio de sua pobreza vocês se tornassem ricos”. (v. 9). Tiago, irmão de Jesus, define a verdadeira religião não como um culto ardente ou nobre sacrifício, mas como o “cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper pelo mundo”(Tiago 1:26-27).

Essas palavras são um eco do primeiro sermão de Jesus gravado no Evangelho de Lucas (4:18-19): “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar as boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da visão aos cegos, para libertar os oprimidos, e proclamar o ano da graça do Senhor”. Ouvimos também algumas das suas últimas palavras, gravadas no Evangelho de João (20:21-22): Assim como o Pai me enviou, eu os envio. . . . Recebam o Espírito Santo”.

Providências ordinárias como testemunhas credíveis do Reino de Deus

Que providências podemos tomar para caminharmos na trilha de justiça de Deus – que torna as coisas corretas na terra e nos céus? Agora é o momento na história de nos oferecermos como testemunhas vivas da vida em Cristo, vivendo o chamado de Deus para buscar a justiça para os que são pobres, oprimidos e marginalizados. Não sejamos conhecidos como pessoas de autoindulgência, legalismos, agressões e indefensabilidade. Ao contrário, que o mundo nos conheça como os que levam liberdade para os prisioneiros, visão para os cegos, alívio para os oprimidos, e o Jubileu de Deus em cancelar todas as nossas dívidas.

Riscos: Seguindo Cristo em um mundo perigoso

**Testemunho extraordinário de maneiras ordinárias:
O que gostaríamos que as pessoas falassem sobre nós**

A maioria das pessoas procura fugir dos lugares instáveis, ameaçadores e perigosos. Você procura o mesmo. O que dá a você essa ousadia e coragem?

1. Procurar a mudança é aceitar riscos

Os riscos são inevitáveis. Não podemos viver nossas vidas ou trabalhar com eficiência sem eles. A Visão Mundial é bem conceituada pela qualidade do nosso compromisso pela segurança dos funcionários e gestão de riscos. Isso é bom.

Deus nunca nos convoca para sermos obtusos. Vivemos em mundo perigoso, portanto é melhor que sejamos inteligentes. Não podemos ser fiéis ao nosso chamado sem esperar que nos ameacem – e perceber que nossa missão é uma ameaça para outros. Nossos funcionários de marketing trabalham com lealdade e diligência para que a Visão Mundial seja atraente para o maior número de pessoas possível. Mas precisamos também ser honestos, nosso trabalho não deixa a todos em situação confortável. A Visão Mundial Internacional desafia

intencionalmente às pessoas e instituições para que se avaliem de acordo com a vontade e os caminhos de Deus. Devemos enfrentar o fato que se formos fiéis seremos uma ameaça para alguns e ofensivos para outros.

Para os cristãos, uma dificuldade natural de se arriscar tem sido a tentação de procurar refúgio nos textos bíblicos, e ao mesmo tempo evitando certos trechos da Escritura.

Embaixadores de Cristo. Por exemplo, gostamos da ideia de sermos embaixadores (2 Coríntios 5:20). Desfiles de carros com bandeirolas ao vento, sirenes das escoltas policiais, povo acenando – implicam dignidade e status, respeito e reconhecimentos. Esse reconhecimento parece ser apropriado para uma organização do tamanho e influência no mundo da Visão Mundial. Não há dúvida, parte do testemunho da Visão Mundial é aumentar a credibilidade do Evangelho e o respeito a ele nos países do mundo. Então esse chamado para representarmos Cristo com estatura é algo que nos cabe.

Mas, espere um pouco! Isso não está de acordo com as palavras de Deus sobre o poder que estudamos anteriormente neste livro! Quando trabalhei como chefe de equipe na VM EUA, fiz uma palestra em uma conferência na Flórida e fiquei surpreso ao ver uma limusine alongada me esperando no aeroporto. Me faz parecer que o Apóstolo Paulo apreciava que as igrejas tratassem seus mestres com respeito e generosidade. Mas não sei o que ele diria sobre a limusine alongada. Nunca tinha visto uma antes. Foi confortável andar nela, mas parecia uma forma estranha de tratar uma organização dedicada aos pobres. Cheguei à conferência pouco antes de ser apresentado. Para meu espanto, se referiram a mim como o *presidente* da VM EUA. Rapidamente, com tato, expliquei qual era meu cargo. . . mas continuo a pensar sobre aquela limusine. Quais tratamentos de luxo podem ser apropriados ou até indispensáveis para nosso trabalho, e como nosso luxo afeta nosso testemunho, independentemente do cargo que ocupamos?

Tudo para todas as pessoas. A invocação de Paulo para que “tornar-me tudo para todos para de alguma forma salvar alguns” (1 Coríntios 9:22) fala da flexibilidade que devemos oferecer à vida neste mundo, e ao nosso

desejo de nos adaptarmos. Não buscamos ser contextualmente apropriados e sermos voltados à comunidade? Não desejamos ser arrogantes ou ignorantes de forma a ofender ou alienar. Queremos que nosso trabalho seja de propriedade local. Não é isso que o ministério da encarnação pretende – morar e trabalhar ao lado das pessoas?

Há um lado negativo nisso também. Até que ponto iremos para acomodar o próximo? Faremos concessões – contratando quem precisamos e aceitando quaisquer que sejam as restrições que os provedores de fundo mandarem, para que possamos trabalhar em uma comunidade? Se formos longe demais, estaremos mesmo conquistando a todos – e se o fizermos, para quê?

Submissão às autoridades. Já analisamos ao comando de obedecer aos governos e às autoridades (Romanos 13:1) e como isso leva a Visão Mundial a cumprir as leis de cadastramento dos governos. Isso cria acesso às comunidades, dá estabilidade e credibilidade e nos capacita a servir aos pobres. Nosso trabalho é reforçado pelo estado de direito, e quando o caos reina, geralmente um terço dos nossos funcionários são guardas de segurança. Na Somália, nossos veículos precisam ter dois guardas armados – um para impedir que o veículo vire uma ferramenta para o conflito civil, e outro para proteger nossa equipe. Nos acordos que a Visão Mundial celebra com governos, com frequência nos colocam às mesas do poder, onde podemos exercer uma influência positiva. Sem o apoio do governo ficaríamos muito limitados quanto aos lugares onde podemos ir e os recursos a serem utilizados.

Mas teremos tanto intimidade com governos e dependeremos tanto de seu endosso que estaremos comprometendo nossa missão para podermos continuar a ser respeitados e receber fundos?

2. Jesus nos convoca para arriscar tudo porque nada temos a perder

Dizer a verdade ao poder. A forma como Jesus encara o testemunho não é afável. “Serpentes! Raça de víboras!” proclamou aos líderes de então. “Como vocês escaparão da condenação ao inferno?” (Mateus

23:33) Palavras de testemunho pouco cativantes. Não tenho certeza se ele abordou, de forma positiva, a questão que estava nas mentes dos fariseus para a qual Jesus era a resposta.

A Visão Mundial é mais do que uma organização de *serviço social*. O chamado de Jesus quanto ao tipo de pessoa com quem nos associamos nos faz indesejados na maioria das limusines. Pecadores, prostitutas e lacaios de regimes opressivos raramente andam em carros do poder. No entanto, Jesus diz que eles entraram no Reino antes de muitos líderes religiosos (Mateus 21:31). Os que estão na prisão, despidos, famintos e desabrigados não são escoltados por dignitários em desfiles de carros. No entanto, Jesus diz que nós o encontraremos no meio dessas pessoas (Mateus 25).

Testemunho com tudo que somos. Conforme já exploramos, nas últimas palavras aos discípulos em Atos 1:4–8, Jesus diz: “Vocês serão minhas testemunhas”. Gostaríamos, talvez, que ele tivesse usado a palavra “embaixadores”. Ao contrário, ele escolheu a palavra “mártir” para testemunhas. Um mártir não é necessariamente alguém que morre por sua fé – mas alguém que testemunha por sua fé com tudo que são. Os cristãos celtas falavam em martírio vermelho e branco. Vermelho era a morte física; o branco dizia respeito a solidão, mal entendido e sacrifício pessoal. Os dois são formas de testemunho. Deveríamos esperar que o mundo nos interrogasse, para saber se existe coerência em nossa vida, palavras e ações. Se houver, nosso testemunho é válido. Se não houver, nosso testemunho é desconsiderado.

Jesus jamais incentivou o masoquismo. Jesus não pede que arrisquemos tudo porque espera que busquemos ou desfrutemos do sofrimento pelo sofrimento em si. Jesus vem ao nosso universo trazendo a perspectiva de eternidade, revelando nossas pequenas obsessões e mesquinhezas como elas são. Ele nos diz que fomos feitos para muito mais, e pede que invistamos em realizações que tenham significado para a alma e o coração, que nos trarão ricas recompensas que ninguém pode roubar e que jamais se mancharão. A mensagem de Jesus é que somos livres para viver com ousadia, porque ao final não temos nada a perder. Podemos viver exultantes e alegres em frente ao risco, porque não nos levamos

muito a sério. Nossos melhores interesses já estão garantidos. Tendo sido criados para a eternidade, ainda insultamos a morte como prova do universo abatido, mas tendo morrido com Cristo nas águas do batismo, podemos dizer com Paulo: “porque para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (Filipenses 1:21).

Podemos viver exultantes e alegres em frente ao risco, porque não nos levamos muito a sério.

Durante uma viagem a Calcutá, minha esposa Kerry e eu tivemos um encontro com a Madre Superiora do centro Missionários da Caridade, no meio de uma favela. Ao entrarmos na propriedade foi como se tivéssemos cruzando a entrada do paraíso, cercado pelo inferno. Perguntamos à Madre se as vidas das irmãs eram ameaçadas. “É claro”, foi a resposta. “Às vezes a morte é causada por violência acidental, outras vezes por doença. Mas isso não importa. Comungamos hoje de manhã. Estamos preparadas para morrer”.

Testemunho pela vida de Cristo em nós. Só podemos ser testemunhas de Cristo quando vivemos como Cristo – e somente podemos viver como Cristo quando a vida de Cristo está dentro de nós. Falamos que sermos “cristãos” é um dos três “princípios integrantes” da Visão Mundial. A intenção dessa afirmação é boa. Mas estamos sempre nos lembrando do óbvio – Jesus não é um princípio, ele é nossa vida! Não podemos reduzir o Evangelho a valores, ética, nem mesmo a tentar viver como Cristo. O Evangelho anuncia a realidade da vida de Cristo que oferece o Espírito, que nos inunda e completa hoje – dando-nos uma nova capacidade para viver de seu modo.

Tamanho desafio para nossos desejos naturais de controle e ordem – e de sermos nosso próprio pequeno deus. Em muitos lugares, as comunidades acolhem a oferta da Visão Mundial de prover educação valiosa e instrução com moral. Isso é muito melhor do que a educação com base na imoralidade. Mas até os melhores programas não pode substituir a soma total do Evangelho ou do testemunho cristão credível.

Se pararmos nos valores e moral, poderemos testemunhar a importância das virtudes cívicas como participação representativa, ou talvez a caridade de um doador, e não a graça de Cristo. Podemos testemunhar a competência da Visão Mundial ao invés da suficiência do Espírito. Podemos testemunhar os valores da cultura ocidental ao invés do Reino de Deus. Podemos reforçar a dependência das pessoas no poder político ao invés da dependência na oração – no dinheiro e não no Espírito de Deus, na ajuda externa e não na vida de Cristo.

3. Testemunho cristão e gestão de riscos

Sem a vida de Cristo imbuída em cada um de nós, podemos ceder às tentações para evitar conflitos, fugir de ameaças e agir com cautela. Em um mundo perigoso se trabalhamos com os pobres e vulneráveis, estamos sempre no centro do perigo – porque é aí onde vivem os pobres. Os pobres não têm meios para pagar sistemas de segurança e militares.

O que são então riscos que valem a pena e até conflitos que valem a pena? Como sabemos quando “calcular o custo” e quando negociar?

O que significa para nós, individualmente e como organização, sermos mártires de Cristo? Quando é que o risco reconhecido é grande demais para nossos funcionários? E o grande potencial quanto ao passivo legal que pode recair sobre a Visão Mundial? Quando saímos de um país ou fechamos um programa? Quando a Visão Mundial sai de uma área de risco, principalmente no meio de uma crise ou levante violento, os pobres com que trabalhamos raramente têm permissão ou conseguem fugir, não importa a angústia que essa injustiça possa causar. Os funcionários da Visão Mundial podem exercer o poder de viajar, graças aos recursos que incluem o poder do dinheiro e vistos – recursos de que não dispõem os pobres nos países tumultuados.

Ian Curtis ofereceu à Parceria da Visão Mundial profundas reflexões ao encerrar nosso trabalho no Iraque em novembro de 2004. Segue abaixo um trecho do que ele escreveu:

A intercessão entre a vontade de Deus e a do ministério da encarnação, associada à segurança, levanta questões complexas para nós, como organização. O que significa para a Visão Mundial se envolver no ministério da encarnação? Não empregamos esse termo com frequência para descrever nosso ministério, ou o usamos ao entrevistar ou orientar novos funcionários. Não tenho certeza por que não o fazemos. Talvez o consideremos “religioso demais”, uma reação compreensível nos dias em que a maioria dos nossos diretores nacionais eram pastores [mas em geral não eram administradores]. . . . Talvez consideremos isso como antiético ao nosso paradigma de profissionalismo de desenvolvimento. Talvez porque não entendemos o que significa em sua aplicação “in situ”. . .

A mim me parece que acreditamos estarmos fazendo isso até que alguém seja morto ou surja a possibilidade de nós sermos mortos. Ora, se fosse assim, o calvário nunca teria acontecido ou teria sido classificado como “encarnacional”. Vejo o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), que perdeu funcionários estrangeiros e locais, e ainda mantém sua presença, de uma forma ou de outra. Porém nós perdemos um único funcionário e saímos de lá.

O que estamos dizendo para nossa equipe cristã, para a Igreja, para nossos colegas muçulmanos, quando as agências seculares permanecem e assumem maiores riscos com sua presença, mas as agências cristãs, sagradas, abandonam o lugar ao primeiro sinal de risco? . . . Certamente, durante os anos, a CICV perdeu mais pessoas do que nós, no entanto não faltam voluntários suíços na fila. Estamos preocupados com nosso passivo legal ou interesse cristão? Falta para nós uma imersão suficiente na missiologia para sermos capazes de aprender com as lições . . . ou será que não nos vemos como missionários e mártires?

As reflexões do fundo da alma de Ian nos levam de volta à nossa questão: o que significa para os funcionários da Visão Mundial ser testemunhas credíveis de Cristo em um mundo violento e perigoso?

E isso nos leva de volta a Jesus e a Paulo, que escreve em Gálatas 2:18–20: “Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”.

4. Implicações dos riscos que assumimos em nosso testemunho do Reino de Deus

Vivemos com a morte de forma já ultrapassada. Fomos crucificados com Cristo, enterrados com ele através do sacramento do batismo e subimos para uma nova vida, revestidos no caráter e vida de Cristo. Para o cristão, qualquer que seja a perda que a morte ameaça, ela já ocorreu: Não somos nós próprios. A pequena morte ainda pela nossa frente é menor que a maior morte pela qual já passamos. Já pegamos nossa cruz e descobrimos que a companhia de Cristo torna essa pesada tarefa uma fonte de alegria.

De acordo com nosso chamado e por opção, vivemos sob riscos — sabendo que ao final estamos aquém dos riscos e nada temos a perder.

Reconhecemos que o maior risco é fazer concessão dos nossos compromissos. Jesus alerta sobre ganharmos o mundo inteiro e perdermos nossa alma (Mateus 16:26). Isso sim é um risco! Estarmos tão concentrados em conquistar a aceitação de governos, doadores e comunidades, que acabamos por deixar de testemunhar a Cristo e ao Reino. Que Deus nos salve disso. Motivados pelo amor que o Espírito Santo verteu nos nossos corações, somos corretamente levados pela grande e ampla bondade que jamais desistiu de nós, e que pede somente que estejamos dispostos a passar para o próximo as dádivas que recebemos (tempo, amor, perdão, esperança, alegria, respeito como pessoas criadas à imagem do grade Deus, acesso às bênçãos desta vida, e muito mais).

Os motivos que não sejam esse amor motivador do Espírito só podem derreter diante do calor sufocante do sofrimento; o custo é simplesmente alto demais. A única fonte de poder que irá sustentar a vida, caminhada e sacrifício a longo prazo e a participação a longo prazo no sofrimento do próximo é o amor que emana do coração ardente de Deus.

De acordo com nosso chamado e por opção, somos motivados pelo amor, não só preocupados com a necessidade.

Vivemos às margens ao invés de estarmos sentados no centro do poder. Nossa morada é junto aos desabrigados e com o Deus de todos aqueles que reconhecem nada possuírem e serem impotentes perante Deus. Nosso poder está com os pobres e aqueles que foram desprezados e rejeitados. Nossas riquezas estão com os sem recursos. Nossa força está com os sofredores.

É claro que somos chamados para testemunhar perante os que têm recursos e poder. É claro que tomamos refeições com eles, nos sentamos ao seu lado, caminhamos com eles durante os desafios da vida. Mas se fizermos nossa morada com eles – se nossa identidade estiver envolvida com os abastados e não com os que não têm recursos, com os poderosos e não com os impotentes, com os que estão no centro das façanhas mundanas e não com os marginalizados – corremos então o risco de trair nosso testemunho do Reino de Deus.

De acordo com nosso chamado e por opção, nos tornamos vulneráveis – porque somos seguidores do Deus que se satisfaz com a fraqueza.

Buscamos o lucro a longo prazo e não o lucro a curto prazo. Sabendo que vivemos no lado do futuro, permitimos que as certezas do futuro deem forma aos nossos compromissos no presente. Se os indivíduos

transformados continuarem confinados pelos sistemas opressivos, não terão ainda vivido a vida em sua plenitude. Assim sendo, Deus nos impele a assumir o risco de administrarmos nossa influência nas comunidades e países para uma mudança sistêmica a longo prazo.

Não cabe a nós trazer o Reino de Deus, mas cabe a nós viver hoje como cidadãos do Reino de Deus, e representar corretamente as expectativas e os valores do Reino. A Visão Mundial adota estratégias que visam aprimorar países e sociedades, não em prol dos poderes e principados, mas em prol da encarnação dos valores do Reino em nossa vida presente. Visam também cuidar do bem-estar das pessoas vulneráveis que terão mais proteção com o estado de direito, um governo pacificador e uma infraestrutura adequada da sociedade civil.

Mas observe com cuidado, pois a verdadeira transformação altera a dinâmica do poder. A tirania de toda espécie depende do medo e da intimidação. Em toda a Escritura, sempre que os mensageiros de Deus vêm a este mundo com o Evangelho ou a boa nova, as primeiras palavras que os anjos proferem são “Não tenha medo”. O Evangelho conduz à coragem, e como comentamos, constantes lembretes do pouco que temos a perder ao buscarmos a transformação radical. Algumas pessoas, obviamente, se sentirão ameaçadas e enraivecidas pelas nossas ações.

De acordo com nosso chamado e por opção, vivemos com ousadia porque conhecemos o futuro e o Senhor do futuro.

Providências ordinárias como testemunhas credíveis do Reino de Deus

Que providências podemos tomar para sermos indivíduos e uma organização dispostos a assumir tal risco? A natureza espiritual e formação cristã entre os funcionários da Visão Mundial é a cruz essencial e sustentadora da nossa missão – e nosso preparo para a missão. Juntos devemos descartar todos os ídolos que nos seduzem à segurança e ao

sucesso. Descartamos o nosso velho eu que nos seduz ao poder, controle e segurança. Somos lembrados diariamente que fomos crucificados com Cristo.

O ponto inicial da segurança dos funcionários não diz respeito às decisões sobre gestão de risco feitas pelo Centro Global, diretorias ou sedes nacionais. As fundações para a verdadeira segurança dos funcionários são feitas com contratação e o cultivo de funcionários motivados pelo amor de Cristo e capacitados pelo Espírito de Cristo. Funcionários que abracem o chamado de Cristo para serem testemunhas com os pobres, funcionários para quem a morte está no passado e para os quais a irreprimível plenitude da vida está pela frente.

Assistência Emergencial: Credibilidade no auge da crise

**Testemunho extraordinário de maneiras ordinárias:
O que gostaríamos que as pessoas falassem sobre nós**

De que forma devemos reagir às dimensões espirituais de uma crise humanitária, sem explorar a vulnerabilidade das pessoas?

Toda emergência humanitária é também uma crise espiritual. Os membros da comunidade, tanto as vítimas quanto os observadores, inevitavelmente fazem perguntas e oferecem opiniões sobre o papel que Deus teve no desastre. Por que isso aconteceu? Por que Deus não intercedeu? Onde está Deus numa hora dessas? O que Deus pretende que aconteça como resultado disso?

Essas perguntas surgem independentemente da fé da pessoa, e até mesmo independentemente das proporções do desastre, quer seja o diagnóstico pessoal de câncer ou um enorme terremoto que deixa milhares mortos e milhões sem casa.

Não oferecer recursos em resposta às dimensões espirituais da crise é tão insensível quanto não oferecer comida a alguém que passa fome.

No entanto, isso não é fácil. A função das organizações para assistência e desenvolvimento internacional mudou muito nas últimas décadas. Grande parte do trabalho ocorre em contextos de crise e violência, ideologias religiosas e políticas conflitantes, e crescente desconfiança e insegurança. Nos envolvermos, mesmo como uma organização baseada na fé, pode expor nossas vidas e nosso trabalho a riscos, para não falar de tentarmos nos envolver ainda mais e buscar participar das necessidades espirituais dos membros da comunidade.

Nós, na Visão Mundial, acreditamos que Deus sofre com os pobres e oprimidos. A graça e a misericórdia que recebemos de Jesus Cristo nos impele a compartilhar do sofrimento no mundo. Inspirados por Cristo, ficamos capacitados a amar ao próximo. O compromisso da Visão Mundial é de ajudar às crianças e às suas comunidades para que vivam a vida em sua plenitude – porque essa é a vontade expressa de Deus durante os séculos, e registrada em toda a Bíblia. A esperança e oração da Visão Mundial é que nossas vidas e programas expressem fielmente a qualidade da vida em Cristo e que as pessoas sejam incentivadas a reagir ao Evangelho.

*A graça e a misericórdia que recebemos de
Jesus Cristo nos impele a compartilhar
do sofrimento no mundo.*

Respeitando a dignidade das pessoas com quem trabalhamos, não exploramos a vulnerabilidade nem recorremos ao poder dos programas de desenvolvimento e humanitários para coagir a uma conversão. Isso desonra aqueles a quem servimos e ao próprio Evangelho.

A conversão coagida não é conversão.

Sendo uma expressão da igreja com a atribuição especial de trabalhar entre os pobres e oprimidos, as organizações cristãs como a Visão Mundial têm o privilégio de fazer uma contribuição significativa nesses contextos, com o testemunho credível do Evangelho de Jesus Cristo. Sozinhos não podemos e não pretendemos preencher todos os aspectos

da missão e do testemunho da igreja. Buscamos ser fiéis ao nosso chamado em especial, e juntos à igreja como um todo apresentar um testemunho holístico e completo que seja fiel a Jesus, Nosso Senhor.

1. Oportunidades para o testemunho

Trabalhamos aonde igrejas não podem chegar. Embora a Visão Mundial possa enfrentar restrições ao testemunho público e verbal, podemos trabalhar em situações delicadas onde as igrejas geralmente não são bem-vindas.

Fornecemos uma presença extremamente pública e visível. A presença e o trabalho da Visão Mundial é muito visível e pode aumentar a conscientização das pessoas quanto ao movimento cristão e dar provas de sua credibilidade. Isso também significa que os programas da Visão Mundial são cuidadosamente examinados pelos doadores, governos, organizações religiosas, agências de controle humanitário – cada qual com suas próprias expectativas.

Unimos grupos cristãos diversos em um testemunho comum. A natureza internacional das nossas organizações significa que a Visão Mundial reflete e engaja a diversidade da igreja global. Isso cria oportunidades para demonstrarmos ao mundo a qualidade da comunidade que se encontra em Cristo. Faz também com que a Visão Mundial seja um ponto focal de discórdia entre os cristãos.

2. Compromisso de testemunhar

A resposta da Visão Mundial a essas oportunidades e desafios é moldada pelos seguintes compromissos:

Tudo que fazemos tem a intenção de testemunhar o Reino de Deus. Conforme afirmado na nossa Declaração de Missão, o trabalho de auxílio, desenvolvimento e promoção de justiça da Visão Mundial é feito para “promover a transformação humana, buscar a justiça e ser um

testemunho das boas novas do Reino de Deus”. Tudo que fazemos – atendimento de saúde, água limpa, educação, sustentabilidade do meio de vida, pacificação, engajamento dos doadores e promoção da justiça – é testemunho da vontade e dos caminhos de Deus. Cremos que essas prioridades contribuem para as intenções de Deus para a vida humana, e levam à vinda do Reino de Deus. *Testemunhar* não é uma atividade verbal e espiritual separada. Nosso testemunho provém de estarmos em Cristo, e só é válido ou credível porque estamos em Cristo. Tudo que intensifica a justiça e contribui para o bem-estar do ser humano é uma realização da oração de Jesus do reino : “Pai nosso que estás no céu, santificado seja o vosso nome. “Venha a nós o vosso reino. Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu”.

Contudo, nosso testemunho deve ser intencional e estratégico.

Jesus, com certeza, era intencional e estratégico, embora sua estratégia tenha confundido as suposições políticas prevalecentes, bem como as suposições religiosas sobre “messias” e “salvação”. Somos convocados para seguir os caminhos de Jesus em nossas intenções e estratégias, virando as expectativas do avesso quando necessário, como parte do nosso testemunho.

Só afirmar que tudo que fazemos tem a intenção de *testemunhar* o Reino de Deus não significa que seremos eficientes como *testemunhas* ou precisos na descrição do Reino de Deus. Assim sendo, a Declaração de Missão da Visão Mundial afirma que “testemunhamos Jesus Cristo através da vida, palavras e sinais que incentivam as pessoas a responder ao Evangelho”. Na Política sobre o Testemunho de Jesus Cristo da Visão Mundial, nos comprometemos no sentido de que cada escritório nacional e cada programa irá desenvolver e implementar as estratégias apropriadas para um testemunho e expressão eficientes dos nossos Compromissos Cristão em seu contexto.

Assim sendo, a avaliação de nossa eficiência em implementar essas estratégias está incluída na revisão por pares e auditorias de praxe do escritório nacional e do programa.

O testemunho começa com quem somos. A credibilidade do nosso testemunho depende da coerência entre nossas palavras, ações e vida.

É por isso que a Visão Mundial investe muita energia para cultivar o cristianismo entre os funcionários da Visão Mundial. É por isso que a Visão Mundial insiste continuamente em reservar um tempo para as devoções nos escritórios e a oração corporativa. O testemunho eficaz depende de que os funcionários da Visão Mundial levem suas vidas com integridade e compaixão, refletindo a vida e o caráter de Jesus Cristo.

O testemunho eficaz depende de que os funcionários da Visão Mundial levem suas vidas com integridade e compaixão, refletindo a vida e o caráter de Jesus Cristo.

O quadro abaixo resume as qualidades presentes na vida da nossa equipe que contribuem para o verdadeiro e eficaz testemunho.

Fatores de contribuição para o testemunho eficaz de Jesus Cristo	
Vida encarnacional	<ul style="list-style-type: none"> • A equipe mora o mais perto possível das pessoas a quem servem. • A equipe estabelece relações positivas de amor e respeito com os membros da comunidade. • A equipe aprende os idiomas e costumes locais.
Vida sacramental	<ul style="list-style-type: none"> • A tecnologia de desenvolvimento (poços, vacinas, etc.) é acompanhada por explicações que apontam para a atividade e caráter de Deus. • A equipe ora publicamente, conforme for apropriado em cada situação. • O comportamento cotidiano da equipe reflete os valores bíblicos de forma contextualmente apropriada.

Fatores de contribuição para o testemunho eficaz de Jesus Cristo	
Vida	<ul style="list-style-type: none"> • O comportamento cotidiano da equipe reflete os valores bíblicos de forma contextualmente apropriada. • Os valores da comunidade passam a ser mais condizentes com os valores primários do Evangelho: amor pelos inimigos, interesse pelos pobres, proteção das crianças e mulheres contra a contra a exploração, na busca da justiça, cuidado da criação.
Vida espiritual	<ul style="list-style-type: none"> • A oração é integrada às atividades da equipe. • O culto e as devoções da equipe visam capacitar a missão. • A equipe ganha crescimento espiritual pelo uso das disciplinas espirituais.
Vida da igreja	<ul style="list-style-type: none"> • As igrejas e agências cristãs são unidas para um interesse cooperativo pelos pobres e principalmente pelas crianças. • A credibilidade das igrejas é aumentada aos olhos da comunidade. • A equipe participa ativamente de uma expressão local do corpo de Cristo.

Ajudar as pessoas necessitadas é a expressão básica de sermos criados à imagem de Deus.. “Não amemos de palavra nem de boca, mas em ação e em verdade. . . . Se alguém tiver recursos materiais e, vendo seu irmão em necessidade, não se compadecer dele, como pode permanecer nele o amor de Deus”? (1 João 3:18, 17).

Sob muitos aspectos, não há nada único ou distintamente “cristão” sobre nossas ações – prover água limpa, vacinas, suprimentos de assistência emergencial ou microempréstimos. Mas Deus diz que Deus é glorificado pelo trabalho compassivo, bem feito. A qualidade das nossas ações dá credibilidade às nossas palavras, e as palavras dão clareza para nossas ações.

3. Qualidades distintas do trabalho “cristão” de assistência emergencial

Devido ao fato de a Visão Mundial não praticar o proselitismo, não explorar as vulnerabilidades das pessoas e não usar a assistência emergencial para incentivar a conversão ou expressar preferência religiosa ou preconceito, de que forma os compromissos cristão da Visão Mundial podem moldar nosso trabalho de assistência emergencial? O Evangelho influencia o trabalho da Visão Mundial de três modos:

Nossos motivos. Procuramos expressar claramente que somos motivados pelo nosso amor a Deus e às pessoas a quem servimos, e não por um simples desejo humanitário de “sermos bons”. Por causa da visibilidade da Visão Mundial e como nossos programas melhoram a vida das pessoas, achamos importante darmos testemunho do Evangelho através de ampla comunicação pública da identidade e dos compromissos da Visão Mundial como uma organização cristã de assistência emergencial e desenvolvimento. Assim sendo, em todas as mensagens públicas, nossa identidade cristã é comunicada claramente.

Nossos recursos. Desejamos deixar claro que nossos principais recursos não são de caráter tecnológico nem financeiro, mas nossa confiança na presença e no poder de Deus. Nenhuma autoridade humana tem o poder de limitar as orações. A intercessão faz parte integrante do desenvolvimento transformador. A oração em união e focada é uma forma central de testemunho.

Nossos métodos. A Visão Mundial tenciona que nossos métodos não foquem somente em “prestar serviços”, “suprir necessidades” e “implementar programas”, mas no cuidado das pessoas e no respeito por sua dignidade e valor.

Não provemos assistência emergencial para que o mundo não se desintegre e ameace os principados e poderes existentes. Nós *estamos* cuidando de pessoas. Cuidados no aprender seus nomes, de conversar, ouvir o relato das pessoas sobre suas perdas e dor – esses são aspectos

vitais do nosso trabalho. O respeito básico e a curiosidade permitem que procuremos entender o que os outros acreditam e como sua fé contribui para suas vidas. Ao perguntar às pessoas a quem servimos sobre o papel da fé em suas vidas, alimentamos relacionamentos de aprendizado mútuo e criamos oportunidades de falar sobre o Evangelho.

Ao fazê-lo, esperamos incutir na mente das pessoas as perguntas para as quais a resposta é Jesus. Os parceiros comunitários perguntam naturalmente “Por que você está aqui? O que o motiva? Por que se importa conosco”?.

Nossas respostas provavelmente não serão: “Ah, acho que é por causa da bondade humanitária”, nem “Rica caridade, é claro”. As respostas que damos ecoam o amor e a compaixão de Deus, que encontramos em Jesus Cristo. Este é o tipo de conversa que deveria ser natural e normal ao nos envolvermos com pessoas quanto à natureza e profundidade da nossa fé. Não é coerciva nem dogmática, não confronta, e não tem tom de persuasão. Simplesmente falamos da nossa experiência. “A fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo.” (Romanos 10:17).

Nossa esperança. Contamos com a intervenção de Deus. Reconhecendo as dimensões espirituais da pobreza e injustiça, servimos no aguardo das ações milagrosas de Deus. Ao final, as pessoas abraçam a fé pelo trabalho do Espírito de Deus – e não meramente pelo testemunho humano. O Espírito Santo condena as pessoas pecadoras e a verdade do Evangelho, desperta as pessoas por meio de sonhos e visões, impele as pessoas a almejar o que é correto e íntegro, e abençoa as pessoas com a cura e a prosperidade..

*Reconhecendo as dimensões espirituais da
pobreza e da injustiça, servimos contando
com as ações milagrosas de Deus.*

Como nós cremos no Deus supernatural da criação e redenção, vivemos com expectativas e esperança. Contamos com o milagroso. Oramos e

agimos com a esperança de que Deus irá interceder nas situações impossíveis. Confiamos que Deus reina absoluto sobre as estruturas humanas e até mesmo as forças do mal. Sabemos que Deus não será paciente para sempre com o mal.

Sabemos que haverá um julgamento, quando a justiça vier rolando como um rio. Rezamos e trabalhamos para que a vontade de Deus seja feita na terra e nos céus.

Apesar de nos surpreendemos com o sofrimento e a opressão neste momento presente, contamos com a vitória final de Deus. E até lá, o Espírito de Deus nos dá motivos para compartilharmos com o próximo a esperança que levamos conosco (1 Pedro 3:15).

Providências ordinárias como testemunhas credíveis do Reino de Deus

Como então essas convicções moldam o envolvimento da Visão Mundial nas situações de emergência humanitária? Através do trabalho extremamente visível e criteriosamente monitorado em contextos onde as igrejas não estão presentes ou carecem de capacidade, buscamos e monitoramos vários aspectos tangíveis do nosso testemunho.

Integridade e transparência. O mundo vê o Evangelho através de janelas que se tornaram opacas com o tempo – pela conduta dos cristãos (ou os que se identificam culturalmente como cristãos), a conduta de pessoas religiosas de outras fés, e o preconceitos de culturas e contextos. Não deveríamos nos surpreender que a qualidade e a credibilidade da nossa vida e ações acrescentam fuligem ou ajudam a “limpar as janelas” para que pessoas possam melhor enxergar Jesus.

Assim sendo, a Visão Mundial utiliza grupos de enfoque, consultas com líderes comunitários e avaliações periódicas dos programas para discernir o progresso nas áreas de transparência e integridade. Quando há presença de cristãos em uma comunidade, implementamos programas para reforçar a liderança e o testemunho cristão nas crianças, jovens e mulheres e homens da comunidade.

Parceria com igrejas. O acesso da Visão Mundial às pessoas e comunidades com quem a igreja geralmente não mantém nenhum contato permite que incrementemos a visibilidade e a credibilidade do Evangelho e criemos oportunidades para que as igrejas sirvam e testemunhem.

Assim sendo, implementamos estratégias intencionais para intensificar a visão dos líderes da igreja para sua comunidade e o escopo do papel nela exercido pela igreja. Visam também criar oportunidades para que os membros da igreja participem de outras organizações comunitárias em prol das crianças, e preparar as igrejas para a liderança comunitária.

Preparo para a resposta. Pela qualidade da nossa vida e ações, e pelos indícios milagrosos da presença de Deus, com frequência temos o privilégio de ver pessoas se tornar seguidores de Cristo e vivenciar mais da vida em toda sua plenitude.

Assim sendo, os funcionários da Visão Mundial estão preparados para reagir quando os membros da comunidade indicam o desejo de se tornarem seguidores de Cristo. Dependendo dos contextos que levam a essa decisão, a equipe da Visão Mundial emprega altos níveis de sensibilidade para não expor a perigo e não explorar os membros da comunidade local.

Deficiências: Quem é totalmente capaz?

Testemunho extraordinário de maneiras ordinárias: O que gostaríamos que as pessoas falassem sobre nós

Você fala muito sobre impacto, tamanho e rapidez de sua resposta como uma organização. No entanto, você também se preocupa com aqueles que muitas sociedades marginalizam e atribuem pouco valor, principalmente os que têm deficiências físicas, mentais e psicológicas. O que torna possível imprimir um ritmo mais lento para que você esteja com os que estão às margens?

Muitas culturas medem o valor dos indivíduos na comunidade pela sua produtividade, atrativo social ou por serem atraentes. O Evangelho faz girar essas medidas de valor na cabeça das pessoas: a dignidade e o valor humano, associados à acolhida do relacionamento com Deus, baseiam-se no caráter de Deus e o que Deus fez em Cristo, e não em algo que façamos por Cristo.

Poucas atividades mostram a distinção do Evangelho com mais clareza do que o testemunho de como as pessoas tratam a quem é menos produtivo, ou menos atraente fisicamente, ou mais visivelmente abatido.

Assim como o trabalho da Visão Mundial com os pobres ensinou à nossa equipe que estamos todos na mesma condição perante Deus, o trabalho da Visão Mundial dentre os deficientes do mundo nos ensinou que

nenhum de nós está livre de “imperfeições”. Todos sofremos a incapacitação de nossos corpos e identidades como resultado da Queda no jardim do Éden, e nos posicionamos perante Deus como iguais àquelas cujas deficiências são mais reconhecidas ou temidas pelo mundo abatido

1. Todos temos deficiências

Quando falamos de deficiências, este é o lugar por onde começar, um lugar que frequentemente evitamos. Não só temos todos deficiências, mais provavelmente todos nós, com a idade, sofreremos diminuição da nossa capacidade. Algumas deficiências são mais visíveis que outras, embora a deficiência invisível possa ser igualmente estigmatizante (por ex. se ela afetar a produtividade).

Como cristãos, sabemos que as deficiências mais devastadores a longo prazo são geralmente disfarçadas ou não são aparentes à primeira vista: ganância, orgulho, arrogância, ambição, medo e inimizades podem incapacitar indivíduos, relacionamentos e comunidades inteiras. Em nossos corpos ou nossos caracteres, em nossas mentes ou em nossas emoções, em nossas atitudes ou nossas aptidões – todos enfrentamos limitações.

Todos cambaleamos apesar de nossa imperfeição em direção à plenitude da vida que existe no Reino de Deus. Como frequentemente deixamos de reconhecer nossas próprias limitações e incapacidades, temos pena ou até mesmo estigmatizamos o próximo.

Fingimos estar inteiros quando não estamos. Num esforço consciente para melhorar, tentamos esconder nossas fraquezas, mostrar nosso lado mais favorável, esconder as partes das quais temos vergonha.

Fingimos estar inteiros quando não estamos.

Mas o Evangelho abre caminho, e nos toma de surpresa ao abraçar nosso estado de quebra. O que era para nós uma vergonha passa a ser o

monumento da misericórdia de Deus em nossas vidas. Assim sendo, o Evangelho supera todos os estigmas e preconceitos contra as pessoas com deficiência – quer sejam mentais, intelectuais, emocionais ou físicas; HIV ou AIDS, lepra, tuberculose resistente aos medicamentos, ou outras doenças; ou até mesmo as deficiências espirituais (pense na compaixão de Jesus pelo demoníaco).

A questão é que todos nós estamos quebrados. Podemos esconder, mas não podemos curar a nós mesmos.

Estigmatizar o próximo pela deficiência *dele* é, ao final, estigmatizar a si mesmo. E mais, se um membro do corpo de Cristo sofre, todos nós sofremos (1 Coríntios 12:26). Tudo que inibe o próximo de prosperar reduz a plenitude da vida para todos nós. Mas o corolário é que quando damos meios para que um membro do corpo de Cristo prospere, todos nós ficamos mais sadios. Há um século, Maria Montessori foi orientada por sua fé cristã para desenvolver o melhor sistema de educação possível para as crianças deficientes que estava sob seus cuidados, e hoje reconhecemos que seu esforço para introduzir mais capacidades abundantes nas vidas das crianças deficientes pode beneficiar a educação de desenvolvimento de todas as crianças.

Tudo que inibe o próximo de prosperar reduz a plenitude da vida para todos nós.

2. Cristo tem deficiências

Esta segunda e chocante afirmação reconhece que não só o corpo de Cristo reconhece deficiências e imperfeições compartilhadas em todos os membros individuais – mas o Evangelho afirma que nosso Senhor Jesus Cristo também compartilha nossas deficiências.

Veneramos o Senhor ascendido, cujas mãos estão para sempre feridas, cuja carne foi permanentemente perfurada. “Vejam as minhas mãos e os meus pés” eles nos diz (Lucas 24:36–39). A prova de que ele ascendeu

não é simplesmente um túmulo vazio: é o corpo ferido. Jesus foi perfurado por causa da nossa iniquidade. Ele leva nossas feridas. Por suas feridas fomos curados..

O Deus a quem veneramos não se afasta das pessoas por causa de sua aparência ou deficiência. Deus não exige que antes de podermos estar na presença do Sagrado, devamos nos livrar de todas as “anomalias”, todas as quebras, todos os “defeitos”. Ao contrário, nosso Senhor Jesus Cristo carregou todo o peso de tudo que incapacita o ser humano na cruz, e ainda porta os sinais disso em seu corpo ascendido, seu corpo de glória.

Assim sendo, nossas deficiências na verdade, nos aproximam da comunhão do sofrimento de Cristo (Filipenses 3:10). Jesus nos diz que se quisermos encontrá-lo agora, será no meio dos desprezados, marginalizados e excluídos. Escandalizou as pessoas com sua disposição de tocar e abraçar os menos festejados, os menos agradáveis – pessoas com lepra, pessoas com doenças crônicas ou proscritas, e até os mortos! De fato, encontramos Jesus, conforme o relato em Mateus 25, entre os famintos, desabrigados, despedidos e cativos.

Nosso chamado desafiador de caminharmos ao lado e amarmos as pessoas que são rejeitadas e marginalizadas é, na verdade, o chamado de caminhar ao lado e amar Cristo. Ele chega ao ponto de avisar que no julgamento final um dos critérios será o de como andamos com aqueles a quem a sociedade minimiza, marginaliza e evita. As Escrituras nos convocam a lembrar que o Salvador do mundo foi desprezado e rejeitado pela sociedade (Isaías 53:3).

Nosso desafiador chamado de amar e caminhar com as pessoas rejeitadas e marginalizadas é, efetivamente, o chamado de amarmos e caminharmos com Cristo.

Jesus diz diretamente que quando servimos aos que são excluídos e tratados injustamente, estamos servindo a ele. A comunhão com o nosso

Senhor não se dá somente no mistério sagrado da Eucaristia, mas também no mistério da comunhão conosco na im perfeição humana. Nos dois, encontramos o corpo abatido do nosso Senhor. Nos dois, encontramos uma nova visão de “qualidade de vida”, uma profunda esperança, uma resistência de amor não condicionada ao nosso desempenho, nem frustrada por nossa situação. Pregamos a heresia se nosso testemunho sugere que o sofrimento ou a marginalização for um indício da ausência ou impotência de Deus.

Nossas deficiências são uma interseção sagrada onde podemos esperar encontrar a presença e o poder redentor de Deus.

Nada disso significa que devemos nos resignar ao sofrimento. Jesus avisa que deixar de fazer o que podemos fazer para remover as barreiras enfrentadas pelo próximo para acesso à plenitude da vida é nos arriscarmos a barrarmos a nós mesmos da vida eterna no Reino de Deus.

Nenhum de nós pode fazer tudo, e Jesus não está pedindo isso. Cada um de nós pode fazer alguma coisa. Teremos de prestar contas disso.

3. A força de Deus é feita em perfeita fraqueza

Surpreendentemente, em todas as narrativas do Velho e do Novo Testamento, Deus não parece muito interessado nos candidatos óbvios quando se trata de questões celestiais. Para os vizinhos, Noé não parece estar completamente são. Moisés se sente como um gago na frente da multidão e passou anos no exílio com um criminoso. Davi é a menor pessoa no campo de batalha, e é um pastor, não um guerreiro. Jonas e Elias rogaram a Deus que enviasse outra pessoa, porque os dois suspeitavam que acabariam envergonhando a Deus e a si mesmos. O Deus do cosmos invade a história como o filho recém-nascido refugiado de um trabalhador comum, em uma comunidade minoritária oprimida.

Com isso aprendemos que o contexto no qual se encontra a força de Deus não é aquele no qual já nos sentimos dotados e capazes. Procuramos a face de Deus, sua pessoa, com todo nosso coração, em

nossas fraquezas, falhas e imperfeições humanas. Em nossas deficiências físicas ou mentais, em nossas atitudes ou nossas emoções, as palavras de Paulo soam verdadeiras: “[O Senhor] disse a mim: ‘Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza’. Portanto, eu me gloriarei ainda mais alegremente em minhas fraquezas, para que o poder de Cristo repouse em mim. Por isso, por amor de Cristo, regozijo-me nas fraquezas, nos insultos, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias. Pois, quando sou fraco é que sou forte” (2 Coríntios 12:8–10).

Assim sendo, a Visão Mundial trata a todas as pessoas com dignidade e respeito devido à nossa vida em comum, criada à imagem de Deus, e as imperfeições que temos em comum. Isso inclui as pessoas deficientes, pessoas com HIV ou que estejam marginalizadas. Oramos e trabalhamos para que as barreiras impostas a eles sejam derrubadas, e que nós mesmos não nos tornemos barreiras ou as construamos. Oramos e trabalhamos também para que a misericórdia fortalecedora de Deus se manifeste no meio de nossas fraquezas. Queremos viver de tal forma que Deus seja glorificado no meio de todas as deficiências, todo sofrimento e todo pesar.

Providências ordinárias como testemunhas credíveis do Reino de Deus

Que providências devemos tomar para remover todas as barreiras que marginalizam pessoas? Um dos testemunhos mais contundentes do testemunho do Reino de Deus é o remover as barreiras que estigmatizam e diminuem as pessoas. A igreja é chamada para ser uma comunidade sem barreiras, que busca os que são marginalizados pelo próximo, celebrando suas vidas no centro de nossa vida conjunta. Fazemos isso de quatro modos:

Abraçamos uns aos outros em nossa situação comum de imperfeição.

Como compartilhamos a realidade comum da nossa imperfeição, não importa que tipo de manifestação tenham, vivemos com uma solidariedade profunda e tenra.

Cuidamos para que nossas vidas sejam inclusivas e nosso culto seja acessível. Ao invés de afastar ou evitar quem é considerado diferente ou sem valor, reconhecemos que, de forma especial, é neles exatamente que encontramos Deus.

Encontramos a misericórdia potente de Deus em nossa fraqueza. O Espírito Santo trabalha dentro e através de nós como o corpo de Cristo, fortalecendo, crescendo e unindo nossas vidas em amor (Efésios 4:16). Quando sofremos discriminação, somos excluídos e marginalizados, o fardo torna-se pesado demais. Mas juntos, temos voz ativa para encontrar e tornar tangível para cada um de nós a suficiência da misericórdia de Deus no âmago de nossas fraquezas.

Quebramos as barreiras que bloqueiam a plenitude da vida. Ao invés de ignorarmos as barreiras impostas pela sociedade excluindo e marginalizando as pessoas, participamos do ministério de Deus que remove obstáculos e inclui as pessoas.

O Espírito Santo nos edifica em amor para que, ao invés de cambalearmos permanentemente e para sempre em direção ao Reino, carreguemos uns aos outros quando necessários, e juntos nos encaminhemos com alegria para aquele dia em que seremos um, unidos como a perfeita e sagrada igreja de Cristo (Efésios 5:27).

Sufrimento: A comunidade de lágrimas

**Testemunho extraordinário de maneiras ordinárias:
O que gostaríamos que as pessoas falassem sobre nós**

Seu trabalho concentra-se em todas as coisas difíceis da vida que, por instinto, tentamos evitar – deficiências, desastres, injustiça, pobreza, opressão. Isso é realmente deprimente. O que faz com que você não desista?

1. A vida é difícil

Não há como evitar isso. O sofrimento atinge a todos nós. Nenhum de nós está protegido contra a dor por toda a vida. Se ficamos tentados em pensar que a vida de outra pessoa é fácil, é porque não a conhecemos bem. Para vivermos de forma fiel e frutífera para Cristo, sem nos deixar abalar quando a vida fica difícil, é preciso aprender a lidar com as dificuldades. Se não pudermos enfrentar o sofrimento, não podemos enfrentar plenamente a vida. Se não soubermos lidar com adversidades, ou tirar o máximo proveito delas, ficaremos prisioneiros atrás dos muros que construímos futilmente na tentativa de nos precavermos contra o sofrimento.

Qual é a nossa reação quando o sofrimento nos atinge? O normal é tentar fazer a dor parar, ou distribuir a culpa: Deus, por que permitiu que isso acontecesse comigo? No entanto, todo sofrimento é como a dor física – um sintoma de que algo está errado. Sem a dor poderíamos

não saber que estamos sangrando, e morrer. Apaziguar a dor não resolve nosso problema – na verdade isso pode nos insensibilizar. Ao contrário, a dor faz com que prestemos atenção. Ela alerta os indivíduos e a comunidade para a necessidade de reagrupar os recursos.

É portanto com o sofrimento – eles nos alerta para o fato óbvio de que vida neste momento não é o que Deus pretende que seja. O sofrimento exige uma resposta. As pessoas que aprenderam a confortar a quem sofre aprendem um dos motivos da vida.

2. O amor implica sofrimento

Quando amamos nos tornamos vulneráveis ao próximo. Abrimos nossas vidas para grandes alegrias e grandes tristezas, para satisfações profundas e mágoas profundas. Nossa escolha não está em sofrer ou não sofrer, mas entre amar e não amar. A palavra “compaixão” significa literalmente “simpatia para com a tragédia pessoal de outrem”. Ter compaixão e amar significa ser capaz de abraçar o sofrimento – nosso próprio e o do próximo.

O sofrimento, ao contrário de nos roubar a vida, como parece ser o que ameaça fazer, abre uma oportunidade para que Deus trabalhe em nós para tirar do sofrimento seu poder de destruição. Ao contrário de sermos diminuídos pelo sofrimento, sentimos a força de Deus em nós, para que até o sofrimento possa gerar bons frutos. É por isso que Paulo afirma que podemos nos regozijar no sofrimento. Nenhuma dor precisa ser desperdiçada. “Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito” (Romanos 8:28).

O sofrimento não é estranho a Deus. Em Cristo, Deus não só carregou nosso sofrimento pela morte e vida ressurgida, mas continua a nos carregar em nosso sofrimento presente até completarmos nossa peregrinação à parada mais longínqua. Há uma resposta cristã distinta e até escandalosa para o horrível problema do sofrimento: Cristo crucificado. Cristo carregou e redimiu nossa dor – e ainda se

encontra dentre aqueles que portam pecados e vergonha, a dor e o pesar (leia 1 Coríntios 2:1–2: “Pois decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado”).

Jamais adotaríamos o sofrimento sem sentido. Mas parte da liberdade emocional que sentimos quando Cristo redime nosso sofrimento é que ele passa a ter sentido e não precisa mais nos separar de Deus ou de outras pessoas. Através do sofrimento que encontramos, participamos da vida do nosso Senhor no seu momento de mais profunda agonia. Vivenciamos solidariedade com o povo de Cristo, pois uma circunstância que garantidamente compartilhamos nesta vida é o sofrimento. Em um grande Mistério espiritual, nosso sofrimento se une ao de Cristo, e juntos nossos pesares e nossa resposta aos pesares desempenham um papel maior no grande drama do universo que fica evidente das dimensões humanas do espaço e tempo (leia Jó). “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai das misericórdias e Deus de toda consolação .[literalmente:., ‘segue ao lado com força’] que nos consola em todas as nossas tribulações, para que, com a consolação que recebemos de Deus possamos consolar os que estão passando por tribulações. Pois assim como os sofrimentos de Cristo transbordam sobre nós, também por meio de Cristo transborda a nossa consolação.” (2 Cor. 1:3–5 *NVT*).

3. Um novo motivo para a vida

A Escritura apresenta uma revisão radical do nosso motivo para a vida. Carreira, sucesso, impacto, significância e segurança ficam reduzidos a minúsculos objetivos, quando comparados. Estamos livres para encontrar alegria em tudo que nos empurra e sacode, nos infesta e causa dor, porque a Bíblia apregoa que no sofrimento encontramos Deus. “Pois decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado” – Cristo carrega nossos fardos. Ao conhecer Cristo somos capacitados e habilitados a suportar o sofrimento do próximo.

Opressão, pobreza crônica e emergências humanitárias são crises teológicas. Por trás das lágrimas de pesar e gritos de medos, são feitas em altos brados (embora mais comumente em sussurros) as perguntas sobre a natureza de Deus. *Por que o senhor permite esse horror? Por que eu? Por*

que não faz isso parar? Ou, O que eu fiz para merecer isso? Até mesmo as seguradoras chamam os desastres naturais de “atos de Deus” (força maior). Que tipo de Deus age dessa forma, afligindo as pessoas supostamente inocentes com a fome, furacões, inundações, secas, tsunamis, terremotos e vulcões?

As pessoas que vivem nos abrigos são quase sempre vítimas, porque habitam em lugares vulneráveis, com infraestrutura já sobrecarregada ou não existente para mitigar a perda de vida e de recursos. São prejudicadas pelo poder cego da natureza ou pelo poder corrupto das pessoas. O mundo repercute essa trágica repetição dessa matança de inocentes pela natureza e pelo homem.

Em sua maioria, a resposta para a injustiça, pobreza ou emergência humanitária não é diferente por causa da fé religiosa dos que vão ao socorro. Barracas, alimentos, cuidados médicos, latrinas e locais seguros para crianças não têm identidade religiosa. As vítimas precisam de cuidados – bons e imediatos – e procuram aquele que possa suprir suas necessidades. Assim sendo, as pessoas necessitadas ficam vulneráveis à manipulação pela ideologia dos que as socorrem. Como organização cristã, a Visão Mundial é convocada para ser fidedigna, eficiente, imediata e de confiança em não explorar as necessidades das pessoas e não promover a conversão de fé. Este é o primeiro chamado de uma organização de assistência emergencial – seja cristã ou não.

De que forma nossa fé marca e molda o trabalho que fazemos como Visão Mundial, quanto à forma como trabalhamos com os que sofrem por causa de pobreza, opressão ou desastres?

Providências ordinárias como testemunhas credíveis do Reino de Deus

Que providências podemos tomar individualmente e como organização para aumentar nossa parceria e vivenciarmos esse tipo de espiritualidade no nosso engajamento com o sofrimento?

Servimos como um chamado sagrado. A fé bíblica proclama que o sofrimento de todas as pessoas, principalmente dos inocentes, insulta

a Deus. A vontade de Deus é de que o ser humano e toda a criação prosperem, e que todas as pessoas reajam com compaixão para com os que sofrem. O alívio do sofrimento é um chamado sagrado, um trabalho divino. É uma forma muito sagrada de servir.

O alívio do sofrimento é um chamado sagrado, um trabalho divino.

O sofrimento, ao contrário de revelar a ausência de Deus, é exatamente a circunstância onde temos maior probabilidade de encontrar a presença de Deus. Descobrimos no sofrimento, não uma expressão do divino julgamento, mas a expressão da compaixão de Deus. A cruz do Evangelho – Cristo crucificado – revela mais profundamente a profundidade do quanto Deus se identifica com o sofrimento. O Apóstolo Paulo descreve Deus como o Pai de misericórdia e o Deus de todo o consolo, que nos consola em nosso sofrimento para que possamos consolar o próximo no dele (2 Coríntios 1). Jesus se refere ao Espírito Santo como o Conselheiro (João 16) – quem é chamado para consolar. Quando consolamos aos outros em suas aflições, somos participantes do trabalho de Deus.

Lidamos gentilmente com o pesar do próximo. Até as lágrimas são sagradas. Entendemos que estamos à frente das mais profundas ansias e feridas dos corações humanos. Toda organização razoavelmente competente pode prover barracas, alimentos, medicamentos, água e condições sanitárias. A natureza sagrada do nosso chamado exige mais de nós, que cuidemos com amabilidade das pessoas a quem servimos. A prova de sermos cristãos, e o indício da verdade da nossa religião é nosso amor pelas viúvas, órfãos e os que estão em perigo (Tiago 1:16–17). O amor cristão não é expresso integralmente através de palavras amáveis ou ações bondosas estendidas a agrupamentos de pessoas desconhecidas, mas através do cuidado tangível de indivíduos conhecidos. Deus conhece o nome das pessoas que são tocadas por nossas vidas, ações e palavras. Na pressa de prestar assistência emergencial a milhares de pessoas, prestamos muita atenção ao indivíduo no meio da multidão. O amor de Deus é pessoal.

Celebramos o que temos em comum com aqueles a quem servimos.

Embora tenhamos passaportes com os quais podemos sair das regiões de desastre, embora não estejamos encurralados em uma determinada situação, temos ciência de quão profundo é o que temos de comum com aqueles a quem servimos. Sabemos que sem a intervenção de Deus em nossas vidas ficaríamos presos em nossos próprios desastres pessoais, em nossos receios e desolação, exaustão, solidão e orgulho, nosso pecado e insensatez. Sabemos que todos nós somos impotentes, carentes e sofredores, em maior ou menos escala.

Assim sendo nosso serviço não é de caridade, mas de benevolência. Não é uma bondade condescendente. É um ato de justiça ao procurar um “equilíbrio justo” com o qual as pessoas precisam viver (2 Coríntios 8:13–14). Não existe diferencial de poder entre quem ajuda e quem é ajudado, quem dá e quem recebe os recursos. Na Visão Mundial sabemos que os bens que distribuimos são doados e não nos pertencem. Tratam-se de dádivas que administramos, assim como a misericórdia de Deus é dada em Cristo sem cobranças, e não nos pertencem nem jamais a merecemos. Como as pessoas a quem servimos em uma emergência humanitária, sempre, diariamente, estamos diante de Deus e uns dos outros de mãos vazias, carentes de ajuda.

O sofrimento nivela o solo. O sofrimento remove toda pretensão e orgulho, e geralmente reduz também a dignidade. As pessoas desesperadas não mais se importam com a dignidade. Concentram-se em sobreviver. Pais desesperados sucumbem na humilhação de receber ajuda para seus filhos. Por esse motivo a Visão Mundial se prontifica a salvaguardar a dignidade das pessoas a quem servimos.

A proteção da criança é um mandado divino. Ao invés de descarregar suprimentos nas mãos passivas de quem os recebe, a Visão Mundial faz todo o possível para capacitar as vítimas crianças para serem agentes de esperança e cura em suas comunidades. Empregamos crianças mais velhas e os chefes de família na reconstrução de suas próprias casas. Damos emprego às vítimas do desastre, na distribuição de alimentos e suprimentos de emergência. Esses métodos não só são econômicos, mas são as ações provenientes do chamado bíblico para tratar as pessoas – feitas à imagem de Deus – com respeito. Ao liberar a

capacidade das pessoas de cuidar de si mesmas e de outras, reafirmamos sua identidade de filhos de Deus, e lhes indicamos os propósitos de Deus para suas vidas.

*A Visão Mundial faz todo o possível
para capacitar as vítimas
crianças a serem agentes de esperança
e cura em suas comunidades.*

Pelas mesmas razões, procuramos construir elos de ligação entre as pessoas de todas as fés. Não sugerimos que todas as fés, ou opiniões de qualquer tipo, sejam igualmente válidas. Não tentamos ignorar as reais diferenças existentes nos sistemas de variadas crenças das comunidades. Mas também não damos preferência às pessoas que tenham nascido em determinados sistemas de cultura ou fé que se alinhem aos nossos.

Não servimos só aos cristãos, e não fazemos parceria apenas com outros seguidores de Cristo. As emergências humanitárias são uma oportunidade para que os muros das diferenças religiosas sejam derrubados. Oferecemos um copo de água fresca a quem estiver com sede. Servimos sem qualquer noção de superioridade, e nenhuma outra intenção a não ser a de servir água. Fazemos parceria com todo aquele cujo coração está abatido pelas coisas que abatem o coração de Deus. Ao trabalharmos juntos para aliviar o sofrimento, indicamos o caráter e a presença do Deus sofredor em Jesus Cristo.

Reconhecemos a qualidade sacramental do nosso serviço. A Bíblia proclama que Deus está presente no sofrimento. O próprio Jesus disse: “Digo-lhes a verdade: O que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram” (Mateus 25:31–46). Vale a pena repetir esses fundamentos da nossa fé. Paulo afirma que procurou nada saber no meio daqueles a quem servia a não ser o Cristo crucificado – carregando seu pecado, pesar e sofrimento – Cristo carregando a devastação do mal demoníaco e humano e da injustiça (1 Coríntios 2:2).

Se isso for verdade, então há algo sacramental em servir a quem sofre. Um sacramento é um sinal externo e visível de uma graça interna e espiritual. Um sacramento é uma expressão tangível da presença de Deus. Acreditar que Deus está presente e suportando a dor de quem sofre, que nosso serviço em nome de Cristo é um sinal externo e visível da presença interna e misericordiosa de Cristo. Quando tocamos o sofrimento, participamos de um sacramento sagrado.

Assim sendo, ao invés de fugirmos do sofrimento, ou de esperar que nossa fé nos proteja do sofrimento, somos impelidos pelo Espírito de Deus a adentrar e compartilhar do sofrimento do próximo. Assim como o Pai enviou o Filho ao mundo para pagar o pecado e o sofrimento, e para derrotar o mal, nós somos enviados pelo Filho no poder do Espírito (João 20:21). Somos enviados para participar do trabalho de Deus para aliviar a dor, apaziguar o sofrimento, prover alimentos para quem tem fome, substituir as lágrimas por água limpa, levar a reconciliação onde há conflito, inspirar esperança em quem perdeu a noção de que o futuro está cheio de esperança e promessas. Nossos atos de amor tornam-se atos sagrados. E atos sagrados dão prova da presença de Deus no meio dos desesperançados, desesperados, sofredores e na morte.

A escolha de servirmos nos desertos e entre os conflitos de Darfur e da Somália, na devastação do Haiti, no Paquistão assolado por inundações, terremotos e conflitos, ou no caos do Afeganistão, obviamente implica um sacrifício, com frequência por parte das famílias da Visão Mundial ao invés de somente de um voluntário do serviço humanitário. O custo real e a noção de perda é um sofrimento que nossa equipe compartilha com os membros da comunidade, que também sofrem perda e separação familiar devidos às devastações econômicas e outras circunstâncias. O caminho da cruz é o caminho do sacrifício – mas também o caminho da comunhão. O sacrifício cria, não o vazio, mas a oportunidade de nos tornarmos expressões tangíveis do “corpo abatido e sangue vertido” de Cristo pelos necessitados. Nossa participação na assistência emergencial passa a ser uma forma de comunhão, tanto para nós quanto para aqueles a quem servimos.

*Nossa participação na assistência emergencial
passa a ser uma forma de comunhão, tanto para
nós quanto para aqueles a quem servimos.*

Persistimos com esperança resiliente. A fé cristã proclama que o sofrimento, o mal e a injustiça não são a última palavra na existência humana. Sabemos que um dia todo o pesar irá terminar, todo sofrimento terminará, todo mal será banido e todas as lágrimas serão enxugadas (Apocalipse 21:3–5). Vivemos agora, enquanto isso, quando toda a criação geme em angústia na espera da realização da redenção do mundo. Mas vivemos agora à luz de um futuro certo.

Essa é a confiança não agressiva na qual a Visão Mundial serve. A esperança amável é que caracteriza nossas vidas e trabalho. Queremos servir com uma alegria amável, sabendo que participamos de um privilégio sagrado quando cuidamos de quem sofre. Tocamos a eternidade oculta sob os horrores da guerra, desastres e vidas humanas devastadas pela fome. Nosso pequeno serviço é prestado em sinal de que um dia esse sofrimento terminará. Estamos dando provas do futuro quando “tudo ficará bem e todos os modos das coisas ficarão bem” nas palavras de Julian de Norwich.

Porque estamos tentando atingir a eternidade, não podemos evitar nos engajar espiritualmente com as pessoas. Pedimos aos nossos funcionários que façam orações, embora em silêncio, para aqueles com quem trabalhamos, e por nossa resistência e sabedoria. Oramos para que o Pai misericordioso, o Salvador sofredor, e o Espírito conselheiro nos apoiem. Oramos para que o Reino de Deus venha para enfrentar as forças do mal que contribuem para o sofrimento das pessoas. Nosso engajamento espiritual com as pessoas é engrandecido ao provermos oportunidades para conversar sobre questões e recursos espirituais mais profundos que possam ter, explorando juntos como lidar com as questões de fé e esperança, perdão e o futuro. É ainda mais aprofundado quando elas nos convidam para orar com elas.

Isso cria uma liberdade para que crescamos juntos na nossa dependência de Deus. Quando as pessoas veem nossa dependência, nós lhes damos esperança. Caso contrário, podem ser levadas a pensar que nossa capacidade de cuidar provém da afluência e cidadania, e não de nossa humanidade compartilhada; nossa peregrinação comum; nossa noção de que o sofrimento de uma região fere o mundo inteiro e a cura de um traz maior riqueza para todos; nossa espiritualidade e discipulado; e nossa dependência em Cristo que nutre nossa capacidade de servir. Queremos que os outros vejam que permanecemos juntos em uma carência comum. Com isso estendemos a eles igual acesso à esperança.

A resposta da Visão Mundial para o sofrimento, injustiça e emergências humanitárias expressa a oposição sagrada de Deus a tudo que inibe as pessoas de viver a vida em toda sua plenitude. Quando enfrentamos problemas que parecem ser intratáveis e sofrimento insuperável, servimos com a ousada confiança de que estamos seguindo pela vontade e nos caminhos de Deus.

A resposta da Visão Mundial para o sofrimento, injustiça e emergências humanitárias expressa a oposição sagrada de Deus a tudo que inibe as pessoas de viver a vida em toda sua plenitude.

CONCLUSÃO

Esperança realizada

**Testemunho extraordinário de maneiras ordinárias:
O que gostaríamos que as pessoas falassem sobre nós**

*Não é raro parecer que os pessimistas e céticos estão com todos os
“fatos” no lado deles. No entanto, você insiste na esperança.
Por que você continua tão alegre com esperança?*

O Evangelho nos convoca a dar graças em e por tudo, para nos alegrarmos sempre, e estarmos sempre preparados para contar sobre a esperança que vive em nós. Nada é mais contundente do que testemunhar a esperança alegre no meio de grave dificuldade. De muitas maneiras, o produto almejado pelo trabalho da Visão Mundial é a alegria decorrente de saber que as esperanças das pessoas foram realizadas. O que torna isso possível?

*“Nada é mais contundente do que testemunhar
esperança alegre no meio de grave dificuldade.”*

1. Por que você tem tanta esperança?

Há vários anos, Abuna Manuel, padre católico em Gaza, solicitou uma verba da Visão Mundial para a compra de um equipamento de

playground. Essa solicitação não atendia bem às prioridades do programa e dos planos operacionais. De todas as coisas que faltavam em Gaza, atendimento de saúde, empregos, alimentos seguros, condições sanitárias, para não falar de paz e justiça, os brinquedos de playground pareciam ser algo frívolo. Quando estive em Gaza, perguntei sobre isso, e fiquei surpreso com a resposta inteligente. “Brincar é a porta para o riso, o riso leva ao caminho da alegria, e alegria é a porta para a esperança. Sem esperança não temos vida. As crianças de Gaza se esqueceram de como brincar. Precisamos ajudá-las a brincar novamente”.

Nosso objetivo não é simplesmente ajudar as crianças a serem pequenos adultos, com dons para os negócios e liderança comunitária. Jesus nos convoca para ajudarmos as crianças a serem crianças novamente. Seus seguidores, diz ele, devem receber o Reino como pequenas crianças, e assim somos chamados para recapturar tudo nas crianças que encanta a Deus.

A alegria é um fruto do Espírito (Gálatas 5:22). O Evangelho entoava a retumbante canção “graças a Deus, que em Cristo sempre nos liderou em procissão triunfal, e através de nós espalha por todos os cantos a fragrância que exala porque o conhecemos” (2 Coríntios 2:14). Essa canção de louvor ecoa a canção eterna perante o Cordeiro de Deus no livro A Revelação de Jesus Cristo.

Celebramos o Evangelho como a proclamação de uma esperança tão sólida, que nada a pode abalar. “Recebemos um reino inabalável” (Hebreus 12:28). Somos admoestados em 1 Pedro 3:14–15: “Não temam aquilo que eles temem não fiquem amedrontados, santifiquem Cristo como Senhor em seu coração. Se alguém vos perguntar a razão da vossa esperança, estejam sempre preparados para responder, com delicadeza e respeito”. Ao fazê-lo, esperamos incutir na mente das pessoas as perguntas para as quais a resposta é Jesus. Uma dessas perguntas é certamente: “O faz você ter tanta esperança”?

Eu tenho esperança? Você tem? O que precisa acontecer na minha vida para que eu tenha uma esperança resoluto? Se a esperança é fruto das minhas circunstâncias, então a esperança será tão precária quanto as ameaças potenciais à minha situação atual – um acidente? uma doença? um ataque?

Não raro parece que a solidez de nossa esperança depende da solidez da nossa poupança e de todos os nossos sistemas de segurança pessoal, física e emocional. Para a maioria dos pobres do mundo, esse tipo de esperança é impossivelmente inacessível. Existe alguma esperança para quem vive sob constante ameaça, ou seriam as únicas opções a violência do desespero ou o câncer do ceticismo.

Se a esperança inabalável é viável, como vivê-la, especialmente se sentirmos que nossas próprias vidas estão emaranhadas em um sem fim de problemas, dor e transtornos? Quando nos sentimos presos na armadilha das circunstâncias, como podemos acessar a esperança, e ainda mais, levar esperança aos outros?

A tensão da teia de aranha. Quando Israel ficou cativo na Babilônia, Deus deu ao povo palavras profundas de orientação através do profeta Jeremias. Esses versículos têm sido a fonte de consolo de povos sofrendores há milhares de anos: “Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês, diz o Senhor, planos de fazê-los prosperar e não de lhes causar dano, planos de dar-lhes esperança e um futuro” (Jeremias 29:11). “Esperança” em hebraico é uma maravilhosa palavra ilustradora, que descreve a tensão existente em uma teia de aranha. Quando a teia se desconecta em uma ponta, fica fraca e se rompe facilmente. Quando firmemente ancorada entre dois pontos, e bem esticada, a teia consegue suportar muito peso. A esperança, então, é estar esticado entre dois lugares – firmemente ancorado tanto no presente quanto no futuro.

Quando nos sentimos encurralados em uma teia de circunstâncias, os próprios fios daquela teia constituem um caminho para a esperança. Conforme o Livro dos Hebreus no Novo Testamento diz, a esperança que temos em Jesus Cristo é uma “âncora da alma, firme e segura, a qual adentra o santuário interior, por trás do véu, onde Jesus, que nos precedeu, entrou em nosso lugar” (Hebreus 6:19-20). Uma âncora totalmente digna de confiança! Firmemente segura nos céus! Pela misericórdia de Deus, nossas vidas estão seguras com uma firme esperança fixada em um futuro totalmente bom. Às vezes, um sentimento cristão de esperança inabalável pode ser irritante. Todos nós passamos por momentos quando alguém diz: “Seja mais realistas. Como

pode ter tanta certeza”? A tensão em uma teia de aranha explica essa esperança em um mundo maior.

Há muitos anos, nossa filha precisou interromper a leitura de um capítulo muito interessante do livro, porque estava na hora de dormir. Eu insisti que estava na hora de dormir. Ela respondeu: “Não há porquê apagar a luz. Estou no meio de um trecho interessante, e se eu parar de ler não conseguirei dormir. Estarei mal-humorada amanhã quando levantar, provavelmente vou cair no sono durante a aula, e tudo será culpa sua porque ‘mandou que eu parasse de ler!’” Eu disse que tinha certeza de que ela era uma menina inteligente, que podia resolver seus próprios problemas, e que precisava apagar a luz nos próximos cinco minutos. Na manhã seguinte, ela desceu as escadas alegremente. E eu comentei: “Pelo que parece você dormiu muito bem essa noite. Como você resolveu o problema do livro”?

Ao que ela respondeu: “Foi fácil, papai. Foi só ler o último capítulo! Assim eu fiquei sabendo o fim, e dormi super bem. Eu pensei que iria estragar o livro, mas ao contrário, mal posso esperar para ler o resto hoje à noite, para saber como o autor faz para livrar os personagens do enrosco que estavam quando eu interrompi a leitura – e chegar a um ótimo final”.

Eu percebi, na forma como minha filha resolveu seu dilema, que Deus resolveu o nosso de maneira semelhante. Somos o povo que leu o Último Capítulo (ou mais precisamente, a última página do Prefácio). Conhecemos nosso futuro pessoal: Um dia vocês estarão na presença de Deus trajando a glória de Cristo (Colossenses 3:4). Nós também conhecemos o futuro do mundo: “Com os quais ele viverá. Eles serão os seus povos o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus. Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor. . . . Estou fazendo novas todas as coisas” (Apocalipse 21:3–5).

2. Vivendo sem medo e se rebelando contra o *status quo*

Em última instância, no final do livro dos nossos dias, nada temos a temer. O futuro não nos reserva terror nem miséria. O curto prazo é totalmente

coberto por dramas, perigos, com o desconhecido – provavelmente repleto de grandes alegrias e profundos pesares. Mas porque conhecemos o Último Capítulo, podemos percorrer os demais capítulos com um prazer de antemão, vivendo até mesmo nossa dor ao máximo, querendo vivenciar e aprender com tudo que passamos a caminho do glorioso futuro que está por vir.

Os horrores da violência e do terrorismo no nosso mundo podem nos fazer perguntar se nós demos atenção à Comissão Presidencial dos Estados Unidos sobre a Fome Mundial de 1980:

A força mais potencialmente explosiva no mundo de hoje é o desejo frustrado dos pobres de chegar a um padrão de vida decente. . . .

A promoção do desenvolvimento econômico em geral, e a superação da fome, em particular, são tarefas muito mais críticas para a segurança nacional do que a maioria dos autores de políticas reconhecem ou até mesmo acreditam. Desde o advento das armas nucleares, ficamos condicionados a equiparar a segurança nacional com o potencial das forças militares. Esse pensamento é uma ilusão simplista.

A esperança não faz com que cedamos ao sofrimento, ou nos resignemos ao “nosso quinhão na vida”. Ao contrário, a esperança nos libera para vivermos em alegre rebelião contra tudo que impede que a vida seja o que Deus pretende que seja.

*Ao contrário, a esperança nos libera para
vivermos em alegre rebelião contra
tudo que impede que a vida seja o que
Deus pretende que seja.*

Conhecer o Último Capítulo faz toda a diferença! Minha esposa e eu visitamos o campo de refugiados Khao I Dang, onde cem mil cambojanos se sentiam infelizes entre um passado violento e um futuro

incerto. Nunca pudemos esquecer do canto na igreja de Jesus Cristo para Refugiados, onde se reuniam durante horas para cantar. Sentimos que seu louvor a Deus era como alimento e nutrição para eles. Depois de um desses serviços, minha esposa conversou com Samnang, um cambojano cuja esposa fora estuprada e morta na frente dele por um militante do Khmer Rouge. O filhos morreram, um por um, ao fugirem com ele para a Tailândia. Agora, solteiro, ele vivia no campo de refugiados sem um país, família, lar, posses, e nenhuma esperança de ser apadrinhado por um terceiro país. Seu futuro se resumia a esperar no campo de refugiados até que a política internacional o forçasse a voltar para o Camboja. Minha esposa perguntou em voz baixa: “Samnang, como você consegue enfrentar tal futuro”? Ele respondeu com grande paixão: “Jesus é meu futuro, e ele basta”. Samnang testemunhou que esperança – a esperança misteriosa, a esperança confusa, e até a esperança alegre – podem ser mantidas no meio das realidades de dor e sofrimento mais duras da vida. Nós, na Visão Mundial, não precisamos nos isolar da vida para preservarmos nossa esperança.

Confiança ousada. Somos liberados para viver através das nossas dificuldades presentes com ousadia e confiança. Paulo proclamou aos cristãos romanos perseguidos a boa nova de que com fé temos misericórdia, somos cercados da bondade e da misericórdia de Deus “nos gloriamos na esperança da glória de Deus. Não só isso, mas também nos gloriamos nas tribulações, porque sabemos que a tribulação produz perseverança; a perseverança o caráter, e o caráter a esperança. E a esperança não nos decepciona, porque Deus derramou seu amor em nossos corações, por meio do Espírito Santo que ele nos concedeu” (Romanos 5:1–5 *NVI*).

Podemos entender o regozijo na esperança, mas o regozijo no sofrimento é uma dádiva extraordinária. Nós nos regozijamos porque até o sofrimento pode dar fruto em nossas vidas, e porque nada nos separa do amor de Deus. O Espírito de Deus nos inunda com o amor de Deus, fazendo-nos lembrar que tudo ficará bem. A própria esperança é um fruto do Espírito – uma dádiva que provém do poder que Deus preencheu em nossas vidas.

*Podemos entender o regozijo na
esperança, mas o regozijo no sofrimento
é uma dádiva extraordinária.*

Nosso mundo está cheio de pessoas encurraladas. Temos o privilégio de permitir que o Espírito de Deus nos dê visão, coragem e criatividade para responder com os recursos de Deus. É assim que testemunhamos a esperança credível da vinda do Reino de Deus. E é assim que aqueles que sofrem são testemunho de nós e de todos os santos de Deus. Fazemos tudo que podemos para retirar as pessoas de situações que as encurralem, não como uma fuga da vida, mas como um ingresso na plenitude da vida. Trabalhamos para remover todos os obstáculos para que, juntos, possamos seguir em frente na vida que Deus pretende para toda a humanidade.

Juntos nos regozijamos em esperança, e até nos regozijamos no sofrimento. Crescemos de força para força, estirados entre o tumulto do presente e a grande celebração do futuro que sabemos estar por vir, quando tudo será novo. O *dynamis* (poder) do Espírito constrói nossa capacidade de nos regozijarmos até mesmo no sofrimento (Romanos 5:3). O poder de Deus, focado através de nós nas vidas das pessoas que estão bem à nossa frente, traz alegria e esperança. Essa alegria flui de garantias e pequenas noções de que um dia, todas as coisas estarão bem. Cristo ascendeu. O Reino de Deus está perto. Nós levamos as boas novas para os pobres. Os cativos e oprimidos estão sendo libertados, tendo um novo começo. Agora, “Que o Deus da esperança os encha agora de toda alegria e paz por sua confiança nele, para que vocês transbordem de esperança pelo poder do Espírito Santo” (Romanos 15:13)

Sobre o autor

Tim Dearborn serve junto a Visão Mundial há mais de 10 anos, e é atualmente líder da Parceria para Compromissos Cristãos da World Vision International, integrando o gabinete executivo do presidente da WVI. Tem Ph.D. em Teologia Sistemática pela University of Aberdeen na Escócia, mestrado em Missões e na História da Religião pelo Fuller Seminary e pela Harvard University, e é formado em História pela Whitman College. Tim é ministro ordenado pela Igreja Presbiteriana (EUA) há 35 anos. Antes de seu cargo atual na WVI, serviu como professor nas instituições de ensino Seattle Pacific University, Fuller Theological Seminary, Regent College, University of Aberdeen, na Escócia, Faculté de Théologie Evangelique em Paris, e ainda na University Presbyterian Church em Seattle, como o primeiro pastor de Missões Urbanas e Globais. É autor de sete livros que versam sobre espiritualidade, globalização e assuntos relacionados a missões. Está casado há 40 anos com Kerry Dearborn. Têm três filhas já adultas, dois genros e vários netos.

Escritório Executivo

6-9 The Square Stockley Park
Uxbridge Middlesex
UB11 1FW
Reino Unido

Escritório de Contato Internacional

Chemin de Balexert 7-9 Case Postale 545
CH-1219 Châtelaine
Suíça

Escritório de Contato da União Europeia

Avenue Livingstone 33 1000 Brussels,
Bélgica

United Nations Liaison Office

919 2nd Avenue, 2nd floor
New York, NY 10017
EUA